UNIVERSO
DESCONSTRUIDO
FICÇÃO CIENTÍFICA FEMINISTA
VOL II

Universo Desconstruído

Ficção Científica Feminista

Organizadoras:

Lady Sybylla

Aline Valek

Ilustração da capa:

Theodore Guilherme

Ano:

2015

Introdução

Em 2013 surgia o Universo Desconstruído. Vindo da insatisfação, autores profissionais e acidentais se uniram para criar a primeira coletânea de ficção científica feminista brasileira. Uma ficção científica que não estereotipa, que não discrimina, que representa e mostra as infinitas possibilidades deste gênero.

Desta coletânea surgiu a vontade de subir o tom. Trouxemos, então, em 2014, a tradução do primeiro conto de ficção científica feminista já escrito, O Sonho da Sultana, por Roquia Sakhawat Hussein, que em 1905 previu carros voadores e uso de energia solar nas casas.

Universo Desconstruído é um manifesto. Uma luta. Uma vontade de ler e de fazer algo importante. Uma coletânea que mostra não apenas literatura, mas também possibilidades. Possibilidades de mundos, de personagens, de diversidade, de representatividade, em um universo literário coalhado de 'mais do mesmo'.

Torcemos por um mundo melhor e as artes podem nos mostrar este mundo que queremos.

Agradecimentos

O Universo Desconstruído é um projeto sem nenhum fim lucrativo. Nem sempre é fácil conseguir colaboradores, mas temos sempre pessoas por perto para nos apoiar e participar, gente que doou seu tempo para que esta segunda coletânea ficasse pronta. Tantas pessoas acreditam neste projeto, tanta gente ansiosa pelo segundo volume, que esperamos poder agradecer a todos propriamente.

Um agradecimento especial aos autores convidados e que se dispuseram a escrever e a colaborar com mais este volume. Sem essa dedicação, sem essa paixão pela escrita e pelo projeto, não tínhamos como continuar. Vocês deram vida e voz a personagens e causas, criaram mundos e pessoas incríveis. Sem vocês não haveria UD.

Muito obrigada ao Theodore Guilherme que se dispôs a fazer a capa e que também usou de seu tempo livre para participar deste volume. Foram muitas linhas de texto e vai e vem de ideias e esboços e rascunhos até chegarmos à esta capa que tanto nos representa. Fica aqui também um agradecimento a Ivan Mizanzuk, pois sem sua ajuda dificilmente teríamos o trabalho do Theo por aqui.

Muito obrigada também à Jules de Faria, pelo lindo prefácio e por seu importantíssimo trabalho no Think Olga.

E o nosso muito obrigada a você que lerá esta coletânea, que viajará por mundos, mentes e naves diferentes, que acredita no Universo Desconstruído e em uma literatura inclusiva e diversa.

Lady Sybylla e Aline Valek

Prefácio

Transformar um sonho em realidade, por si só, é um ato de coragem. Mas quando uma mulher se atreve a fazê-lo, começa ali uma revolução. Planta-se a semente de mudança que reverbera em todas nós, em todo o planeta.

As barreiras que enfrentamos são invisíveis, porém muito reais. Enquanto mulheres, o mundo que nos foi apresentado é o da subserviência. Precisamos ser puras, elegantes, delicadas, discretas... Dolorosamente corretas. Mudas, é como nos querem. Afinal, dessa forma cumprimos com nosso papel histórico de personagem secundário.

Portanto, a ousadia de dar um passo a frente e assumir o protagonismo normalmente é dolorida. "Você não quer ser aquela mulher rebelde", disse Roxane Gay. A voz dissidente é condenada, diminuída, ridicularizada. "Até perceber que você é sim essa mulher rebelde e não consegue ser ninguém além dela." E uma vez que nos apoderamos desse novo lugar, não há caminho de volta. O empoderamento feminino se espalha, com pressa e sem fronteiras. E empurra aquelas que estavam semi-prontas, nas beiras da transformação, esperando saber que podiam se jogar.

As mulheres precisam de exemplos de desbravadoras de novos espaços. É assim que saberemos que dá pra chegar lá. Que o caminho, mesmo quando é tortuoso, é possível de ser percorrido. A chance de êxito é ainda maior quando a jornada é feita de forma coletiva.

E não poderíamos ter um modelo inspirador tão poderoso quanto o Universo Desconstruído, agora em sua segunda edição.

Em um cenário em que a ficção científica é tomada pelo masculino - e tantos clichés, estereótipos e preconceitos de um status quo que fecha os olhos para a diversidade - as escritoras Lady Sybylla e Aline Valek não só desconstroem a realidade, mas redesenham um mundo onde somos acolhidas.

Com contos de 8 escritores reunidos, elas trabalham em duas frentes com formato corajoso e inovador: a representação e a representatividade feminina.

A representação se trata da maneira como mulheres ganham vida na obra. Substituem o lugar-comum, tão danoso, por humanidades. Não deveria ser algo tão complicado ou raro assim, mas é. E o Universo Desconstruído traz mulheres que são entendidas como pessoas e trazem toda a complexidade que isso acarreta. É libertador, para quem lê, saber que podemos ser mais do que nossos corpos sexualizados e objetificados. É libertador saber que podemos sair do pedestal e assumirmos,

sem culpa, nossas falhas e erros - imperfeição que temos não porque somos mulheres, mas porque somos humanas.

A representatividade é a parte em que a dupla mostra que, como mulheres, podemos também conquistar espaços onde até então as portas não estavam abertas. Dentro de um mercado entendido como masculino, elas fincaram suas bandeiras, pois compreenderam algo que mudou o jogo: se ninguém fosse contar as histórias que queriam ler, elas mesmas teriam que escrevê-las. Um entendimento precioso que semeia força e que vai desconstruir e reconstruir muitos outros universos mais inclusivos, mais igualitários por aí.

Jules de Faria

Think Olga

Sumário

Corpo Escuro

Jarid Arraes

Nas bandas do Cariri

Lá pro ano de 3000

Chegou-se uma novidade

Que o povo nunca viu

Um danado tratamento

Com fim de clareamento

Para a pele ele serviu.

Com a tecnologia

A ciência então criou

Uma intervenção aguda

E por ela enfim cobrou

Um valor caro lascado

De dinheiro bem juntado

Que o povo desembolsou.

Para que você entenda

Esse tal procedimento

Eu explico direitinho

O que era seu intento

De mudar a aparência

Com o toque da Ciência

E fazer transformamento.

Era um raio colorido

Numa cabine fechada

Que saía duma antena

Com a ponta emborrachada

Feito fosse um holograma

No comando do programa

Causando uma pele inchada.

É verdade que a procura

Era alta e bem constante

Quem a pele tinha escura

Com o modo impactante

O cabelo transformava

Mais a pele clareava

De maneira impressionante.

Jana então ouviu falar

Dessa grande novidade

E achando interessante

Foi no centro da cidade

Procurar o hospital

Pra saber do capital

E da viabilidade.

Precisava do dinheiro

Precisava de coragem

Pois era uma decisão

E mudança de imagem

Sem ter como desfazer

Sem poder se arrepender

Bem pior que tatuagem.

Mas a Jana se odiava
Se achava muito feia
Não queria aquela pele
Do cabelo estava cheia
Almejava a cor bem clara
A mudança na sua cara
Feito a luz duma candeia.

Para juntar o dinheiro
Foi atrás de trabalhar
Em serviço ultrapassado
Bem puxado pra cansar
Coisa dos anos 2000
Que a Jana nunca viu
Porque só ouviu falar.

Fez trabalho de limpeza
Pra quem não tinha dinheiro
E por isso não pagava
Por um robô faxineiro
Jana era a empregada
Mais barata e dedicada
Esfregando o dia inteiro.
Trabalhando dia e noite
Não podia nem dormir
Engolia um comprimido
Para o corpo sacudir
E ficava era acordada

Se sentindo incomodada

Quase em ponto de implodir.

Quando tava se cansando

No espelho Jana olhava

O desgosto que sentia

Logo então lhe dominava

Não queria ser escura

Pois sentia a amargura

Jana então continuava.

Mas depois de muito tempo

O dinheiro ela juntou

Foi pagar o tratamento

Que enfim a clareou

A mudança foi gigante

E findou em ser chocante

Do tanto que se alterou.

Jana agora tinha a pele

Muito alva e bem rosada

O cabelo, antes crespo

Tinha dado uma alisada

E agora era amarelo

Fino como dum bruguelo

Jana estava transformada.

No começo foi feliz

E ficou muito contente

Percebia que as pessoas

Lhe tratavam diferente

Para tudo era chamada

A primeira convidada

Aclamada pela gente.

O trabalho era melhor

Logo era a contratada

Ninguém mais mudava lado

Quando vinha na calçada

Foi chamada de princesa

Confundida com francesa

Foi ficando emocionada.

Mas custou a perceber

Que existia uma tristeza

Crescendo no coração

De sua pobre mãe Tereza

Pois vivia no desgosto

Sem ainda ter exposto

Sua imensa estranheza.

Já não era a sua filha

A mulher que ali estava

Pois em nada parecia

Com a mãe que lhe amava

Era agora uma estranha

A distância era tamanha

Que as duas separava!

Pois Tereza ainda tinha

Sua cor original

Seu cabelo ainda era

Enrolado e natural

Isso jamais mudaria

Como o hospital queria

Que nem isso fosse um mal.

Ela nunca concordava

Com aquilo que era dito

Não achava que ser claro

Era muito mais bonito

Dinheiro não pagaria

Nem se modificaria

Pois não era seu intuito.

Quando Jana percebeu

O que estava acontecendo

Se sentiu desanimada

Pois enfim estava vendo

O seu erro cometido

Sem jamais ter debatido

O que Jana foi fazendo.

Mas agora se sentia

Muito triste e desolada

Vendo sua mãe distante

Sempre tão decepcionada

Não podia consertar

Não podia mais mudar

Aquilo que se tornava.

Foi ainda ao hospital
Pela chance de tentar
Perguntar do tratamento
Se podia um jeito dar
E voltar ao natural
Ao seu corpo original
Antes de se transformar.

Mas sabendo que era tarde
E não tinha mais um jeito
Lamentou pela existência
De tamanho preconceito
E sentindo-se acabada
Declarou-se derrotada
Por tudo que tinha feito.

Jana agora compreendia
A beleza que ela teve
Que não era apenas dela
Nem só nela se deteve
A família era inteira
Sua inspiração primeira
Mas daquilo se absteve.

Sentiu falta do cabelo
Do volume e da textura
De sua pele que brilhava
Como fosse uma pintura

E enfim nesse momento

No final entendimento

Quis voltar a ser escura.

Muito pranto ela chorou

Tão sozinha a desejar

Que pudesser novamente

Com a mãe se espelhar

Dar um fim nesse desvelo

Acordar do pesadelo

E feliz comemorar.

Era tanto e tão profundo

O seu grave sofrimento

Que acabou foi provocando

Reações num elemento

Que no seu sangue corria

E no corpo garantia

Todo o seu desbotamento.

Depois de sentir a dor

E até mesmo desmaiar

Jana despertou confusa

Quase até sem enxergar

Mas sorriu agradecida

E ficou emudecida

Pelo que foi constatar.

Toda a sua aparência

Tinha voltado ao normal

Novamente era escura
Com cabelo natural
Muito como a mãe amada
Que ficou emocionada
Por de novo ser igual.

Jana por fim decidiu:
Nunca mais se enganaria
Nem no ano de 8000
Algo assim repetiria
Nem com raio e holograma
Nem com pílula e programa
Na cilada cairia.
No Cariri e no mundo
É escura essa lição
Com palavras em negrito
E sem padronização
Toda Jana tem beleza
Tem a força de Tereza
E também tem perfeição.

Ao invés de branquear
E mudar a pele escura
Que se crie um tratamento
Pra mudar a estrutura
Da mente robotizada
Pro racismo programada.

A Empresária que Vendia Sonhos

Fábio Kabral

Todo sonho tem seu preço.

Quando ela sonhou pela primeira vez, uma tranquilidade caótica se espalhou por toda parte.

Quem dormia, acordou gritando; muitos vomitaram na hora, enquanto outros apenas sangraram pelos olhos e ouvidos até morrer. Quem estava acordado, caiu duro no chão e se convulsionou enquanto sofria pesadelos. Alguns jamais acordaram. A Cidade das Alturas jamais se esqueceu daquela madrugada do dia 13, quando Fayolah Mwanga, antes mesmo de nascer, teve seu primeiro sonho; todas as almas da Cidade, vivas e não-vivas, tiveram um vislumbre da tranquilidade primordial que existia antes de o mundo ser cuspido do caldo fervilhante da Criação - antes de os espíritos mais antigos acordarem daquela soneca chamada eternidade.

Aliás, certos espíritos ficaram interessados no nascimento da menina; várias sombras do mundo dos sonhos se remexeram um tanto, ansiosas pela nova era de escuridão que estava por vir.

Na verdade, tranquilidade suprema de caos irresistível, que havia se esparramado por todos os cantos, durou bem pouquinho; já no instante seguinte, a Cidade voltava a respirar aliviada. Apesar das pessoas que não acordaram nunca mais. Naquela madrugada do dia 13, Fayolah Mwanga nasceu, saudável, no Hospital dos Espíritos Elevados, no Setor 10 da Rua Treze, sem berrar nem chorar. Nasceu dormindo. Sonhando.

- Quanto está disposta a pagar pelo maior sonho de toda a sua vida?

Sentada em sua cadeira ornamentada flutuante, diante de sua mesa do Departamento de Mídias Oníricas, no grande salão da agência Ndoto Ya Abaju, na pirâmide espelhada da Torre Ndoto, no Setor 10 da Rua Treze, a Diretora Fayolah Mwanga aguardava uma resposta da pessoa com quem falava ao celular. Mesmo sentada, Fayolah era a maior pessoa da sala, pois era uma mulher alta, a mais alta da qual se tinha notícia; possuía um black power grande, bem grande mesmo, preso para trás com um arco de cristal transparente brilhante; seus fios crespos eram verdadeiramente negros, assim como a sua pele, mais escura que a mais bela noite de estrelas - o que era indicativo de sua altíssima posição social; ela vestia um terninho e calça azul escuros bem ajustados, com camisa branca por debaixo, e colares de conchas que pareciam sussurrar quando se chegava perto. Mas, acima de tudo, o que mais se destacava em Fayolah era o seu enorme sorriso.

O sorriso que parecia preencher todo o salão da Ndoto Ya Abaju, a maior agência de relações públicas espirituais da Cidade das Alturas. No grande salão, trabalhavam as diversas equipes da agência, do Departamento de Consumo Holográfico ao Marketing Espiritual, passando pela Publicidade Animista até os Patrocínios Ancestrais, e havia jornalistas sensitivos, redatores telepatas, analistas tecnopatas, publicitários vampiros psíquicos e vários outros profissionais com diversas outras habilidades psíquicas. Todas e todos trabalhando em seus computadores e dispositivos, alguns gritavam ao telefone, outros gritavam telepaticamente, corriam apressados, berravam ordens, realizavam preces e disputavam firme pra ver quem surtava de forma mais vistosa e escandalosa. Porém, todas e todos, quando passavam na mesa de Fayolah Mwanga, recebiam um enorme sorriso da Diretora, e se derreteriam ali mesmo, encantados, se não tivessem prazos para cumprir.

Ao redor de Fayolah Mwanga, estava sempre o pessoal de sua equipe, de camisa e terninho, coloridos, crespos, óculos, tranças, turbantes, peles pretas e marrons. Aguardavam, atentos às palavras que seriam ditas, a qualquer momento, do celular oval brilhante que levitava pouco acima da sua senhora Diretora.

Todos estavam tanto na expectativa que acabaram tomando um susto quando apareceu de repente, materializando-se em pleno ar na sala, uma mulher gorda, com longos dreads, tilintando diversos colares em seus braços. Era a Chioma Iwunze, vice-Diretora do Departamento de Mídias Oníricas, que havia acabado de chegar. Ela foi direto até a Fayolah Mwanga, sua chefe, e disse:

- Ai, Fayolinha! A que pé estamos?

Amuna Thula, magricela e trêmulo, e terceiro em comando do Departamento de Mídias Oníricas, respeitosamente fez sinal de silêncio para a sua superiora. Mas Fayolah respondeu apenas com um sorriso e uma piscadela. Chioma deu uma tremidinha de emoção.

A certa altura, as demais equipes, embora se convulsionando naquela correria enlouquecida, olhavam de soslaio para a mesa da Fayolah, aqui e ali fingiam estar trabalhando nos seus projetos, mas estavam é querendo saber a resposta que estava por vir, até que todas e todos os crespos pretos e marrons do salão pararam de vez o que estavam fazendo para aguardar o que seria dito. O único som que se ouvia era Fayolah digitando, sorridente, em seu computador.

Até que:

- Sim - disse uma voz feminina do outro lado da linha, com muita autoridade e respeito - Aceito.

Uma explosão de palmas. De todas as equipes do salão. Vencemos a concorrência!, a firma Ngura é nossa!, gritava a vice-Diretora Chioma, gritava o Amuna Thula, gritava toda a equipe de Mídias Oníricas perante os embasbacados funcionários da Ndoto Ya Abaju. Só não estava gritando a Diretora Fayolah, que apenas sorria - com a boca e com os olhos.

Havia um tempo, anterior a todos os outros tempos, em que eu queria o seu amor. Só que a minha vontade é mais antiga que os sonhos mais velhos do mundo - por isso que não importa mais.

Eu era a serpente na água. Eu já sonhava antes mesmo de nascer. Nas águas frias de escuridão primordial, eu precisava me esparramar. Vocês, espíritos mortos, são bonitos de se ver; sim, são sim. Vocês odeiam bastante. Vocês amaldiçoam todas as coisas estúpidas que fizeram em vida. Vocês roubaram, vocês traíram, vocês violentaram, vocês mataram. Vocês fugiram, sim, fugiram para dentro de si mesmos. Não é prazeroso afundar na lama do fracasso? Vocês se lambuzam nas negatividades que odeiam e amam ao mesmo tempo. Eu sei, eu vi, eu senti. Eu serei a serpente na água, a voz do silêncio que nada na suprema tranquilidade destes sonhos de inexistência.

O televador teleportou Fayolah Mwanga, Chioma Iwunze e Amuna Thula para o térreo da torre Ndoto, e daí elas e ele desceram as escadarias para por os pés naquele meio-dia ensolarado da Rua Treze.

A Rua Treze era a maior e mais movimentada avenida da Cidade das Alturas; cortava toda a Cidade, das fronteiras selvagens do Setor 1 aos requintes centrais do Setor 13, uma rua imensa de pedra lisa recortada na qual passavam carros losangulares flutuantes, e em cuja calçada de pedra porosa circulavam pessoas sem parar; em toda a extensão da Rua treze, havia um montão de árvores, arbustos recortados, samambaias gigantes, palmeiras acrobáticas, cactos espalhafatosos e vários outros tipos, plantadas nas calçadas, nas paredes dos prédios, flutuando em vasos metálicos, exalando cheiros doces e abafados se misturavam e se esparramavam do início ao fim da Treze. Era horário de almoço, e ali no Setor 10, por entre os arranha-céus e pirâmides espelhadas, executivas de terninho e corporativos engravatados falavam e gritavam em seus celulares, ou falavam e gritavam telepaticamente, usavam ternos recortados com cores geométricas, dreadlocks e black powers, andavam apressados, ou flutuavam, ou faziam flutuar as coisas ao seu redor, alguns voavam mais rápido que os carros, outros corriam mais rápido que todos, e aqui e ali propagandas holográficas pipocavam em todos os cantos, cremes, perfumes, videogames, filmes, danças, resultados dos jogos de ontem de futebol espiritual, um apresentador afetado dizia as últimas fofocas, etc. etc., as pessoas seguiam seus trajetos, pessoas crespas, peles pretas, todas, dos amarronzados mais claros aos muito negros como a Fayolah, nariz, boca e cabelos, traços negroides dos descendentes do Continente, do Mundo Original, onde tudo se iniciou, com a graça dos espíritos.

Até a imagem holográfica da Presidenta Nangana aparecer no alto dos céus. E todas e todos pararam imediatamente o que estavam fazendo e olharam para cima.

- A Presidenta… - disse Anuma Thula, embasbacado.

- Fica quieto! - exclamou a Chioma - Vamos escutar!

Na Cidade das Alturas, as Corporações eram o governo. Nunca existiu aqui cobrança de impostos, uma vez que jamais existiu serviços públicos; tudo prestado pelo governo era privado - com diversos serviços básicos e planos de assistência distribuídos gratuitamente pelas empresas para a população comum em situação de recursos escassos, conforme manda a tradição. As grandes empresas, lideradas por corporativos e empresários das linhagens mais antigas e tradicionais, descendentes diretos dos grandes espíritos, estabeleceram a Constituição Corporocrática, de acordo com os ditames estabelecidos pelos ancestrais. E as Corporações eram chefiadas pelo conselho das CEO anciãs, as governantas da Cidade das Alturas. O conselho era composto pelas treze matriarcas dessas treze maiores linhagens, as treze senhoras cujos dons espirituais eram tão imensos, tão magnânimos, que eram superadas somente pelos grandes espíritos ancestrais.

A Presidenta Nangana, matriarca da linhagem Nangana, era a líder do conselho de CEO anciãs e a pessoa mais velha de toda a cidade. Quando a sua imagem holográfica de senhora de vestes brancas e colares surgiu no alto dos céus, todas e todos no Setor 10 imediatamente se ajoelharam à mais velha. E, sem precisar mexer os lábios, ela fez seu pronunciamento:

Minhas filhas amadas. Meus filhos dedicados. Primeiramente, gostaria de agradecer a presença de todas e todos na grande festividade de comemorações pela nossa Libertação Láurea. Estiveram todos presentes, fosse em corpo, fosse em alma, fosse em ambos. Em segundo lugar, gostaria de parabenizar a todas e todos por se esforçarem sempre em dar o melhor de si - a Cidade das Alturas cresce a cada dia, graças ao trabalho e amor de todas e todos. Afinal, somos descendentes das linhagens ancestrais do Mundo Original que vivem neste fascinante Mundo Novo, e nosso dever é elevar a obra dos antepassados à perfeição. E sermos felizes. Tenham todas e todos um excelente início de semana, e que o sangue dos espíritos nos fortaleça e nos guie, sempre.

Aos poucos, as pessoas foram se levantando e abrindo os olhos; em poucos minutos, estavam já todos falando alto no celular, andando apressados e voando e etc, a Chiome chegou para a fayolah e disse:

- E aí, chefe? Vamos almoçar onde? Fiquei sabendo que o Anuma tá todo animadinho pra ir lá naquele restaurante lá de bolinhos de pimenta, afinal, né, tem aquele garçom bonitão lá que o Anuma nem tá interessado, né…

- S-senhora! - embaralhou-se o Anuma - N-não é bem assim, é que…

- Vocês me divertem, crianças! - exclamou a Fayolah com um sorriso - Mas eu tenho um almoço marcado com a Lilanga Ngura.

- Ah - disse a Chiome, num muxoxo - Aquela…

- Ah, Chiome - disse a Fayolah acariciando o rosto de sua vice-Diretora - Não se preocupe. Eu sei me cuidar. Me encontrem direto na convenção mais tarde!

- Certo - disse a Chiome - Mas não é com você que estou preocupada… - Chiome então pegou o Anuma pela cintura e com ele desapareceu em pleno ar.

Do alto dos seus saltos de cristal prateado, Fayolah colocou seus óculos espelhados e chamou pelo táxi.

Piso com os meus próprios pés na lama, para que a lama do fracasso se submeta aos meus pés.

Adentrei na Selva Pálida. A lama esbranquiçada se espalhava por toda parte, espessa como melaço adormecido. Chovia. O odor apodrecido de carniça se erguia numa névoa que mais parecia um aglomerado de tentáculos translúcidos e envolventes. As folhas eram embranquecidas, os troncos, acinzentados. O próprio ar era branco como a morte. Adentro na Selva Pálida, pés descalços na lama, manto branco rasgado, escudo e lança em punhos, minha lança em forma de foice, lâmina prateada feita da mesma matéria dos meus rancores, meu escudo de serpente cuja indiferença me protegia de todos os espíritos malignos que deslizavam ao meu redor. Choviam as lágrimas de diversos arrependimentos. Adentrei na Selva Pálida, ansiosa para retalhar meu próximo adversário.

O Restaurante da Panela Ancestral era um dos mais tradicionais da Cidade das Alturas. Ficava no vigésimo primeiro andar da Torre Nangana, uma das mais altas pirâmides do Setor 11 da Treze, e proporcionava uma vista maravilhosa para a metrópole. O restaurante, em cujo espaço se destacavam as máscaras com olhos de safira azul nas paredes e os garçons robóticos em forma de estatuetas gigantes, era frequentado por artistas, celebridades, executivos de alto escalão e diversos outros figurões; todos ali possuíam dons psíquicos, lógico, uma vez que todas e todos de alta linhagem haviam despertado os poderes do sangue dos espíritos.

Enquanto que, no salão principal, atletas e artistas famosos brilhavam - literalmente, em alguns casos - em salas particulares mulheres e homens de negócios discutiam assuntos mais delicados e acordos mais sigilosos, com todo o luxo e privacidade de abafadores psíquicos que o estabelecimento podia oferecer.

Em uma dessas salas, em uma mesa circular de cristal coberta com tecido de moléculas instáveis de algodão selvagem, estava a Diretora Executiva Fayolah Mwanga, representando a Ndoto Ya Abaju, e uma moça de camisa branca, gravata e terno cinza-claros bem ajustados, de porte atlético, rosto bonito e tranças enraizadas; era a Diretora do Departamento de Tecnologia Espiritual da firma Ngura, Lilanga Ngura. Ambas degustavam, devagar, uma panela de calulu: peixe ancestral seco, tomates

verdes, alhos, quiabos, batata doce, espinafre e abobrinha flutuando num caldo fumegante de olho de palma, acompanhado de funge e feijão cinza; comiam em silêncio, até que Lilanga sorriu e disse:

- A senhora é realmente maravilhosa pessoalmente, senhora Mwanga.

- Obrigada! - respondeu Fayolah, sorrindo.

- Igualmente maravilhosa é a sua equipe, se me permite dizer - continuou ela - Muitos dos meus clientes também são clientes seus, e sempre me falam muito bem, alguns com empolgação escancarada, das experiências incríveis que experimentaram com os sonhos que vocês tecem com tanta habilidade, precisão e poder. Estou realmente impressionado!

- Obrigada novamente! - disse a Fayolah, terminando sua refeição - Reconhecimento nunca é demais, não é mesmo?

- Como vocês conseguem? - disse Lilanga, com os olhos brilhando - Por favor, me diga... Estou curiosa!

- Ora - Fayolah abriu um largo sorriso - Você não sabe? Sou uma mulher alta.

- Perdão?

- Que bonitinha você! - exclamou Fayolah, rindo - Mas, então, senhorita Ngura...

- ...pode me chamar de Lilanga, senhora - disse ela, abrindo um sorriso maior - Seria uma honra!

- Gracinha. Lilanga. Agradeço muito o convite! Então, me diga: o que estamos fazendo aqui?

- Ah, sim! - Lilanga começou a gesticular, meio teatral - A senhora é simplesmente uma das figuras mais famosas da cidade das Alturas! A maior tecelã dos sonhos de que se tem notícia nos últimos cem anos! Há várias pessoas importantíssimas que matariam para ter a honra de almoçar com a senhora.

- Obrigada, senhorita Lilanga Ngura - disse Fayolah, olhando nos olhos dela - A senhorita muito me agrada! Ainda, assim, é no mínimo curioso, não? Afinal, já acertamos tudo com a Presidenta Ngura, a senhora sua mãe... Aliás, nem mesmo precisávamos nos encontrar pessoalmente, pois é sabido que a senhorita é uma telepata habilidosa, isso é sabido!

- A senhora tem razão, senhora Mwanga - disse ela, também olhando nos olhos dela - A senhora tem toda a razão. Diga-me: é notório que a senhora possui um profundo de desgosto por dispositivos de escudo mental, não é isso?

- É... Dão um zunido bastante desagradável! Os abafadores desta sala já me incomodam um pouco... Mas a senhorita já sabia disso. Lilanga.

Lilanga Ngura então abriu um sorriso ainda maior. E disse:

- Sim, eu sabia. Assim como eu sei que a senhora minha mãe já está há muito tempo no cargo que ocupa. Assim como você, senhora. Só que essa estagnação de ideias é ruim para os negócios. Não

concorda? - de súbito, ela levou os dois indicadores à própria testa, antes que Fayolah pudesse reagir - Portanto, desde já, encarecidamente peço desculpas por…

…mergulhar em águas que mais pareciam lama espessa e esbranquiçada; afundava-se rapidamente, tragado por pedaços de vazio incolor que se enrolavam ao redor das pernas e o puxavam para baixo. A moça de terno cinza e tranças enraizadas abriu um sorriso no momento em que seus olhos de safira negra brilharam e despedaçaram os pedaços de vazio que o tentavam agarrar; a moça de terno então nadou mais fundo por conta própria, e passou por serpentes mortas que flutuavam de cabeça pra baixo e olhos abertos, passou por bonecos de pano decapitados, carrinhos destruídos e cachorrinhos despedaçados; continuou nadando mais fundo, e mais fundo, até adentrar num quarto iluminado de paredes brancas manchadas com sujeira e lixo. Num dos cantos do quarto, havia uma garotinha alta, de black power enorme e vestido azul rasgado, toda encolhida com a cabeça afundada entre as mãos. De repente, apareceram nas paredes sujas umas bocas enormes, que começaram a gritar desaforos, xingamentos e impropérios de toda espécie; o homem olhava e ouvia ao seu redor, admirado e com um grande sorriso, enquanto a garotinha alta se encolhia mais e fungava lágrimas; foi então que os desaforos, xingamentos foram se ajuntando e aglutinando até tomarem forma de senhoras, de várias idades, mas todas com faces monstruosas, deformas, e com dentes pontiagudos e línguas bifurcadas apontavam dedos para a garotinha, e ralhavam e ralhavam sem parar, por eternidades sem fim, até que a moça de terno cinza não se aguentou e começou a gargalhar muito alto, mais alto que os xingamentos que inundavam o quarto, e começou a apontar dedos para a menininha e a proferir perversidades obscenas, e gargalhava e gargalhava, medonha, até que medonhamente a garotinha alta levantou a cabeça num grito e se jogou mais rápido que uma serpente no pescoço da moça de terno cinza, e com uma voracidade animalesca começou a lhe devorar a garganta, enquanto as senhoras feitas de xingamentos foram se recolhendo assustadas para dentro das bocas nas paredes, que foram desaparecendo, e o único som que se ouvia era a garotinha mastigando pedaços da moça de terno cinza, e a garotinha continuou mordendo e arrancando nacos de carne e os engolindo inteiros, a moça de terno não conseguia gritar com a garganta devorada, mas sentia cada mordida, sentia uma dor tremenda e queria muito gritar para colocar toda aquela loucura para fora, mas não conseguia, e a garotinha foi devorando-a, bem devagar, e a moça tudo sentia, e a garotinha foi devorando e devorando...

...desculpas aceitas - disse Fayolah, abrindo os olhos - Afinal, a refeição estava ótima, obrigada. Senhorita Ngura, Fayolah usou um lenço para limpar o filete de sangue que escorria no canto da boca; se levantou, pegou sua bolsa e saiu. E Lilanga Ngura ficou ali, parada onde estava, de olhos bem abertos. Apenas respirava e nada. Mais tarde, quando a acharam, demoraram algumas horas para entender que, na verdade, Lilanga Ngura estava dormindo. E então, demorariam alguns anos para entender que, na verdade, ela jamais acordaria.

Nós vamos cobrar o preço. Kakueje, a Pálida, está de olho. Você que nasceu nas águas primordiais do tempo, você tem sua obrigação para cumprir. Nós vamos cobrar o preço.

A Conferência de Ancestralidade Tecnológica, que ocorria no galpão da empresa de cosméticos Lubanga, no Setor 11 da Rua Treze, estava repleta de mocinhas e jovenzinhos de todas as idades, que corriam ou voavam pra lá e pra cá, trancinhas e blacks se agitando loucos, empolgadíssimos com as últimas novidades em tecnologia ancestral; havia também senhoras e senhores adultos, muito importantes em seus ternos, togas e mantos, turbantes e coroas crespas super elaboradas, donas e donos de empresas e marcas famosas - Nangana, Namba, Ngura, Gambalisita, Gambaguirumba, Lubanga, Mwiananga, e várias outras - altos funcionários das Corporações, devidamente acompanhados de seus lacaios de nariz empinado, perambulavam devagar por entre os stands e olhavam de soslaio para os produtos dos seus concorrentes, sorriam e se confraternizavam com drinques em mãos; ao mesmo tempo, nos campos infinitos do pensamento, explodiam combates violentos por meio dos dons invisíveis dessas senhoras e senhores que descendem dos grandes espíritos.

Sentados em seus tronos nos reinos invisíveis do pensamento, no alto das maiores pirâmides espelhadas da Cidade das Alturas, estavam os grandes espíritos. Eram as rainhas e reis ancestrais do Mundo Original, mães e pais das grandes linhagens, de todos os que possuem poderes paranormais. Os grandes espíritos energizavam o maquinário de crucial importância: usinas de geração de energia sobrenatural, as maiores fábricas de produção, os trens, os carros, computadores de toda espécie e dispositivos sem conta. Os espíritos estavam em toda parte, em todas as peças e equipamentos, em todas as máquinas, pois eram eles, os seres invisíveis, quem alimentavam e moviam toda a tecnologia da Cidade das Alturas, esta tecnologia ancestral herdada do antigo Continente, muito antes da invasão alienígena que sequestrou as pessoas para este Mundo Novo. Só que, eventualmente, os descendentes das rainhas e reis se rebelaram e liquidaram com os alienígenas pálidos, e estabeleceram moradia neste mundo estranho.

No salão principal da Conferência, onde as empresas participantes estavam realizando apresentações de seus produtos super inovadores de última linha e em cuja plateia se encontravam acionistas, conselheiros, agentes e diretores; chegou então a vez de Fayolah Mwanga sua equipe - a vice-Diretora Chiome Iwunze e Anuma Thula. Enquanto subiam no palco, Chiome cutucou a Fayolah e sussurrou:

- Tá atrasada! Quem se atrasa aqui sou! Tá louca! - Fayolah apenas soltou uns risinhos.

- E aí? - sussurrou novamente a Chiome.

- Oi? - Fayolah parecia distraída.

- Para de se fazer de boba!

- Ah! O almoço no Panela Ancestral.

- Fala logo…

- Foi… normal. Depois te conto!

- Humpf!

Os aplausos preencheram todo o salão e a conversa teve de ser interrompida. Enquanto o Anuma Thula fracassava em esconder seu nervosismo, a vice-Diretora Chiome Iwunze não fazia o menor esforço para ocultar a satisfação imensa que sentia por estar ali diante de toda aquela plateia de empresárias e acionistas tão ilustres. A Diretora Fayolah parecia leve, sorridente do alto de seus saltos de cristal prateado, a mulher mais alta da Cidade das Alturas mostrava-se ainda maior no palco, de forma que todas e todos se calaram quando Fayolah começou a falar ao dispositivo de microfone que flutuava bem na sua frente:

- Boa tarde, empresárias e empresários queridos da nossa fabulosa Cidade das Alturas! Primeiramente, agradeço a presença de todas e todos. Como bem sabem, sou Fayolah Mwanga, Diretora do Departamento de Mídias Oníricas da Ndoto Ya Abaju; e, como bem sabem, estou aqui, nesta tarde agradável de excelentes negócios, para apresentar às senhoras e aos senhores a novíssima versão do nosso Modulador de Sonhos; então, sem mais delongas, vamos ao Ndoto Modulador 6.0!

Aplausos e mais aplausos, enquanto dispositivos do tamanho de celulares e com o formato de máscaras tradicionais iam sendo distribuídos às senhoras e senhores da plateia. Fayolah tirou o salto, deu para o nervoso Anuma segurar, enquanto ela se sentava numa cadeira metálica inclinada; a Chioma também se sentou numa cadeira e fez um copo de água flutuar para a sua mão; um capacete de interface psíquica foi descendo até a cabeça de Fayolah Mwanga, e foi se acomodando no seu black power. Quando o capacete terminou a instalação, Fayolah disse:

- Conforme anunciado, todas vocês, senhores e senhoras desta magnífica plateia, que adquiriram o Ndoto Modulador 6.0 na pré-venda, estão recebendo, como brinde inteiramente grátis, meu Sonho #113, o qual teci e modulei nos reinos oníricos especialmente para esta fabulosa ocasião! Permitam-me, portanto, uma demonstração; apenas fechem os olhos, que farei todos vocês dormirem em poucos segundos…

...enquanto a menininha alta emergia da lama esbranquiçada, toda suja de sangue e pedaços de carne, a garotinha emergia e se transformava em uma serpente gigante de duas cabeças e com asas de escamas, erguia-se e sibilava sem voz, serpente de escamas cinzentas com os olhos brancos da morte, batia as asas a fazia a lama se levantar numa onda de melaço podre, o odor morto de pedaços mortos se esparramou pelo horizonte e alcançou a cidade, as crianças e idosos foram os primeiros a morrer vitimados pelo ar

venenoso, as pessoas adultas de terno e gravata olharam horrorizadas para as fronteiras além da cidade e vislumbraram a serpente gigante de duas cabeças com asas que se erguia, a serpente sibilava e o cérebro das pessoas começou a escorrer pelo nariz e ouvidos, o sangue que escorria dos mortos foi se aglomerando e tomando a forma de monstruosidades sanguíneas deformadas, o pânico era geral e as pessoas corriam em desespero, agarravam-se umas às outras e copulavam, sem fazer ideia do porquê, a serpente gigante de duas cabeças bateu as asas mais uma vez e a onda de lama esbranquiçada se levantou como um maremoto e inundou a cidade, a lama era ácida e foi corroendo os prédios e pirâmides, em contato com aquele melaço podre as pessoas iam sendo dissolvidas aos poucos, berravam de prazer extremo e sentiam orgasmos enquanto a carne e os ossos derretiam para se tornarem lodos putrefatos borbulhantes, o maremoto de lodo foi se adentrando na cidade até alcançar seu centro, alcançou um galpão onde havia umas senhoras e senhores distintos com cara aparvalhada, a lama esbranquiçada de melaço podre os banhou e os transformou em geleia de carne fedorenta, as cabeças gigantescas da cobra de asas apareceu e começou a lamber a geleia nojenta daquelas carnes derretidas em ácido, e sorriu com seus olhos brancos como a morte…

...e, sorrindo com seus olhos negros, Fayolah Mwanga desinstalou o capacete e foi se levantando, enquanto a plateia, aos poucos, ia se espreguiçando e acordando; quando viu que estavam todos despertos, Fayolah chamou para si o microfone flutuante, e, sorrindo, disse:

- E assim terminamos a apresentação da Ndoto Ya Abaju. Obrigada a todas e todos!

Aplausos, aplausos efusivos de executivos que iam se colocando de pé para aplaudir mais e mais, intensamente maravilhados e felizes, enquanto a mulher mais alta da Cidade ia deixando o palco, acompanhado de uma tranquila Chiome e de um trêmulo Anuma.

Do alto dos céus negros de nuvens fantasmagóricas, Kakueje, a Pálida, observa as travessuras da sua garotinha. E, quem pudesse estar nos picos mais altos encobertos por névoas frias e espíritos sinistros, talvez pudesse, se estivesse no reino intangível do pensamento, escutar as gargalhadas inaudíveis da Kakueje, a Pálida.

- ...e foi assim que a jovem sacerdotisa derrotou seus inimigos e conseguiu realizar seus sonhos. Fim.

Fayolah terminou de contar, e as crianças se agitaram eufóricas. Já pediam mais histórias. Eram cerca de vinte pequenas e pequenos, de trancinhas, crespinhos e roupinhas coloridas, sentados de mãos dadas numa roda, com a Fayolah Mwanga entre eles, também sentada e de mãos dadas, todos no centro de uma grande sala toda feita de madeira simples e envernizada, com o teto de palha de pedra das casas tradicionais do Continente. Uma brisa suave de início de noite se adentrava na sala para

também ouvir aquelas histórias de aventura de romance que Fayolah estava contando para aquelas crianças empolgadas com olhinhos brilhantes.

- Tia Fayolah! Tia Fayolah! - exclamava Miúra, uma das crianças - Conta de novo a história da princesa Kimanaueze!

- Conta a história da garota superpoderosa que derrotou o monstro devorador de mundo sozinha, a Lituolone! - exclamou Guianza, outra menina.

- Na verdade - disse Fayolah, se levantando - A tia tem que ir…

- Ahhh - exclamaram juntas várias crianças - Mas já?

- Sim. Mas eu voltarei. Em breve… Enquanto isso, fica como dever de casa: qual é o maior sonho de vocês?

- Quero ser que nem a senhora quando eu crescer! - exclamou a menina Miúra.

Fayolah sorriu. Beijou a testa da Miúra, da Guianza e das crianças mais próximas, e saiu da sala. E as crianças já começaram outra algazarra enquanto a porta se fechava. Fayolah caminhou pelo corredor, passou por salas onde professores davam aulas para crianças sentadas no chão. Pequenas e pequenos passaram por ela, correndo e brincando, enquanto os professores as conduziam para as suas respectivas salas. Foi então que viu um professor bem alto, quase tão alto quanto a Fayolah, de tranças curtas e camisa amarela, que estava parado na porta de uma sala chamando as crianças para a sua aula. Fayolah parou também na porta e ficou olhando para ele, que continuou chamando as crianças; quando a última entrou, ele avisou para as crianças esperarem um pouco, fechou a porta e aí sim se virou para a Fayolah, que disse:

- Oi pra você também, meu querido irmãozinho...

- Que bom que teve tempo para nos visitar neste humilde orfanato no Setor 5 - disse o homem alto que se chamava Fatouma - Achei que estivesse numa dessas conferências, passou hoje na televisão.

- Ah - disse Fayolah, sorrindo - Quer dizer que você resolveu acompanhar o trabalho da sua irmãzona? Fico feliz!

- Passou na televisão enquanto eu estava no escritório administrando este orfanato que você nos deixou. Você adora quando eu digo isto, não é? O orfanato que você mandou construir, e me colocou como administrador. Está feliz?

- Você não muda, não é irmãozinho? E aquele seu namorado, Horácio?

- Estamos bem, obrigado por se preocupar. Já que você não se preocupa nem um pouco com a nossa mãe, não é mesmo?

Fayolah parou de sorrir.

- Olha, Fayolah - continuou o Fatouma - Você sabe muito bem quais as consequências para o plano onírico se você e nossa mãe não se...

- Eu sei - disse Fayolah, interrompendo - Interessante. Tenho uma reunião agora, caro irmão. Vim só dar um pulinho rápido pra ver as crianças! Vou-me indo então. Fique bem!

E então ela simplesmente lhe deu as costas, enquanto ele meneava com a cabeça.

Ninguém pode fugir do seu destino para sempre.

O salão oval da Ndoto Ya Abaju era todo de paredes brancas, decorado com máscaras de olhos brilhantes, esculturas de bronze que respiravam e figuras de madeira esculpida que fungavam o nariz. No centro, havia a grande mesa redonda na qual ocorriam reuniões telepáticas com outras agências e empresas. Sentada de costas para a janela, na cadeira enfeitada que mais parecia um trono do Mundo Antigo, estava Fayolah Mwanga, acompanhada de sua equipe de Mídias Oníricas, todos de olhos fechados, respirando bem devagar. Estavam dormindo. Sonhando.

Passou-se algum tempo…

- Muito bem! Podemos então concluir que…

- Exatamente. O melhor curso de ação seria atrair nossos colaboradores usando…

- Quantos influenciadores estão falando da blogueira que postou aquele artigo sobre espíritos enlatados em cadáveres não-recicláveis?

- Nós deveríamos pontuar para uma possível queda de cliques nos compartilhamentos de fotos de gatinhos-dos-olhos-púrpura...

...a Chiome Iwunze soltou um suspiro de tédio, mas ninguém percebeu…

- Teremos que redefinir as estratégias de letramento junto com os setores de desencarga onírica…

- Aquele paspalhão, digo, aquele vloguer de óculos escuros que grita um monte de asneiras, digo, ponderações enérgicas, por onde será que anda?

- Poderíamos contratá-lo, acho uma boa!

- Poderíamos todos nos enforcar afogados em ácido ardente de serpentes venenosas do pântano dos pesadelos, acho uma ideia melhor ainda...

- Alguém aí pediu café da negra lua de céus esbranquiçados?

- Deveríamos tentar pautar neste encontro que precisaremos de um encontro para decidir qual a melhor maneira de organizar uma reunião para determinarmos as diretrizes da reunião que pontuará a próxima reunião antes da próxima para então nos sentarmos para a reunião de…

...e com isso encerramos a reunião de hoje. Muito obrigada, senhoras e senhores!

...até que todos abriram os olhos ao mesmo tempo.

Mariana Guimuza, a mais nova contratação da equipe de Mídias Oníricas, estava de olhos arregalados. A menina parecia imóvel, com as mãos fixas nos joelhos, mas quem olhasse direito percebia que o black power da moça tremia. Robson Kuganga, que era o mais novo até a chegada da Mariana, havia olhado direito, e então disse:

- Ah… É assim mesmo, sabe? Essa.. hum… coceira na alma. É meio que, hã, o efeito de expandir o seu espírito para interagir com o reino invisível dos ancestrais e… hum, tocar as almas das outras pessoas e… é… é assim, sabe? Você se… acostuma.

A menina Guimuza sorriu nervoso para o seu colega, mas aí sem querer olhou direto para sua superiora máxima Fayolah Mwanga, sentada em seu trono enfeitado de bronze pantanoso, e então a nova contratada abaixou os olhos.

- Muito bem! - disse a vice-Diretora Chiome Iwunze, batendo palmas - E não é que essas crianças aprendem rápido? Olha só, até ensinam uns aos outros… estou impressionada!

Robson se encolheu tanto na sua cadeira simples que parecia que ia evaporar de tanta vergonha.

- Quem aquele porco arrogante pensa que é? - exclamou Zunga Kalunga, uma moça gorda de cabelo raspado - Esse pessoal da Mukunda Gala se acha!

- Mas nós precisamos fechar negócio com a Mukunda Gala para cumprir a meta do mês - disse Rodolfo Ngaranga, um homem alto e forte e de tranças formando um coque no alto da cabeça.

- Não precisa me lembrar do que já sei, né? - retrucou Zunga Kalunga.

- Senhoras - disse Fayolah Mwanga, e então todas e todos se calaram - Senhores. Está tudo bem. Vão pra casa agora, podem ir. À noite, conversem com seus espíritos, relaxem. Tenho certeza que todos trarão soluções inteligentes para este impasse. Equipe dispensada!

A equipe foi se levantando, a Zunga Kalunga ainda encarando o impassível Rodolfo Ngaranga, os dois novatos Mariana Guimuza e Robson Kuganga ainda constrangidos, a Chiome Iwunze e o Anuma Thula, apesar de também já estarem de pé, foram propositalmente se demorando na sala enquanto os demais iam saindo. Só que a Fayola, ainda sentada em seu trono, se adiantou e disse:

- Chiome. Está tudo bem.

A Chiome Iwunze veio tamborilando seus muitos colares em seus braços enquanto andava até sua chefe, até se debruçar bem diante dela, bem cara a cara, como se estivessem pra se beijar, e então a vice-Diretora disse:

- Nós duas sabemos que não é ver-da-de…

- Chiome… - disse Fayolah Mwanga, séria.

- Ah! - exclamou o trêmulo Anuma - S-senhora Chiome. A senhora l-lembra que ia me levar lá para… para ver o jogo de basquete psicometabólico lá dos Chifrudos Rosas?

- Humpf - Chiome fez um muxoxo num canto da boca.

- Está tudo bem - disse a Fayolah, desta vez sorrindo.

- Fayolah - disse a Chiome - Chefinha. Você… certo. Você sabe que eu te amo. Até amanhã…

- Eu sei - sorriu a Fayolah - Bom jogo pra vocês!

Chiome Iwunze pegou no braço magricela do Anuma Thula e com ele desapareceu dali. Fayolah então se levantou da sua cadeira, virou-se para a janela e ficou olhando. Olhou para o horizonte de prédios e arranha-céus brilhantes, repletos de hologramas espalhafatosos e carros voadores que deixavam rastros luminosos. Ficou olhando para engravatados alçando voo e executivas flutuando de olhos fechados e braços abertos. Fayolah ficou ali olhando até o sol finalmente se por lá do outro lado das pirâmides espelhadas do oeste. E ninguém viu as lágrimas que desciam suaves dos olhos de Fayolah.

As lágrimas. As lágrimas fazem círculos na água parada desde o início dos tempos. Os círculos se espalham por todos os cantos na forma de ondas. As ondas se erguem da podridão para formar nuvens esbranquiçadas. As nuvens esbranquiçadas fazem chover gotas de água salobra. São essas as tuas lágrimas. Deseja saber por que foi abandonada neste lago de água pantanosa podre? Deseja conhecer os motivos de os pesadelos gargalharem tanto sob o teu túmulo aquoso nas profundezas? Enquanto se desvanece nos ecos da sua própria tolice, você se desperdiça buscando heróis para fantasmas.

Ainda na Ndoto Ya Abaju. Era bem tarde da noite já, tudo escuro e apagado, exceto pela telinha acesa do computador da Fayolah Mwanga, e tudo meio silencioso, exceto pelo teclar incessante da Fayolah no aparelhinho. Não havia mais nada na sala de reunião nem no grande salão onde ficava todo mundo além da Fayolah Mwanga, Diretora de Mídias Oníricas, trabalhando até tarde. Teclava, teclava, teclava.

Sozinha no grande salão, imersa na escuridão confortável e aconchegante, Fayolah sorria, teclava e sorria…

...até que não estava mais sorridente, nem confortável e aconchegada, quando uma vez que não era bem uma voz lhe sussurrou bem no ouvido:

- Garota-coisa. Hora de parar de fingir que é feliz...

Fayolah arregalou os olhos e se virou imediatamente; tremou, suou e tremeu mais um pouco, até que levou o indicador à cabeça, tentou se concentrar, mas já era tarde demais; acabou fechando os olhos e, contra a sua vontade, dormiu, sentada onde estava. Sem sorrir.

Fayolah acordou na Selva Pálida. Que havia se tornado mais pálida ainda. Não se via quase nada, era praticamente um borrão branco sem início e sem fim; a lama esbranquiçada havia secado e se transformado em areia sem cor alguma, enquanto que as árvores pareciam petrificadas e sem folhas. Não se ouvia nada, nem mesmo o som seco do silêncio que se avolumava cada vez mais. Fayolah estava nua e sozinha na imensidão embranquecida. Tateava no ar, à procura de algo ou alguém; esbarrava nas árvores petrificadas e se machucava no contato. Olhou para um lado, e estava branco. Olhou para outro lado, e estava tudo branco. Branco, branco, branco. Tremeu. Estava quase desabando na areia sem cor. Tremeu um pouco mais.

- Muito bem - disse aquela voz que na verdade não era bem uma voz - Está permitido chorar. Você fez por merecer.

Fayolah não se virou para olhar. Estava preocupada demais tentando não tremer muito.

- As Mestras estão zangadas - outra voz que não era voz - Você não cumpriu a sua parte no trato, garota-coisa.

- Sabe por que estamos aqui, não? - disse uma terceira voz sem ser voz - Viemos para esquartejar a sua alma. Ordem das Mestras.

Foi então que, quando Fayolah reuniu coragem o suficiente para olhar novamente ao seu redor, se percebeu completamente cercada por uma multidão de criaturas. Eram seres translúcidos, como se fossem sombras, só que totalmente brancas. Seus contornos lembravam algo humanoide, só que abrutalhados, monstruosos, com garras e presas enormes, três braços, quatro cabeças, asas, tentáculos. Se remexiam e mudavam de forma, mas lembravam aqueles seres antigos sem forma definida que se esgueiravam nas primeiras eras do mundo. Fayolah então tremeu abertamente.

- Hora de pagar a sua dívida, garota-coisa - disseram algumas das criaturas - Criança tola! Acha que pode brincar com os poderes mais antigos do mundo sem pagar o que deve?

- Eu… - balbuciou a Fayolah, que lutava para não se encolher enquanto tremia, enquanto ia sendo cercada pelas criaturas - Eu… eu não… por favor… me desculpem…

- Desculpar? - escarneceu um dos seres brancos - A garota-coisa acha que está lidando com aquela sua progenitora louca? Aquela caricatura lamentável que você chama de mãe?

Foi então que os olhos negros da Fayolah faiscaram por um momento.

- Você não passa de uma meretriz deprimente! - disseram várias criaturas, em uníssono - Igual àquela coisa imbecil que te colocou no mundo! Aquela coisa que você chama de mã…

E aí essas várias criaturas perceberam que era meio difícil de falar quando sua cabeça havia acabado de estourar.

Os corpos translúcidos sem cabeça desabaram no chão, sangrando alguma espécie de gosma branca, e se contorceram inúteis no chão. Os seres brancos que ainda estavam em pé sequer tiveram tempo para ficarem surpresos, pois logo no instante seguinte perceberam que foram pisoteados por uma Fayolah gigante, verdadeiramente colossal, maior do que qualquer outra coisa que havia ali. Foi um pisão só, com tanta força e raiva que abriu uma cratera incomensurável no chão lamacento de cinzas esbranquiçadas. Quando Fayolah tirou o pé gigante de cima das monstruosidades pálidas, percebeu que alguns deles ainda tentaram balbuciar enquanto se estrebuchavam:

- Impos… sível… Como você… consegue…?

E a Fayolah Mwanga gigante, olhando lá de cima para aquele monte de merda branca e patética esmagada aos seus pés, disse:

- Ora - disse - Vocês se esqueceram? Eu sou uma mulher alta.

Fayolah acordou no grande salão da Ndoto Ya Abaju, debruçada no seu computador. Um filete de saliva escorria no canto esquerdo dos seus lábios. Ainda estava vazio e escuro. Fayolah olhou com suavidade para os lados; aos poucos, a escuridão ia voltando a se tornar macia, confortável e aconchegante. Olhou para o computador, que havia se desligado. Ligou a máquina novamente. Ajeitou o cabelo. Olhou para os seus pés. Pegou um lenço. Limpou a gosma branca do seu salto. Olhou para o computador. Voltou a digitar. Se permitiu sorrir um pouco.

Pise firme, sempre. O futuro é sempre incerto, por isso não há o que temer. Não se preocupe, minha criança! O caos continua vazando pelas vértebras oculares da língua dorsal do universo. Você não precisa rasgar a própria garganta para continuar vivendo; tudo o que precisa fazer é acreditar. E pisar firme para se impor no mundo.

Quando Fayolah finalmente chegou em casa, já era praticamente de madrugada. Morava na Torre Mapoc, um dos prédios mais luxuosos e vistosos do Setor 11, uma coluna espiralada de vidro e metal

que se erguia para o alto dos céus. Fayolah desceu do táxi voador, passou pela recepção, foi cumprimentada pelo autônomo de máscara, tomou o elevador, o espírito flutuante a deixou no 16º andar. Fayolah estava diante da porta de madeira entalhada do seu apartamento. Quando a porta se abriu, uma sala enorme se revelou, repleta estatuetas, figuras de ferro e bronze, máscaras e lanças nas paredes. Uma grande foice repousava acima da televisão, cuja tela ocupava quase metade da parede. Diante de Fayolah, parados na porta para recebê-la, estavam dois homens altos, mas mais baixos que ela, obviamente; um tinha uns crespinhos bem curtinhos, usava óculos e avental; o outro, com dreads bem longos e luvas de cozinha. Os dois sorriam abertamente. Ela deu uma bitoca na boca de cada um.

- Boa noite, maridos meus - disse ela.

- Fayolah! - disse o de crespinho curto, super feliz - Você deve estar cansada! Entra, entra, por gentileza!

- Estou sim - disse ela - Esse cheiro… é o que estou pensando que é?

- Sim! - exclamou o de dreads - Fiz aquela comida que você gosta!

- Ótimo - disse ela, se jogando no sofá e ligando a TV.

Estava passando uma partida de basquete psicometabólico. Fayolah ficou olhando os jogadores correndo em altíssima velocidade e dando uns saltos e piruetas de muitos metros para alto e fazendo a bola voar como se fosse uma bala. Uns caras muito altos e muito bonitos, mas nenhum mais alto que ela própria. Os caras com uns braços e pernas musculosos. Fayolah ficou olhando, enquanto seus dois maridos iam pondo a mesa. Fayolah adormeceu vendo o jogo…

...e então o chão aos seus pés se abriu e a engoliu inteira.

- Você está falando sério? A história já terminou, não acha? O dia hoje foi muito puxado! Ah, vou dormir, com licença…

Fayolah tentou dormir enquanto despencava para um abismo de palidez profunda, rumo a lugar nenhum. Foi caindo vários metros, quilômetros, por entre paredes de rocha e carne - sim, paredes de carne viva, pulsante, soluçante, revoltante, exalando odores e secreções, cheiros azedos de sangue e pus, brotoejas salivantes, mas Fayolah não viu nem sentiu nada disso, estava dormindo enquanto caía, ela queria apenas dormir para acordar para o seu próximo dia de trabalho.

No entanto, aqui você não tem escolha. É hora de encarar as suas questões. Você despencou até estourar numa piscina de lama e suor. Já está bom de nojeira, querido, obrigada. Você se levanta sem machucados algum, afinal, isto aqui não se segue as regras lá do mundo comum das pessoas comuns. Vamos então andar pela caverna bem na nossa frente, já que a outra opção é ficar aqui nessa poça perfumada de lama e excrementos. Certo. Há porcos-espinhos correndo com grama na boca, há criaturinhas com asas de libélula e cara de javali voando pelos cantos, há morcegos com cara de peixe

lambendo os beiços e fazendo amor no teto. Está bem. Vamos andando, minha cara Fayolah, vamos andando. O chão é feito de ossos e cartilagem, as paredes são cristais de pele felpuda e vidro carnívoro, todo o ambiente fica ondulando e se mudando e se alterando e se devorando uns aos outros, Fayolah tenta pensar em qualquer outra coisa e outra coisa surge, agora a caverna se abre e as paredes desaparecem, eu sou feita para os grandes espaços, meu bem, as percepções se misturam e outras vozes tomam frente, se aglutinam umas nas outras, as paredes sumiram e agora estamos no espaço aberto, no mar astral de estrelas brilhantes, espíritos resplandecentes ondulam enquanto nadam pela imensidão azulada, planetas se chocam enquanto disputam cabeçadas, alguns explodem levando junto bilhões de seres vivos, ancestrais estelares se riem de seus jogos e criam outros mundos para brincar, Fayolah continua nadando, mergulha mais, tenta se lembrar de como era no início, ela estava lá, ela sempre esteve, em todos os tempos, ao mesmo tempo, em todas as mentes de todas as eras que sonham, ela se lembra de quando era a sacerdotisa da lagoa prateada, o reino da mente era o meu parque e a minha responsabilidade, o sangue dos espíritos do qual todos nos originamos, então Fayolah se lembrou quando despencou dos céus, do ventre da Grande Mãe Serpente que tudo criou e a tudo deu vida, despencou do alto dos céus na noite da maior de todas as tempestades junto com seus dois irmãos e irmã, foram brincar ao redor da fogueira até a chegada daqueles espíritos arrogantes, mereciam uma lição, eu sou uma filha da tempestade, eu sou a voz do silêncio, eu sou a Serpente na Água que borbulhou todos os sonhos e pesadelos nos quais as pessoas passeiam e se encontram, se perdem, vocês se desperdiçam nos seus pequenos desejos, todos os anseios insignificantes dos quais suas almas tanto correm atrás são, na verdade, todos desejos realizáveis, se vocês se esforçassem de verdade e se realmente acreditassem no que são capazes, oscilando entre a realização plena e a dúvida, Fayolah se lembrou de quantas vezes morreu, de quantas vezes foi feita em pedaços, apenas para se levantar no dia seguinte e tentar tudo de novo, eu não vou cortar a sua barriga de novo, minha fera querida, estou cansada e só quero dormir, mas se é assim que você quer então vamos lá, Fayolah sacou a enorme foice que antes repousava em cima da sua TV, com um golpe só Fayolah rasgou o tecido existencial daquele plano no qual se encontrava, o tempo se rasgou e entrou em refluxo, Fayolah foi tragada pelo vórtice do vácuo que ela mesma havia criado ao rasgar a realidade ao meio, e foi então por detrás da cortina revelou-se uma figura negra e alta, na verdade totalmente negra e mais alta que Fayolah, muito, muito mais, com um cabelo black power colossal que abrigava todas as estrelas, e com olhos faiscantes em cuja negritude repousavam todas as linhas temporais de todas as eras dos mundos que existiam, existiram e haviam de existir.

- Olá, senhora minha mãe - disse Fayolah para a senhora que era muito maior que ela e mil vezes mais escura que ela

- Olá, filha querida.

- Por que me trouxe aqui, mãe? - disse Fayolah num tom queixoso - Eu só quero dormir! Amanhã tenho que trabalhar…

- Suas Mestras estão zangadas com você, minha filha.

- Ninguém determina o que faço ou deixo de fazer.

- Isso é verdade. Então, por que se submeteu aos caprichos das Sombras?

- Porque eu precisava cumprir a promessa.

- Que promessa?

- A promessa de nunca mais depender de você.

- Entendo.

- É sério, mãe! - gritou Fayolah em tom de urgência - Já se passaram muitas décadas! Séculos! Milênios! Estou cansada desse ciclo. Não podemos simplesmente seguir nosso próprio caminho?

- Você… tem uma responsabilidade para com as suas ancestrais.

- Eu sei! Não estou fugindo da responsabilidade. Eu só quero… eu só quero poder viver de acordo com os meus próprios ideais!

- Mas ninguém nunca te proibiu de fazer o contrário…

- Não? Como não? As Sombras ficam sussurrando no meu sangue! As "Mestras" exigem que eu cuide de todos os mundos oníricos!

- Sim. Essa é a sua responsabilidade.

- Mas eu não quero fazer isso!

- Não quer. Certo. Vai deixar então que todos os sonhos e pesadelos se aglutinem e se canibalizem até enlouquecer e destruir as mentes e almas de todas as pessoas em todos os mundos?

- Não!

- Então…

- Então eu só não quero que me sussurrem mais. Não me procurem mais. Estou ciente do que devo fazer. Só que farei do meu jeito. E vocês terão que confiar em mim. Não vou exigir que me respeitem, porque isso é patético. Então, eu seguirei fazendo. Do jeito que acho que devo. E estou mais que pronta para acatar com as consequências. Eu pago o preço e assumo a responsabilidade. Assumo o risco. Assumo o erro. Assumo o meu lugar.

- Está bem. Adeus, minha filha.

- Espere! Eu…

A palidez foi encoberta pela escuridão primordial e então Fayolah não viu, nem sentiu nem percebeu mais nada.

Quando Fayolah acordou, percebeu que estava na cama com os dois maridos. Estava no seu quarto, no meio da madrugada. Olhou para os dois maridos. Sorriu. Abraçou um e fez o outro a abraçar. Dormiu. Desta vez, de verdade.

Boa noite Fayolah Mwanga. Amanhã, é um novo dia.

Amor Fortemente Elíptico

Marta Preuss

Depois do seu turno na fábrica, Amanda costumava ir ao parque ver o reflexo das estrelas e das duas luas que orbitavam o terceiro planeta de Alpha Centauri. Suas lágrimas embaçavam a visão, turvando o reflexo no lago contaminado, enquanto ela assistia à sua própria deterioração, sem forças para mudar. Chorava até pegar no sono, mas nunca dormia: apenas acordava no banco frio da praça na manhã seguinte.

Uma órbita em Alpha Centauri leva uns bons 150 anos terrestres; cinquenta deles perto do sol, cem longe, numa órbita fortemente elíptica. Quando próximo ao sol, Centauri-III era mortal às crianças, então o governo pediu ajuda aos cientistas da Terra. A resposta foi óbvia: fortalecer os fetos. E o resultado foi o esperado. Pelo menos por cinquenta anos terrestres.

Centaurianos não tinham a fisiologia tão diferente dos humanos. Bípedes, fortes, a estatura alguns centímetros mais baixa graças à gravidade levemente acentuada e a pele mais escura e avermelhada. O carmim brilhava na pele suada dos trabalhadores sob o sol tão próximo. No DNA, as semelhanças eram grandes. Não foi difícil desenvolver uma vacina para as grávidas evitarem o aborto espontâneo.

Quando o planeta começou a se afastar do sol, crianças voltaram a morrer, mas não a nascerem mortas. O óbito acontecia nos primeiros anos de vida. Como parte do acordo econômico entre Terra e Centauri-III, relatórios populacionais eram trocados por ambos os planetas a cada Censo decenal. Cientistas da Terra notaram a curva de mortalidade infantil aumentando e, se sentindo responsáveis, foram investigar.

Centauri-III garantiu que não era necessário, que não eram taxas tão altas, que essas coisas acontecem, mas a Terra insistiu e combinou reuniões de negócios que fortaleceriam as relações financeiras de ambos os planetas. Conhecidos por sua personalidade gananciosa, centaurianos foram convencidos que a visita era necessária e uma nave partiu para outro sistema solar.

Amanda foi contratada por ser uma cientista respeitada. Topou porque não tinha nada a perder. Viagens espaciais ainda eram inseguras e longas, com comunicação falha à distância. Não ter a quem voltar na Terra era um luxo que poucos tinham.

A visita a Centauri-III durou mais tempo do que Amanda previu, mas foi bem menos proveitosa do que ela esperava. O governo centauriano apenas negava veementemente qualquer problema com as crianças e focava nas reuniões de negócios e acordos monetários. Vendas de papéis e coisas sem valor

científico foram conversadas e validadas, papéis foram assinados e ela não conseguiu cumprir a missão para a qual foi designada.

Não sem tentar. Amanda visitou orfanatos, escolas, creches. Passeou pelas cidades. Conversou com crianças e mães. Descobriu que Centauri-III era um planeta com muita desigualdade social: a maior parte da população com a menor parte da riqueza. Grande parte do planeta era industrializado, e trabalhadores faziam seus turnos cansativos e voltavam para casa, mecanicamente. Todo nascido recebia um chip subcutâneo com informações sobre sua saúde e toda grávida precisa ser vacinada e catalogada. Mais para os relatórios para a Terra e evitar prejuízo do que pelo ganho de saúde dos indivíduos.

Uma cientista terráquea não poderia andar por outro planeta sem um representante do governo centauriano. Não seria apropriado, disseram, e designaram Milo para acompanhá-la. Ela pensou que cada dia seria escalado um representante diferente, mas era sempre Milo. Um jovem centauriano, atlético, com os olhos claros contrastando com a pele escura. Alta casta na sociedade, simpático, educado e paciente.

Uma relação foi se formando. Um sorvete depois de um dia difícil. Um vinho depois de ver tanta tristeza. Um jantar fora do expediente e sem motivo. Um beijo. Uma noite. Um romance escondido, com data marcada para terminar. Milo era tudo que Amanda nunca encontrara na Terra e, como tinha data para partir, resolveu aproveitar o romance ao máximo. Cada dia era como se fosse o último.

Então Amanda engravidou. Ela não achou que fosse possível, mas a vida tem seus milagres. A única forma do bebê sobreviver era sob aquele sol forte, aquela estrela distante, então se Amanda quisesse o filho, não retornaria à Terra, mas não tinha motivos para voltar. O amor ao ser que se formava dentro dela falou mais alto - a curiosidade de criar uma nova vida, a vontade de desbravar todo um novo planeta. Sua mente estava alinhada com seu coração.

Ansiosa, Amanda preparou a notícia com um discurso, um jantar com velas, tudo adequado. Mas nem chegou a dizer tudo que tinha planejado, pois Milo não ficou tão contente assim com a notícia que ela ficaria no planeta com ele. Um choque. Um passo para trás. Um sorriso amarelo. Ela soube imediatamente que não poderia contar com ele, antes mesmo de falar o real motivo. Então ela não disse e carregou o fruto de dois sozinha, sem raiva nem culpa, mas cheia de tristeza.

Mesmo sem o companheiro, resolveu manter a gestação. Com mais tempo, talvez resolvesse o problema que não conseguiu como terráquea. Ela nunca precisou de ninguém antes e o amor que nutria ao ser se formando dentro de si crescia a cada dia.

A nave que a trouxe regressou à Terra e Amanda começou seu pré-natal como qualquer mulher centauriana. Recebeu um chip embaixo da pele. Tomou suas vacinas fortificantes. Sua barriga cresceu.

A dor forte veio de noite, num passeio no parque, olhando no lago o reflexo das estrelas. Amanda gritou por ajuda, mas ninguém veio. Encolhida no chão, gritando, gemendo, até o sol nascer, a polícia chegar, a ambulância, mais dor, mais força, um choro, a vida.

Uma menina. Betânia, nome que apareceu ao ver o rostinho da filha. Traços centaurianos dominantes, um sorriso doce, olhos verdes como safiras e a pele misturando tons. Depois de receber seu chip subcutâneo, mãe e filha foram liberadas para casa.

Rapidamente a rotina das fraldas, sonecas e amamentação se estabeleceu. Betânia era seu coração fora do corpo, seu motivo de vida, sua alegria incondicional. Uma criança forte e saudável crescia um pouquinho mais a cada dia, bem diante dos seus olhos.

Quando o dinheiro da rescisão do trabalho anterior acabou, Amanda precisou sustentar as duas. Então Betânia foi para uma creche, como a maioria dos outros bebês, enquanto Amanda dobrava seu turno nos laboratórios de Centauri-III.

Betânia estava perto de completar dois ciclos ; com anos tão longos, a idade era dividida em ciclos de um ano terrestre. Já dava seus passinhos desajeitados, já falava algumas palavras. Era o orgulho e a alegria da mãe, que não tinha mais ninguém nesse planeta distante.

Dedicada, Amanda ficava o máximo possível de tempo com a pequena Betânia. Mostrava fotos da Terra, ensinava palavras, alimentava com amor. Era seu projeto mais bonito, mais saudável, mais querido. Era única e especial. Crescia saudável, risonha, e o coração de Amanda só ficava maior para acomodar tanto amor.

Depois de um longo dia de trabalho, Amanda chegou na creche e estranhou quando Betânia não estava esperando com as outras crianças.

A sala da direção. Um "eu lamento" sussurrado. As lágrimas brotando, o peito ardendo, a notícia: "Betânia faleceu hoje.". A raiva, o choque, o grito.

Como cientista, Amanda nunca poderia se conformar com aquilo e exigiu ver o corpo da filha. Justificando falta de espaço e alegando a preservação da saúde de outras crianças, seu desejo foi negado, já que o corpo estaria cremado à essa altura. Tudo que tinha era o chip subcutâneo que carregava a dor e a justificativa da morte e um torpor que nublava seus pensamentos.

Examinando os logs no chip, Amanda descobriu que a causa foi um colapso múltiplo de órgãos devido a incompatibilidade fisiológica humano-centauriana. As lágrimas e a dor turvaram sua visão, ou talvez fosse a falta de parâmetros, mas ela não percebeu que o chip era falso.

No porão, a pequena Betânia dividia um caixote pequeno, frio e mal-iluminado com outros bebês como ela. Nem mortos, nem doentes. A vacina para proteger contra a radiação funcionava bem demais agora, longe do sol, e essas crianças eram fortes e se desenvolviam rapidamente.

Perfeitas para trabalharem em minas ou montando peças depois do quarto ciclo até o fim de suas curtas vidas, uns quinze ou dezesseis ciclos. E claro, sem receber nada além de comida e lugar para dormir, tidas como mortas, sem família. Só trabalho.

Enquanto isso, economistas da Terra não entendiam como o custo dos produtos centaurianos eram tão mais baixos, sem saber que seu preço era alto demais.

O Resgate de Andrômeda

Thiago Leite

I.

"Não consigo me mexer. Estou presa... mas não por muito tempo. "

Após ter ficado desacordada por quase uma hora, Andrômeda abriu os olhos e viu o corredor escuro. À sua frente o caminho seguia fazendo uma curva elíptica para a direita. Podia vislumbrar painéis na parede de metal fosco. Todas as telas estavam desligadas e os LEDs apagados. Olhou para a esquerda e viu, claramente, o espaço estrelado acima de nuvens azul-acinzentadas que se estendiam num nível abaixo da estação espacial, para todos os lados, como as areias de um deserto desolado e frio. Via esta paisagem através dos grossos vidros que formavam a parede externa do corredor.

Então olhou para baixo, e divisou, de uma altura de cerca de dois metros, na penumbra, o cano de um rifle phaser se pronunciando para fora de uma mochila largada no chão.

Finalmente, prestou atenção a si mesma e percebeu que estava imobilizada, os braços e pernas estirados e presos por tentáculos de uma criatura que se pendurava no teto. Tudo imóvel exceto por um leve movimento de sanfona, como se a criatura respirasse profundamente num sono pesado, fazendo Andrômeda se balançar suavemente. Tinha o corpo pendurado diagonalmente e a cabeça pendendo para frente, as curtas mechas negras úmidas de suor grudadas à testa. Os braços musculosos estavam esticados para cima, suportando seu peso, e as fortes pernas estavam penduradas por tentáculos frouxos, mas apertados nas pontas onde seguravam seus tornozelos, e só não machucavam tanto porque ela calçava grossas botas negras de cano alto.

Olhou para o próprio tórax e vislumbrou o macacão vermelho bordado com os padrões da Associação. No peito brilhava tenuemente a insígnia da Divisão de Segurança. "Aquele instrutor imbecil sempre disse que a Segurança não era lugar para mulheres. Se me visse aqui nesta situação riria da minha cara… ele estava… não, ele estava errado..." Apagou novamente.

II.

Andrômeda tinha 6 anos de idade quando começou a observar atentamente seu primo fazer manobras arriscadas no balanço do parque. Aos 7 anos, ela já era inspiração para crianças mais novas que sonhavam em ser rainhas e reis do balanço.

Aprender a dominar o equilíbrio do próprio corpo no brinquedo não seria em vão, nem se limitaria a servir apenas à sua diversão pessoal. Andrômeda, certo dia, viu seu irmão menor sendo empurrado para lá e para cá por Márcio, Fábio e Demétrio, três valentõezinhos que gostavam de usar seu tamanho para se sentir poderosos perante meninos e meninas menores que eles. Fábio e Demétrio eram tão grandes e fortes quanto Márcio, mas só eram valentes porque seu companheiro se mantinha incólume como o dono da rua.

Naquele momento, Andrômeda não esperou que Juninho recebesse o primeiro golpe, aproveitou a energia cinética que tinha acabado de acumular, ficou em pé no balanço e, somando um salto ousado à aceleração do pêndulo, foi cair em cima do peito de Márcio. Seus amigos, rapidamente, se despiram da valentia e desembestaram cada um para sua casa. Deitado, Márcio tentava se recompor do enorme susto, enquanto Andrômeda, sentada sobre ele, gritava:

– Peça desculpa! – O valentão tentou bater no rosto dela, mas Andrômeda aparou o braço dele e na sequência lhe deu um sonoro tapa no rosto.

– Peça desculpa! – repetiu ela.

– Sai de cima de mim! – O garoto tentou se mexer, mas era inútil.

– Peça desculpa agora! – Andrômeda aparou outro golpe e imobilizou totalmente os braços de Márcio. O indefeso menino começou a chorar e implorou, soluçando:

– Sai… de cima... de mim-im-im…

– Peça…

– Des… culpa-a-a-a…

III.

– Ai! – suspirou, deixando cair a cabeça. Suas juntas doíam.

“Como foi acontecer tudo isso?”, começou a refletir. “Ele me dará uma resposta quando nos encontrarmos. Presa aqui por essa coisa imunda… preciso ser paciente, esperar… Preciso dele e ele precisa de mim… não podemos falhar um com o outro, meu amor, não neste momento crítico”. Dobrou o pescoço o máximo que conseguiu para olhar a mão esquerda, viu o tentáculo escuro, reluzindo oleosa e sutilmente à luz das estrelas, e pensou nas aulas de Xenobiologia do centro de educação que frequentara quando criança. “Essas coisas são mais bonitas nos livros”.

Pendeu novamente a cabeça, devaneando com imagens do que acontecera algumas horas antes e antecipando a solução para seu presente e premente problema. “Preciso esperar e ter paciência. Aguardar pelo momento do resgate. Será logo, eu pressinto. As nuvens já se contorcem, o Sol já vai nascer e… estes tentáculos estão muito apertados, meus pulsos doem, todas as juntas doem. Tenho

que pensar nele… em você, meu amor… vamos sair dessa, não vamos? É só uma questão de tempo. Você nunca falha, e não falhará neste momento. Pensar em você me dá forças, e preciso ser forte agora." O tentáculo que segurava sua mão direita deslizava um pouco para cima, roçando levemente a pele de sua mão com uma textura lisa e úmida. Lembrou-se de uma aula na Academia em que teve contato direto com essa espécie e, na época, imbuída de um sentimento de tolerância para com a diversidade, achara parecido tocar a pele daqueles seres com passar a mão na pele de uma baleia. "Mas agora sinto um nojo inexplicável dessa algema de carne alienígena…"

Olhou para o fundo do corredor, pensativa. "Logo verei seu rosto e poderemos sair em liberdade daqui… descobriremos um jeito, não é, meu amor? Descobriremos..."

IV.

Andrômeda acabara de completar 17 anos quando entrou na Associação para Expansão da Humanidade, uma iniciativa governamental com o objetivo de preparar jovens para a vida nas estações de pesquisa fora do Sistema Solar.

No segundo período, numa disciplina de Filosofia, Andrômeda conheceu Perseu, um esbelto rapaz de trejeitos refinados que fazia parte da turma de Ciências Humanas. Alguma coisa nele a atraiu, e logo na primeira aula ela se sentou próximo a ele, mas não trocaram mais do que um breve olhar e um leve sorriso de tácita cumplicidade. Como ainda estava um pouco deslocada, pois se concentrara, no semestre anterior, em disciplinas das Ciências Exatas, Perseu se dispôs a ajudá-la com os estudos na disciplina.

– Aí você me ajuda com as Ciências Exatas.

– Com certeza nos ajudaremos bastante, mais do que você imagina. – Os dois riram.

Naquela mesma semana Andrômeda descobriu que Perseu também estava matriculado em Defesa Pessoal. Foi ela quem o acolheu na turma. Assim como na aula de Filosofia, Andrômeda e Perseu se mantiveram próximos.

Como a aula foi apenas introdutória, envolvendo apresentações e ementa do curso, os alunos saíram mais cedo, mas Perseu havia prestado atenção ao rifle phaser de Andrômeda e esta lhe havia prometido fazer uma demonstração da arma.

– É claro que este exemplar não funciona de verdade ainda. É praticamente uma carcaça que serve apenas para tiros de treino. Quando eu me formar ele receberá um módulo para ficar funcional, e será minha arma padrão.

– Ah, sim, por enquanto ele possui só um sensor, não é isso?

– Isso. A gente "atira" nos alvos de treinamento e ele emite um sinal de acerto ou erro. Só no dia da formatura é que vamos receber a carga e o rifle ficará funcional. E, não menos importante, receberá um nome carinhoso.

Ambos riram.

– Você pode fazer uma demonstração?

Andrômeda sorriu, fez uma série de movimentos que Perseu não conseguiu acompanhar, mexendo várias partes da arma para calibrá-la. Apoiou a coronha no ombro, mirou e disparou três vezes na direção dos alvos no outro lado do grande salão de treino. A arma emitiu dois trinados agudos e um som grave e abafado.

– Errou o terceiro tiro?

– Não. Foram três disparos certeiros, dois para ferir e um para atordoar.

– Eu mal conseguiria empunhar esse rifle, jamais teria tanta agilidade e tanta precisão para acertar um tiro sequer.

Andrômeda se aproximou de Perseu, encostando-se ao seu lado para que ele observasse a partir do ângulo do usuário da arma.

– Levante o rifle na vertical e certifique-se de conferir se o peso pende na direção da carga de munição. Segurando o punho com a mão direita, se você for destro, com o dedo no guarda-mato, leve a arma para a posição horizontal (está acompanhando?), já apoiando a coronha no ombro e ajustando rapidamente a intensidade do disparo, girando o medidor, localizado na empunhadura, com a mão esquerda e observando o alvo para decidir se é necessário atordoar, ferir, incapacitar ou, somente em casos extremos, matar. Leve o indicador da mão direita para o gatilho, use o polegar esquerdo para ativar a mira, aponte para o alvo… – Andrômeda encostou a ponta do cano do rifle no peito de Perseu.

– …a vítima indefesa só precisa de um leve golpe no coração. – O rifle soou grave e abafado. – Touché. – Andrômeda lançou um sorriso atrevido para Perseu. Ele tentou conter seu próprio sorriso tímido e enrubesceu.

– Você… – abafou uma leve risada – ...você me deixa atordoado…

V.

As nuvens já clareavam e perdiam o tom azulado, pintando-se de caramelo.

– Apareça, vamos, preciso de você… – disse, olhando para o céu.

VI.

O estridente alerta vermelho reverberou pela estação após o estrondo de um impacto. "Teria sido um asteroide? Talvez uma nave hostil." Ela estava no refeitório nesse momento, e se levantou de prontidão. Perseu estava no mirante àquela hora, e ligou para o seu comunicador.

– Corra para as cápsulas de escape! Não posso explicar agora! Apenas vá! Eu encontro você na…

Andrômeda ficou preocupada com a súbita interrupção na comunicação, mas agiu rapidamente, correndo através das seções da estação e perguntando aos outros tripulantes o que havia acontecido, mas ninguém tinha informação alguma. Então gritos e alguns tiros phaser começaram a ressoar através do complexo. Ela tentou o comunicador mais uma vez.

– Perseu! Onde está você?! Diga alguma coisa!

Durante alguns segundos, ela ficou imóvel, tentando entender o que acontecia ao seu redor, e foi interrompida pelo comunicador.

– Andrômeda… – a voz dele era um sussurro.

– Sim, meu amor…

– Escute, meu amor… cuidado com essas criaturas… elas estão por toda a parte… por toda a estação… não posso explicar agora… pegue seu rifle… atire no olho…

– Perseu?!

– Estou no mirante… há uma dessas coisas me espreitando… continue fugindo, eu alcançarei você… eu…. AAAHH!

– Perseu!!!

Várias vozes desesperadas soaram ao seu redor, como que ecoando o grito de aflição de Perseu, e ela entendeu que precisava se proteger, ou seria pega por seja lá o que estivesse infestando a estação.

Alcançou o corredor que levava às cápsulas de escape, onde estavam os armários individuais da Divisão de Segurança. Rapidamente buscou sua mochila, na qual guardava Cupido.

Conseguiu alcançar o elevador sem problemas. Os gritos pareciam ter diminuído. Isso poderia significar que as coisas estavam sob controle... ou que as criaturas estavam no controle. Recostou-se no fundo da cabine e, enquanto esta se dirigia à doca de fuga, observou o espaço à sua frente através do elevador panorâmico, o céu do poente na alta atmosfera era tenso e triste, mas anos de treinamento a prepararam para situações assim, e ela estava calma. "Preciso de você, Perseu, não morra. Se você não puder vir até aqui, eu…" Não tivera tempo de completar o pensamento. Assim que o elevador se abriu, a criatura já estava à sua frente e a nocauteou de imediato.

VII.

Olhou novamente para o fim do corredor, ansiosa. Viu os painéis apagados, viu a arma apontando para ela. Sentiu um leve contorcer da criatura acima dela. "Difícil de acreditar que eu estou aqui presa, eu é que deveria estar assegurando a defesa da estação... quem olha de fora pode até pensar que…" Os

tentáculos apertaram ainda mais nos pulsos e tornozelos. Ela fechou os olhos e esboçou um choro, mas conteve as lágrimas abrindo bem as pálpebras e murmurando para si mesma:

– Preciso ser forte, como sempre fui. Chegou a hora, lá vem ele… – A criatura pareceu acordar do sono, irrequieta, e ela se sentiu balançar brandamente. Então uma centelha dourada despontou atrás das nuvens e iluminou o rosto negro de Andrômeda. Ela fechou um dos olhos castanhos diante da luz do Sol nascente.

– Finalmente você apareceu – sussurrou. – É agora!

A criatura grunhiu como se algo estivesse prestes a acontecer. Luzes começaram a piscar na parede metálica, e os painéis começaram a apitar com sons agudos e bipes.

– Painéis solares ativados – falou uma voz robótica masculina do painel principal. – Sistemas reiniciados.

Andrômeda olhou para o corredor, apreensiva, e a criatura soltou um urro feroz ao perceber que a mulher se balançava abaixo de si, deliberadamente, como num balanço, ainda presa em seus tentáculos. Antes que o monstro pudesse fazer qualquer coisa, Andrômeda falou em tom forte e claro com sua voz de contralto:

– Computador, ativar todas as armas de mão! Código de segurança Perseu1941!

No chão, o rifle apitou um sinal agudo e uma luzinha acendeu no cano, ao lado da mira.

– Armas de mão ativadas – respondeu o computador.

– Cupido, atire para atordoar! – Enquanto dava uma guinada para a frente, saindo da mira do rifle, Andrômeda ouviu o disparo de Cupido e sentiu o calor do raio próximo a suas costas. A criatura soltou um guincho estridente, os tentáculos se afrouxaram e a mulher se libertou.

Em poucos segundos, usando a aceleração do movimento de gangorra, numa rápida sucessão de movimentos, Andrômeda rodopiou no ar, caiu de joelhos diante do rifle, pegou-o, rolou no chão e apontou para o olho do tamanho de uma bola de basquete e rodeado por tentáculos da criatura que pulava para cima dela. Disparou um tiro certeiro.

– Peça desculpa, valentão!

A criatura se estrebuchou no chão, dezenas de tentáculos se contorcendo, e Andrômeda, levantando-se, digitou um comando no painel, fazendo selar com campos de força a seção do corredor em que se encontrava a criatura.

– Cuidamos de você mais tarde. Enfim, ao resgate. Espere por mim, Perseu, eu salvarei você.

BSS Mariana

Lady Sybylla

O começo é sempre hoje.

Mary Wollstonecraft

I

Como se fosse uma harpia, Endyra voava por entre as estrelas, perfurando as nuvens, tocando as gotas de chuva, sentindo a brisa fria batendo no rosto. Um trovão distante marcou seu voo, mas onde estava o relâmpago? Sempre gostara dos dias chuvosos, o cheiro de terra molhada, o sol cruzando as nuvens de tempestade formando arco-íris no firmamento. Sonhar com chuva era bom. Sempre sonhava com chuva quando se lembrava de seus ancestrais, das histórias de seu avô, o último cacique da tribo.
De repente, o céu se abriu. Uma noite chegou com tamanha rapidez que Endyra nem notou a diferença na claridade. As estrelas brilhavam em cores diferentes, piscando como faróis, grandes, pequenas, amarelas, azuis e brancas. Um trovão sacudiu seu voo impossível. Tudo bem, a fúria da natureza era do seu agrado. Outro trovão? Então viria mais tempestade por aí. Mais um trovão?

_ Doutora Endyra? - Keyla batia na porta.

_ …

_ Endyra? - Keyla colocou a cabeça para dentro do alojamento e deixou a formalidade de lado - Alguma coisa aconteceu no centro de controle.

Puxada abruptamente de seu sonho, Endyra despertou de repente com uma parte da frase piscando em sua cabeça: “centro de controle”.

_ … que? - pirragueou e abriu a porta totalmente - O que?

Sua estagiária estava do outro lado, parada no corredor, com um ar desamparado. Seus dreads ainda amarfanhados depois do pequeno cochilo que tentou tirar no seu alojamento, mas os olhos estavam alertas, faiscando com a novidade, fosse qual fosse. Segurava seu pad holográfico, junto ao peito e resfolegava como se tivesse corrido uma maratona. Viera pelo corredor da sala de controle tão rápido que não lembrava se tinha trombado com alguém no caminho. Provavelmente sim.

_ Pediram pra vir te chamar, é coisa grande.

Endyra parou uns instantes na frente do espelho. Os olhos amendoados pareciam ainda pesados de sono. Os traços indígenas eram da família do pai, filho do último cacique de sua tribo até a completa

assimilação dela pela sociedade branca brasileira. Deu uns leves tapinhas nas maçãs acentuadas para acordar e ajeitou a roupa que não tinha salvação até ser lavada e passada novamente.

As duas correram, passando por portas, esquivando-se de pessoas com seus chás e cafés na mão e subindo um lance de escadas e quase derrubando um robô de limpeza em seu turno de serviço. O centro de controle estava iluminado, a tela frontal acesa e um ponto piscando em destaque sobre a bela Terra virtual. O controlador-chefe do período noturno, Jonas, estava de braços cruzados atrás de uma operadora que digitava furiosamente num teclado holográfico.

_ Endyra - Jonas a olhou rapidamente e olhou de novo para a tela.

_ O que aconteceu? - Endyra prendia o cabelo preto e comprido em um rabo de cavalo desajeitado.

_ Me diz você.

Só aí que ela olhou para a tela imensa com maior cuidado. Um ponto se destacava em vermelho, enquanto sinais de naves e satélites conhecidos e catalogados estavam em verde e azul. Endyra franziu o cenho. Pelo tamanho e posição orbital era, sem dúvida, uma nave. Mas não havia naves programadas chegando de nenhum lugar naqueles dias. Estavam ela e sua estagiária e orientanda, Keyla, de plantão noturno porque fazia parte da escala de revezamento, não por esperarem naves chegando.

_ Mas o que é isso?

O controlador e a operadora a observaram surpresos, como se esperassem que ela soubesse do que se tratava e que tudo estaria resolvido quando Endyra chegasse, assim todos estariam no refeitório aproveitando o buffet da manhã. Ela era conhecida por sempre saber de tudo, vista por alguns como uma sabe-tudo irritante, mas Endyra não se importava. Ter que provar que era boa o tempo todo já devia ter ficado no passado, mas alguns segmentos da sociedade pareciam não entender isso .

_ Não conhece essa nave? - o controlador-chefe apontou.

_ Claro que não, não tenho nada nos manifestos chegando hoje - foi mais ríspida do que queria ser - Mas o transponder, pelo visto, nos reconhece. Temos dados sobre ela em algum lugar? Algum sistema de backup?

_ Nada - a operadora, Gislaine mostrou sua tela - Não tem nenhum registro dessa nave nos últimos cem anos.

Keyla deu um assobio de espanto. Cem anos? Endyra olhava para a tela da operadora, aberta em vários manifestos, mostrando posição e procedência de naves, satélites, cargueiros e foguetes em órbitas como a da Terra, da Lua, de Marte, no cinturão de asteroides e mais além. A exploração espacial se expandiu rápido com pesquisas pioneiras de motor de dobra e velas solares e a raça humana se expandiu. Só era inédito que eles não tivessem dados sobre uma nave daquele tamanho. Coisas assim

sempre deixam registros. O nome na tela dizia BSS Mariana, no melhor estilo “decifra-me ou te devoro”.

_ Será que é uma nave secreta, algum projeto que a gente não saiba? - a operadora pensava alto.

_ BSS era um símbolo nosso - Endyra estava elétrica, o sono completamente dissipado - Quer dizer Brazilian StarShip. Mas está fora de uso faz tempo.

Como chefe da Astrometria, Endyra tinha que saber tudo o que se passava acima de sua cabeça que estivesse entre a Terra e qualquer outro ponto do espaço. Protocolos, leis, posições de naves, nomenclatura, capacidades, desempenho, posição de planetas e estrelas para navegação em espaço profundo. E sabia que estava diante de uma nave com mais de 100 anos pela nomenclatura. Sinais codificados para países identificavam a procedência das naves automaticamente, designações como USS, BSS, não eram mais utilizadas.

_ Mas se não consta de nossos bancos de dados… - a operadora nada podia fazer para resgatar os dados da nave.

_ Vamos partir para o manual.

Endyra puxou Keyla de lado e a mandou descer até os arquivos analógicos no subsolo do prédio. Lá estavam discos rígidos antigos ligados a servidores ultrapassados e também os arquivos em papel. Era possível que lá embaixo alguma coisa indicasse de onde viera a BSS Mariana e quando ela fora lançada. Keyla bufou irritada enquanto descia para o subsolo, no segundo nível da garagem, mas fazer o que? Estava mais curiosa do que qualquer outra coisa.

Enquanto isso, o Controle da Aeronáutica e Espaço entrava pelo saguão branco e brilhante do prédio da Brazil Space Co., empresa privada brasileira de exploração espacial, onde trabalhavam Endyra e sua equipe. O coronel Machado ajeitou o colarinho perfeitamente engomado de sua farda, passou a mão do cabelo escovinha e grisalho, respirando fundo para afastar o sono daquela manhã de calor em Brasília. Seu pad de serviço indicava a posição constante da nave misteriosa e ele queria garantias que aquilo não era nenhum engodo ou erro de alguém. Quando Endyra o viu despontando do elevador bufou com raiva na mesma hora.

_ Endyra, o que pode dizer sobre essa nave?

_ Nada ainda. E bom dia pra você também, coronel.

Fábio Machado parecia nunca ter emoções por trás daquela carranca e da postura de soldado, os ombros largos como um C-120. Endyra bem que tentou compreendê-lo ao longo dos 5 anos em que esteve casada com ele, mas o divórcio chegou e ele não a perdoava por isso. Era como se Fábio estivesse em uma batalha e Endyra tivesse desertado deixando-o em meio a canhões inimigos. Cada conversa entre os dois certamente virava uma discussão homérica. Endyra não era um soldado, foi sua esposa, mas ele a considerava uma desertora .Endyra se ressentia porque quis um companheiro e acabou

tendo um oficial superior. Sua boca se curvou em desagrado ao vê-lo ao seu lado no centro de controle de missões da Brazil Space Co., que mesmo sendo uma empresa privada, precisava operar com os sensores de longo alcance dos militares. Era um mal necessário.

_ Então, temos uma nave misteriosa não identificada sobre a Terra e você nada sabe a respeito?

O tom de crítica era imperdoável. Endyra o olhou com um ar agressivo e deu um sorriso venenoso.

_ Nós sabemos o nome da nave, coronel. Só não sabemos qual é o problema dela.

_ Pra mim parece que vocês não sabem o que é.

_ E pra mim o Controle da Aeronáutica é uma baita encheção de saco.

_ Humm, sentindo minha falta, doutora Endyra? - ele deu um sorriso malicioso de lado.

_ Como sinto falta de uma ressaca.

_ Também não me agrada sua presença aqui tão cedo, Machado.

A vice-presidente da Brazil Space entrou, o que arrancou um sorriso vitorioso de Endyra. Zélia o odiava ainda mais por sua postura arrogante e não suportava vê-los rodando pelo seu belo edifício espelhado que custara tão caro. Chegou estalando seus saltos no piso frio da sala e o encarou, ela um pouco mais alta que o militar. Machado era o típico estereótipo de militar linha dura e ela odiava cada parte dele.

_ Aliás, quem foi que chamou o senhor? Esse é um problema interno...

_ Isso é um problema de segurança nacional. E é minha função zelar pelo espaço aéreo do país.

_ Esta é uma nave colonial, coronel. Ela não tem armas, nem torpedos alienígenas, nem pretende fazer uma invasão em larga escala.

_ Vamos rever os protocolos de exploração, ZZ?

_ Não te dei liberdade para me chamar de ZZ, lembre-se bem disso - Zélia foi ríspida, mas sabia sobre os protocolos.

Um sinal de imagem chegando ecoou pela sala de controle. A grande tela se dividiu em duas assim que um satélite se posicionou para mostrar a nave. Já que não havia sinais chegando da BSS Mariana, teriam que fazer a exploração dela da maneira antiga. O casco parecia ter sofrido todo tipo de degradação que uma nave há muito tempo no espaço sofreria. Mas seu nome estava ainda nítido, assim como duas bandeiras: a brasileira e a do Consórcio Europeu.

Zélia saiu, avisando que estaria em uma chamada com o Consórcio Europeu e entrou no elevador, deixando Fábio e Endyra sozinhos novamente. A BSS Mariana era longa, com 825m de comprimento, 25 deques, amplas docas de carga e seu casco deve ter sido de cor azul, agora manchado e degradado

por micro meteoritos, poeira e sabe-se lá mais o que. Se havia um número de registro, eles não conseguiam ver.

_ Temos alguma sonda exploratória pronta no estaleiro? - Endyra perguntou.

Depois de algumas tecladas rápidas e telas holográficas abertas, a operadora disse que sim. O estaleiro Maria Quitéria ficava no espaço, ancorado num elevador espacial que saía da Base de Alcântara, no Maranhão e possuía uma dúzia de sondas exploratórias que vigiavam a órbita em busca de lixo espacial ou meteoros. De lá eram construídas naves, satélites e foguetes que partiam para a exploração profunda do espaço. Pela configuração da BSS Mariana, Endyra acreditava que ela tinha sido construída no espaço, mas cem anos atrás nem existia o elevador de Alcântara. Era um grande feito de engenharia construir toda a nave em viagens partindo da superfície.

_ Despache uma e rodeie toda a nave.

_ Mostre a situação das antenas - disse Fábio, como se falasse com seus subordinados.

A controladora relanceou para Endyra que fez um aceno de cabeça, pedindo que ela continuasse. A sonda P-12 ligou suas câmeras e instrumentos, deixou sua baia no estaleiro Maria Quitéria e a BSS Mariana começou a crescer nas telas. Primeiro ela observou a proa com cuidado, medindo temperatura do casco e mandou um sinal positivo da presença de oxigênio no interior. As quatro pessoas na sala soltaram a respiração que nem sabiam estar prendendo. Assim que ela subiu para o último deque da proa, Fábio apontou para os destroços na parte de cima, já junto do casco. A matriz das antenas tinha sido destruída. As imagens da sonda mostravam a presença de material condrítico, condizente com meteoritos. Por isso eles não recebiam comunicações dela, apenas seu transponder, que era automático.

_ Se a nave tem oxigênio e não pode transmitir, será que tem gente viva lá dentro?

Endyra olhou para o controlador-chefe, que mascava violentamente seu chiclete e a observava atento. Ele tinha razão. A essa altura, uma tripulação já teria se comunicado, até desceria com uma nave de apoio.

II

Keyla chegou à sala de controle e ouviu os berros de Fábio e Endyra de longe. Desde que tinha começado seu doutorado com Endyra que ela e seu ex-marido se engalfinhavam na sala de controle cada vez que precisavam respirar o mesmo ar. Não que Endyra ligasse para o que os outros pensassem, mas a incomodava a insistência do ex- em sempre aparecer em cada pequeno problema espacial.

Chegou perto dos dois, ansiosa para que fosse notada, porém a pancadaria verbal continuou. Ela ainda tentou dizer algo, levantando um dedo discretamente até que enfim precisou interromper.

_ Dá licença! - ergueu uma antiga pasta de papel pardo e os dois pararam com a velha discussão - BSS Mariana era uma nave experimental. Pronto, falei!

Obrigada, Keyla, Endyra pensou e lhe sorriu de maneira cansada, pegando a pasta de sua mão. Era inesperadamente fina, com alguns documentos confidenciais.

_ BSS Mariana, nave experimental do consórcio europeu e brasileiro, visava exploração do espaço profundo e colonização... blá blá blá - Endyra seguia lendo para a ansiedade de todos - Tem muitas partes censuradas, não dá para saber o destino, nem tripulação. Diz que tinha uma tripulação mista, câmaras hiperbáricas para estase profunda, módulos coloniais, suprimentos primários de sementes e embriões de animais de abate, reator. E é só.

_ E se abordarmos a nave? - Fábio parecia entediado ao dizer isso, mas Endyra sabia que ele adorava aparecer com soluções milagrosas no último minuto - Tenho uma equipe de resgate em treinamento no estaleiro desde a semana passada. Posso mobilizá-los em uma hora.

A porta do elevador se abriu e Zélia voltou, ajeitando o cabelo curto e grisalho que parecia especialmente ionizado naquela manhã. Seu rosto ainda guardava os tons acalorados de alguma discussão recente, mas garantia que tinha novidades. Assim, com exceção da controladora que permanecia na observação da nave, todo mundo se reuniu na sala de conferências da equipe no final do corredor. Zélia ligou a tela inteligente e começou a escrever com a caneta holográfica.

_ A BSS Mariana foi construída em segredo pela Agência Espacial Europeia e a antiga Agência Aeroespacial Brasileira. A ideia era enviar uma nave em missão secreta para uma estrela próxima e estabelecer uma colônia.

_ Que estrela que era? - Endyra perguntou.

_ Prócion A, setor de Cão Menor. Prócion A é uma estrela branca de sequência principal e os telescópios na cratera Korolev, na Lua, conseguiram identificar dois planetas do tamanho de Vênus e Marte com boas chances de abrigar vida. Enquanto a nave prosseguia em missão, os telescópios da BSS Mariana enxergaram mais além e viram que o planeta chamado como T1 era o mais favorável, com compostos orgânicos, ar respirável e água. Então, eles a mandaram para lá.

_ Se era uma nave de um consórcio, por que ela saiu com o BSS? - Keyla perguntou.

_ Provavelmente queriam um bode expiatório para colocar a culpa no caso de fracasso - Fábio resmungou.

_ Bem, o chefe do Consórcio Europeu não me disse com todas as letras, mas sim, era mais ou menos isso. Nosso governo pagou pela metalurgia inteira, mas a parte fina veio dos europeus.

_ Eles sabem que ela está lá em cima?

_ Não, eles não trabalham mais com a frequência desse transponder. Ficaram tão surpresos quanto a gente.

_ E o que houve com ela então?

_ Ao que parece, ela acionou o motor de dobra algumas vezes para chegar à Prócion A. Em uma das vezes em que fez isso, saltou para um cinturão de asteroides não catalogado e quase foi destruída.

_ A matriz das antenas - disse Fábio e Endyra foi obrigada a concordar - E a sujeira no casco, as marcas de colisões com meteoritos.

_ Sim - Zélia acenou com a cabeça - Foi aí que eles perderam o rastro dela. Deram a nave como destruída e esqueceram que ela existia. Nenhum governo quis assumir o fracasso e por isso nunca soubemos dela e uma missão de resgate era cara demais.

_ O fato de ela ter voltado mostra que a missão prosseguiu - Keyla apontou.

_ Mas por que voltou então? - o coronel Fábio Machado perguntou a todos e tendo um bom ponto - Se ela estabeleceu uma colônia e, pelo pouco que vimos, ela tinha condições de se manter por lá, o que a trouxe de volta?

_ Vai ver ela nunca chegou - Endyra resmungou mais para si mesma e as atenções se voltaram para ela - Vai ver a nave permaneceu em posição no cinturão de asteroides de Prócion ou seja lá de onde for e a inteligência artificial da nave não pode computar todos os eventos que aconteciam. Ela teria que saltar ponto a ponto para sair do labirinto e isso pode ter levado décadas.

_ E a tripulação? - o controlador-chefe, de poucas palavras, finalmente abriu a boca - Uma estase tão prolongada assim causaria danos sérios neles, não? Ainda mais naquela época.

Naquela época ainda não tinham criado o gás criogênico, apesar de todos os avanços na criogenia e nas estases prolongadas. O gás era baseado em genes de animais que praticavam a hibernação na Terra e ajudava a manter os tripulantes em estado preservado e sem riscos à saúde em suas câmaras. Sem ele... bem, ninguém sabia o que poderia acontecer à uma tripulação adormecida há mais de cem anos.

_ Parece que o Consórcio Europeu tinha a resposta - Zélia interrompeu todos eles - Foi criada uma realidade virtual, onde as mentes dos tripulantes poderiam existir, como se estivessem vivendo normalmente.

_ É sério? - Fábio deu um riso irônico.

Zélia parecia cética também, mas ela confirmou que foi implantado na BSS Mariana em caráter experimental. Ou seja, enquanto a tripulação estava adormecida em suas câmaras de estase, suas mentes estavam carregadas numa matriz virtual. Isso preservava as funções superiores do cérebro, mesmo com a ausência do gás criogênico. Era engenhoso, Endyra pensou. Eles encontraram uma maneira de manter a saúde mental dos tripulantes mesmo numa época tão distante, apesar de tudo o que aconteceu no passado.

O problema com as realidades virtuais começou ainda no final do século XXI. Redes sociais inteiras estavam imersas na realidade virtual, onde as pessoas upavam as próprias mentes para manterem

relacionamentos, assumindo avatares de todas as formas, até de animais mitológicos. Mas assim como a raça humana tem a capacidade de se socializar, também pode cometer atrocidades. Estupros mentais, invasão de personalidades, domínio completo de funções cognitivas, implantes de pensamentos, todo o tipo de barbaridade acabou acontecendo em ambientes assim. Comunidades conservadoras e fundamentalistas religiosos se utilizaram deste tipo de recurso para doutrinar pessoas e até para tentar mudar orientações sexuais com as quais não concordavam, como uma «cura gay» cibernética. Pessoas acordavam no meio da noite com pensamentos suicidas, pessoas pacíficas e de bem tornavam-se monstros assassinos, tudo porque alguém achou um jeito de hackear o cérebro humano.

Depois disso, um esforço mundial ocorreu para impedir que este tipo de atividade e equipamento se proliferasse. Tal como o esforço mundial para banir armas atômicas, não havia mais maneiras de se hackear cérebros nem de influenciar pessoas através de imersão em realidade virtual, apesar de existir gente com implantes neurais e capacidade de interagir em comunidades virtuais. Mas a imersão da mente e da consciência em um nível tão profundo não era mais possível.

_ Endyra?

Ela ergueu o olhar para os demais, que aguardavam com expectativa por sua resposta, pelo visto já há alguns instantes.

_ Sim?

_ O que acha da sugestão do coronel? - Zélia apontou meio que com desdém para o militar.

Vendo que Endyra não tinha ouvido, ela repetiu. A ideia de enviar uma equipe militar de resgate para a BSS Mariana e assim tentar averiguar o que aconteceu.

_ Bem, se não tem nada melhor no momento, por que não?

Fábio sorriu de lado e desviou o olhar, sabendo que a agressão gratuita fazia parte do jogo com Endyra.

_ Certo, então, coronel Machado, sugiro que comece os preparativos pra sua turma entrar na nave. Não temos o dia todo.

Pegando seu quepe e seu pad de serviço sem a menor pressa, ele se levantou, ajeitou a farda rapidamente e saiu sem dizer nada. Estava satisfeito por elas precisarem de sua ajuda. Endyra revirou os olhos e perguntou:

_ E o manifesto da tripulação, Zélia?

_ Ahh - ela finalmente puxou uma cadeira e se sentou com um ar esgotado - Os dados que o Consórcio Europeu têm são brutos. Ou seja...

_ São de computadores antigos demais - o controlador-chefe completou e Zélia concordou - Então eles podem mandar pra gente? Minha operadora é a melhor em reconstrução de informações.

_ Eles estão buscando o pacote de dados e vão colocar na skyweb pra gente ainda hoje. Eles não têm mais informações relevantes sobre a BSS Mariana fora do pacote, então vamos ter que descobrir tudo aqui mesmo.

_ Ou é o que eles falam, né - ?Keyla continuava escrevendo em seu pad.

_ Por que diz isso?

_ Se eles quiserem culpar alguém, somos o bode perfeito. E vamos assar no espeto lindamente se der alguma merda nessa nave. Até onde a gente sabe ela pode estar vazia ou pode ter sido dominada por aliens malignos, sei lá.

Endyra riu cansada do comentário, mas por mais ficção científica ruim que parecesse, oras... quem garantia que não?

III

_ Vocês me trouxeram a porra do ENIAC?

Gislaine era a melhor operadora do centro de controle da Brazil Space Co.. Conhecida por seu cabelo multicolorido, as tatuagens tribais e o gosto pelo death punk, Gislaine entendia tudo de programação e inteligência artificial. Sempre passeava pelos corredores com sua caneca de chá verde e os fones de um rosa gritante.

Endyra mal tinha entrado na sala e Gi resmungou sobre o pacote de dados vindo do Consórcio Europeu, enquanto digitava furiosamente num teclado holográfico e manipulava várias telas ao seu redor.

_ Sério, não me admira que o Consórcio Europeu não saiba abrir isso aqui. Eu mesma estou tendo que inventar a roda.

_ Conseguiu alguma coisa? - a mesa era uma bagunça de balas de goma, duas canecas vazias e a pasta encontrada por Keyla nos arquivos.

_ Sim, uma lista simples com os nomes dos tripulantes, mas fora isso nada mais a respeito deles. Alguns dados de potência dos motores e do fabricante da matriz de realidade virtual que foi utilizada nas câmaras hiperbáricas.

_ Sabe como funciona o sistema dela?

_ Bem, até onde posso ver - ela puxou uma tela para mais perto com vários esquemas de câmara de estase abertos - cada câmara tinha uma matriz de realidade virtual atrelada à uma fonte de força. Então, eles não dependiam da energia do reator da Mariana para tudo. O que é natural, isso preservaria a vida dos tripulantes no caso de uma queda de força, mas não de uma falha catastrófica.

Se estiverem vivos na estase, é capaz que estejam todos cantando Coração de Estudante numa sala virtual da nave.

_ Mas eles não viviam em simulações separadas uns dos outros, viviam?

_ Não, há uma realidade virtual com o mesmo esquema da nave carregado em cada matriz. Um sistema central convergia as informações pessoais e construía a arquitetura básica da nave onde eles podiam trabalhar e viver normalmente juntos durante a estase. A simulação era tão perfeita que eles podiam operar alguns sistemas primários de lá.

_ De quantas pessoas estamos falando?

_ Dez. Mas só tenho os nomes. Não tenho as bandeiras, sexo. Ainda - ergueu um dedo otimista.

Era algum progresso para quem não tinha quase nada poucas horas atrás. Uma mensagem de Jonas chegou em seu pad naquele instante. A equipe de busca e resgate já estava em uma nave de apoio rumo à uma das comportas de acesso da proa da BSS Mariana.

A tela central do comando estava tomada por uma bela visão do espaço, com a Terra abaixo como se ancorasse a BSS Mariana que permanecia plácida e silenciosa em sua órbita. Iluminada agora pelo Sol, ela até parecia brilhar timidamente com tantos destroços minúsculos de meteoritos sobre seu casco. A nave de apoio deixou o estaleiro Maria Quitéria com uma equipe de seis resgatistas da Aeronáutica Brasileira e seguia em órbita baixa até a posição da nave, parando e desacelerando vários metros antes para localizar a comporta de apoio.

A nave de apoio aproximou-se devagar da comporta 6 da proa e acionou as garras de atracação quando os dois sinais se reconheceram. O piloto conseguiu atracar de primeira, sem nem titubear e a pressão se igualou na passagem, conforme viam pelas câmeras nas roupas pressurizadas dos resgatistas.

A primeira comporta se abriu, os tripulantes entraram e a fecharam. A pressão do outro lado se igualou e se abriu, botas magnéticas começaram a funcionar. O ambiente dentro da Mariana estava sob as luzes de emergência e havia alguma condensação sobre as paredes. Seis resgatistas caminhavam com cautela pelo corredor sombrio, com medo de encontrarem um alienígena, mas de acordo com os sensores, não havia sinal de vida além deles.

_ Vamos até a Enfermaria - disse a líder.

Os elevadores estavam todos parados nas plataformas. As escadas, no entanto, estavam livres. A temperatura interna da nave beirava os -30°C, não congelando completamente devido ao casco inteligente e isolante. Subiram 15 deques até a porta da Enfermaria, que estava aberta. Duas pessoas saíram da formação da equipe e se dirigiram para a Engenharia. Marcas escuras eram deixadas na leve camada de gelo do piso conforme a equipe andava, apontando lanternas para todos os corredores e portas por onde passavam.

_ Sinal de vida à frente - disse uma das médicas de resgate.

A câmera visualizou todo o saguão de entrada da Enfermaria e no meio dela tinha uma hiperbárica que parecia totalmente deslocada da organização do ambiente. Uma leve luz esverdeada pulsava na tampa, indicando que a pessoa ali estaria viva. Quando a médica se postou ao lado, todos conseguiram ver um homem negro profundamente adormecido, ombros largos de nadador, forte e atlético. Não usava farda que o identificasse, nem nenhum nome pulsava na tampa junto de seus sinais vitais. Sem os manifestos da tripulação, ficava difícil saber quem era.

_ Engenharia, alguma coisa? - a líder perguntou, observando a câmara.

_ Sim, senhora. Houve uma falha catastrófica na nave, por isso as luzes de emergência. A rede neural do casco está interrompida em várias seções, o que derrubou a energia principal e o suporte de vida.

Sistemas neurais, segundo constava da história, eram invenções recentes. Endyra franziu o cenho e olhou para ZZ, que parecia tão surpresa quanto ela. Havia indícios de uso de sistemas neurais em interfaces cibernéticas, mas o domínio das funções viera nas últimas quatro décadas. A BSS Mariana parecia ter inovações atuais testadas sem sucesso cem anos antes.

Na Engenharia, um corte da nave estava disposto em uma grande tela, com as falhas na rede neural aparecendo em vermelho. Isso a deixaria praticamente sem função alguma de navegação. Mas poderia saltar se as conexões com os motores não tivessem sido interrompidas. Como esse sistema era redundante, provavelmente não sofreu avarias. A BSS Mariana mancou para casa durante décadas.

_ Os dados médicos indicam que ele está em estase profunda há 73 anos - a médica lia as informações da tampa - Não programou uma data para acordar.

As duas percorreram as outras salas da Enfermaria e encontraram o necrotério vazio e uma sala onde sinais verdes piscavam na parede. Olhando com mais cuidado, era possível notar que existiam gavetas dispostas até o alto. Câmaras de estase. Oito sinais piscavam positivo, um estava estático em vermelho, sinal de óbito. Sem nomes também.

_ Ordens?

Fábio Machado olhou para Zélia e Endyra, esperando que elas dissessem alguma coisa.

_ Traga-o para o nosso centro de quarentena - Zélia apontou para a tela - Vamos tentar acordá-lo e ver o que a gente descobre.

O coronel tagarelou com os oficiais lá em cima e os preparativos para uma maior exploração da Mariana começaram. A hiperbárica solitária da Enfermaria foi embarcada em uma nave de apoio e desceu junto da equipe de resgate.

IV

A sede da Brasil Space Co. ocupava mais de 500 km2 nos arredores de Brasília, tendo trens-bala conectados ao elevador de Alcântara e à Barreira do Inferno, no Rio Grande do Norte. Suas dependências incluíam uma universidade e escola técnica, hospitais, centros de treinamento, de pesquisa, de inovação e de testes. Era um megacomplexo privado com contratos com o governo e com os militares. Incluía também várias docas e pistas de pouso para naves de apoio que iam e vinham de órbita.

A nave de apoio da Aeronáutica entrou na atmosfera sobre o nordeste brasileiro com um boom sônico e desacelerou continuamente até pairar sobre uma doca já isolada e preparada para desembarque. Médicos em roupas de proteção aguardavam na base das escadas e, quando a nave parou totalmente, subiram acompanhados de um robô de transporte que engatou a hiperbárica em sua pequena plataforma de transporte e começou a descida até o hospital. Os resgatistas ficariam de quarentena por algumas horas e depois, se estivesse tudo certo, liberados para suas funções.

A câmara chegou em meio à uma ansiedade silenciosa ao centro de quarentena do hospital. Até onde as pessoas sabiam, ninguém ficara tanto tempo em estase quando aquele homem. De uma área de observação isolada Endyra ZZ, Keyla e o coronel Machado observavam a chegada da estrutura que parecia maior do que na tela. A luz interna continuava acesa e o sinal verde pulsando devagar na tampa. Os médicos, todos cobertos com uma roupa espacial, apenas o rosto saindo pela máscara, ligaram a rede de contenção biomédica e se prepararam para abrir.

Levaram algum tempo vendo as especificações do fabricante, encontrada por Keyla em um velho manual da empresa na biblioteca do departamento de astrometria. Quando puxaram a lingueta na base, a tela emitiu um alerta de que precisava de 30 minutos para normalizar os sinais vitais. E assim ela fez, após 32 minutos, que pareceram 32 horas para quem aguardava.

Livre da estase, uma equipe de enfermeiros conseguiu transportar o homem para uma cama enquanto realizavam os exames de praxe. Telas holográficas se abriram automaticamente quando os sensores entraram em funcionamento. Pressão arterial, batimentos, eletroencefalograma e uma tomografia já estava prontos quando as mantas foram colocadas sobre ele. Seu metabolismo estava subindo continuamente, de maneira gradual e se estabilizou depois de uma hora. A roupa que ele usava era um macacão de serviço simples, sem nomes, que foi retirado com a ajuda de tesouras. Seu cabelo estava crescido, quase formando um black power, resultado de 73 anos de metabolismo desacelerado.

Keyla acabou dormindo sobre os braços, sentada desconfortavelmente e apoiada na bancada. Endyra lia os últimos dados obtidos pela equipe técnica do estaleiro que estava à bordo da Mariana. ZZ saiu para atender diversas ligações, agora que a história toda tinha vazado na mídia e o centro de imprensa do complexo tinha jornalista saindo pelo ladrão.

Até Fábio Machado parecia mais relaxado, tendo tirado o paletó da farda e falhado miseravelmente em estabelecer uma conversa com Endyra, que se mantinha presa na leitura para não falar com ele. Mas na verdade os dados eram apenas técnicos, nada que pudesse ajudar na...

_ AAHHH! AHHHHHHHHHHH!!

O choque com o grito repentino em um ambiente silencioso foi tão grande que Keyla acordou de súbito e ficou de pé atabalhoadamente, Endyra espalhou os papéis pela sala com um tremor e o coronel Machado, com a cadeira apoiada na parede, quase caiu. Na quarentena, o homem acordou e saltou da cama, sem conseguir firmar as pernas e tentava se arrastar pelo chão, aos prantos, tentando agarrar os ladrilhos esterilizados, como se quisesse sair da sala pelo piso. Os médicos saíram da inatividade em que estiveram durante uns instantes e com uma pistola injetaram tranquilizante no pobre homem que relaxou quase imediatamente.

Endyra tocou o vidro e o microfone foi acionado:

_ Mas o que foi isso?? - sua voz ainda tremia.

O médico do outro lado deu de ombros, ainda espantado, eles nada tinham feito de errado durante os procedimentos. O tripulante da Mariana foi cuidadosamente colocado numa cama e teve pulsos e pés amarrados por precaução. Endyra sentia ainda o coração martelando no peito.

Ele acordaria mais três vezes aos berros, tremendo, se debatendo. As imagens da ressonância feita em sua cabeça estavam estranhas. A neurologista conversava com mais duas colegas sobre o assunto rodando as telas holográficas com as imagens para cima para baixo, fundindo imagens para obter uma melhor composição. Na sala de observação, os três estavam mais atentos, completamente absorvidos pelos procedimentos. A neurologista se virou para o vidro, apenas seu rosto visível pela máscara da roupa de proteção e disse:

_ Vamos aplicar uma dose cavalar de anticonvulsivantes e tentar acordá-lo. Isso deve parar os ataques.

Endyra concordou, fazendo um leve aceno de cabeça, receosa de ter que ouvir mais gritos ensurdecedores. Toda a estrutura hospitalar a oprimia desde que entrou e saiu dela por um ano com a filha que tivera com Fábio. A assepsia, os leitos, os procedimentos e a impossibilidade de cura, tudo isso voltava em ondas que tentava conter se concentrando no presente.

Um enfermeiro aplicou os anticonvulsivantes com uma pequena pistola médica e as telas da atividade cerebral mudaram sensivelmente de cor. O que antes era um festival de vermelho, laranja e amarelo, agora tinha ficado bem menos quente, apresentando áreas de tons mais frios.

_ Consegue me ouvir? - disse a neurologista perto do paciente.

Ele então abriu os olhos, castanhos e ainda sonolentos. Ficou olhando para a médica em sua roupa especial alguns segundos, como se tentasse decifrar a imagem e depois virou a cabeça para olhar para o outro grupo de profissionais ao seu redor.

_ ... on-de... - limpou a garganta - onde estou?

_ Está na superfície. Você está em um hospital.

_ ... na Terra? - sua voz não passava de um sussurro.

_ Sim, na Terra.

_ ... a nave... ela...

_ Ela está em órbita passando por análises.

A neurologista olhou para Endyra que fez um sinal negativo com a cabeça. Não era para atordoar o paciente com informações. Sabia que seria um choque o fato de a tripulação estar de volta depois de cem anos. Enquanto o paciente pedia por mais informações, a médica fez os exames neurológicos de praxe e cognitivos também, usando-se de imagens para ver se ele reconhecia formas e padrões.

_ O que aconteceu?! - ele gritou num tom diferente - Mas como assim, onde estou, o que é isso?! Não é possível, isso não é possível!

Seu corpo ficou tenso sob as amarras, ele pareceu se bater novamente, lutando para se erguer, ora para se soltar, ora para bater a mão na cabeça. Até que, enfim, parou. Seus olhos ficaram vidrados no teto por uns instantes, apenas fixos ali. Sua boca se mexeu devagar, tentando formar palavras.

_ ... preciso... falar com um... responsável...

Havia algum tom de urgência em sua fala, algo que necessitava de atenção. Mesmo sussurrada, ele queria dizer algo. Endyra se levantou de seu lugar depois de ver a dúvida da neurologista. Era óbvio que teria que ir até lá. Saiu da sala de observação, entrou na ala médica, vestiu uma roupa especial e acoplou a máscara, ajustando-a embaixo do queixo.

_ A atividade cerebral é estranha, ainda estamos tentando entender o porquê. Evite dar muitas informações - a médica caminhava a seu lado.

_ Acha que pode estar doente?

_ Os testes foram bons, os biofiltros da nave estão limpos. Tirando a atividade cerebral, está bem de saúde.

Levando as observações da médica em consideração, Endyra se aproximou da cama e logo foi fitada por um par de olhos ansiosos. Foi como olhar para um funil de informações quando não se possui os meios para ler todas elas. O que aqueles olhos teriam visto durante sua viagem? O que teria acontecido ao chegarem a Prócion?

_ ... você é a... responsável pelo programa?

_ Sou uma das responsáveis - ela foi imprecisa - Como se sente?

_ ... difícil... muito... não tire... os outros...

Sua voz tinha urgência. Endyra sentiu a sala suspender a respiração por um instante.

_ Por que não?

_ ... eles não conseguiram... VOCÊ NOS TRANCOU ... !seu cretino miserável! Como pode... SUA CULPA! - e o homem se retesou na cama, lutando contra as amarras mais uma vez - PARA, CHEGA! Não grite comigo!

Endyra deu um pulo involuntário para trás, mas não pode deixar de ser acometida por uma estranha sensação de pena por aquele ser humano que parecia sofrer de uma dor imensa sem que eles pudessem fazer alguma coisa.

_ ... eles não...

Ele entrou em convulsão mais uma vez, enquanto Endyra tentava obter seu nome. Só conseguiu ouvir uma palavra: Sidney.

V

_ Certo, crianças, vamos lá.

Endyra e Jonas tinham reunido todas as informações obtidas até agora. Endyra estava diante da tela, organizando as informações com toques leves que abriam imagens, textos, manifestos e arquivos, já sentindo a manta do cansaço sobre os ombros. Infelizmente os dados da tripulação permaneciam insondáveis. Gislaine praguejava enquanto lutava para restaurar os dados defeituosos.

_ O que sabemos até agora: - disse Jonas - A nave realmente teve problemas ao saltar para Prócion. Ela se deparou com um campo de asteroides não catalogado na época que danificou antenas, vários manobradores de proa e causou sobrecarga e pane elétrica em vários deques. A nave conseguiu regenerar as redes neurais em algumas partes e a equipe da metalurgia lá no estaleiro acredita que as falhas que antes eram pequenas acabaram se tornando uma grande falha catastrófica em vários sistemas, inclusive da enfermaria.

_ A área de carga da Mariana está vazia - disse Endyra - Eles estavam carregados de material colonial, mas ou eles estabeleceram a colônia em outro planeta ou a carga foi liberada no espaço. Não há dados nos bancos de memória para saber com certeza. Mas de uma coisa sabemos, eles nunca chegaram a Prócion, ou ao planeta T1 onde deveriam se estabelecer.

_ Como sabe disso?

Endyra olhou para o coronel Machado com fúria, pois sabia que ele fazia aquilo apenas para testar seus conhecimentos e não por ter uma dúvida genuína. Puxando uma pasta do alto da tela, Endyra a abriu com dois toques e uma imagem da área de carga e de naves de apoio da BSS Mariana apareceu. Havia um grande satélite, de forma antiquada, antenas primitivas, bem no centro da tela.

_ Assim que eles chegassem a T1, eles precisariam colocar este satélite em um Ponto de Lagrange estável para agir como uma antena de espaço profundo. Ele estava codificado para trabalhar nas coordenadas estelares de Prócion para servir de ponte de comunicação com a Terra. Era uma tentativa frustrada de se comunicar pelo subespaço, mas era a melhor tecnologia que tinham. Eles não tinham como usar isso em outro planeta, precisariam dos dados estelares brutos da Terra para apontar o sinal na nossa direção.

_ Essa falha catastrófica - ZZ parecia pensativa - poderia ter aberto as comportas da área de carga, causando descompressão e lançando tudo no espaço, não poderia?

_ Sim - Endyra concordou - Até o momento é o que parece plausível, já que não há nenhum material alienígena de praxe no interior como rochas, amostras de solo ou biológicas.

_ Como foi a volta? - o coronel Machado perguntou.

_ Saltos coordenados - disse Keyla de seu lugar e encarando o militar - Foi difícil, levou anos, mas sem condições de calcular uma rota correta para fora do campo de asteroides, eles precisaram fazer saltos pequenos e bastante tímidos para conseguirem uma rota livre de obstáculos para chegarem na rota anterior. Os dados da navegação mostram que vários saltos foram calculados e executados pelos sistemas automáticos enquanto a tripulação permanecia em estase. A inteligência artificial calculava os destinos e depois soltava os dados para os saltos.

_ O que nos traz outro problema - ZZ lamentou e olhou para Endyra - O que pode nos dizer sobre Sidney?

_ Pouca coisa - ela se sentiu desconfortável de discutir o assunto - Em meio às crises e aos ataques, descobri que Sidney é um oficial da nave e que é do Consórcio Europeu. Mas suas frases... Bem, qualquer coisa que saia dali está bem confusa.

_ Doutoras? - ZZ virou sua cadeira para encarar a psiquiatra chefe e a neurologista que estavam cuidando do tripulante da Mariana no hospital - Qual é o problema?

_ Não temos certeza - disse a neuro - Fisicamente Sidney está muito bem, o problema é aqui - apontou para a cabeça -Anticonvulsivantes resolvem temporariamente, mas ainda assim tem muita frase desconexa, muita informação, como uma enxurrada.

_ O que poderia causar isso?

A psiquiatra e a neurologista se olharam desconfortáveis por um instante e ZZ não deixou de notar isso. Endyra já tinha comentado com elas que a proposta das duas era bem radical.

_ Há uma possibilidade, algo que possa explicar o que está acontecendo, mas não sei como nem por que teria acontecido - a psiquiatra estava cautelosa.

Dando toques em seu pad, ela jogou várias imagens das ressonâncias magnéticas de Sidney na tela central. E depois comparou com uma imagem de uma ressonância feita em um dos enfermeiros que

era da mesma idade, cor e estrutura física que Sidney. A diferença era gritante. O enfermeiro estava com uma atividade cerebral muito boa em todos os hemisférios, nem tinha danos físicos no cérebro. As imagens de sua ressonância mostravam um homem de 40 anos com uma atividade cerebral bastante saudável. Já as de Sidney eram caóticas, o cérebro tomado por atividade intensa que uma pessoa comum não poderia aguentar. Aliás, nem sabiam como o paciente ainda estava vivo. Era como observar um curto circuito cerebral.

_ O que causaria essa atividade toda? - ZZ perguntou.

_ A realidade virtual simulada da nave - a psiquiatra foi cautelosa, observando as reações dos presentes.

Endyra baixou a cabeça, Fábio ergueu as sobrancelhas, ZZ inclinou a cabeça achando ter ouvido errado. Jonas mascava furiosamente seu 20º chiclete do dia. Keyla parou de tomar de sua água ao ouvir isso e Gislaine permanecia alheia a todo mundo sob seus fones de ouvido.

_ O que tem ela?

_ Sidney tem atividade cerebral suficiente para dez pessoas dentro do cérebro - a neurologista completou - Tentamos buscar uma explicação razoável na medicina, até que buscamos antigos arquivos da época da BSS Mariana, quando as realidades virtuais começaram a fazer vítimas por hackeamento de cérebros humanos. Se houve uma falha catastrófica na nave e a simulação, que mantinha os tripulantes mentalmente saudáveis, sofreu com oscilações de força, a mente de cada um deveria voltar para seus corpos. Mas e se não foi isso o que aconteceu?

_ Está dizendo que Sidney está com a consciência dos nove colegas dentro da própria cabeça? - ZZ apontou para a imagem em tempo real que o mostrava adormecido e ainda amarrado à cama.

_ Só isso explicaria essa atividade cerebral, as frases erráticas e as súbitas mudanças de humor, além das convulsões - a neurologista não tinha explicação melhor - E apesar de o cérebro humano ser plástico e maleável para se adaptar a diversas situações, ele não foi feito para isso. A vida de Sidney corre um sério risco.

_ E a dos colegas dele - a psiquiatra completou.

Se isso fosse verdade, seria um caso notável na medicina, mas implicaria em algo que eles não sabiam se era possível: como devolver cada um para seus corpos? Seria algo extremamente polêmico se aquilo vazasse para o público. Mesmo depois de mais de cem anos, os problemas causados pela realidade virtual e as simulações intensas que foram capazes de causar suicídios e mortes estranhas eram um evento lembrado e estudado ao lado de outros como o Holocausto, o Genocídio Armênio, e tantos outros eventos marcantes e potencialmente destruidores para a raça humana.

Endyra estava incomodada com a forma como discutiam a respeito do cérebro de Sidney como se ali não existisse um ser humano ou vários seres humanos. Que tipos de traumas Sidney e os outros

carregariam para a vida mesmo que qualquer procedimento para reverter o problema funcionasse? Endyra já tinha tantos pensamentos na própria mente, não conseguia imaginar a cabeça de uma pessoa tendo que acomodar outras 9 e ainda manter uma conversa inteligível com toda essa sobrecarga.

A conversa entrecortada por explosões de raiva que manteve com Sidney, apesar dos problemas, foi proveitosa. Percebia que falava com alguém inteligente, alguém que não precisava de explicações sobre coisas simples, nem mesmo de uma ironia, o que era notável para alguém com mais de cem anos de idade. Sidney reparara logo de início na ascendência indígena de Endyra, que riu de lado com a observação, apesar de lamentar a extinção de sua etnia.

_ Gislaine!

ZZ precisou erguer a voz para que a operadora da sala de controle abaixasse os fones de ouvido e Endyra saiu dos pensamentos.

_ Que?! - Gislaine respondeu contrariada.

_ Como está a recuperação dos arquivos?

_ Inventando a roda, obrigada. Perdi muitas informações, existem coisas que os tripulantes vão ter que contar, o resto está destruído. Ainda assim consegui os manifestos completos, alguma parte da engenharia da simulação e da navegação - ela jogou uma imagem na tela principal - Aqui tem uma parte da rota da Mariana até Prócion. São imagens do banco de dados europeu, por isso não tem o campo de asteroides aí.

_ Ela passou por grandes porções de coisa alguma até lá - Endyra olhava atenta.

_ Caro coronel Machado - ZZ adotou uma falsa diplomacia educada ao lidar com o único militar da sala - O governo tem alguma posição oficial para o caso? Tem cidadãos brasileiros ali - apontou para a imagem da BSS Mariana.

_ O governo não tem nenhuma posição oficial além de «nossos compatriotas voltaram».

_ Se posso sugerir - Gislaine ergueu um dedo - acho que precisamos de especialistas em realidade virtual para poder desafogar a mente de Sidney. Precisamos de alguém que entenda como esses sistemas funcionam e como a mente humana lida com essas informações.

_ Existem alguns aqui mesmo na universidade da Brazil Space e mais dois nomes conhecidos, um na UFRGS e outro na UFRN - disse Keyla.

_ Então acho interessante sondá-los, mandar um contrato de confidencialidade e pedir ajuda.

ZZ gostou da ideia e pediu que os três especialistas viessem de onde estivessem e que os ajudassem na questão. As médicas responsáveis por Sidney se comprometeram a refinar melhor as drogas que administravam nele para que sua consciência ficasse estável o suficiente para poder conversar. Mas

era difícil compreender sua fala com tantas interrupções em suas frases. Endyra ficou ansiosa com toda essa agitação e sabia que Sidney também estaria.

VI

Endyra tentou dormir, pois sabia que se sentia mais cansada que nunca. Voltou para seu alojamento, tomou uma longa ducha quente, comeu algo gostoso do refeitório deitada na cama e acabou cochilando ainda sentindo o cheiro da tapioca doce que comeu de sobremesa. Acordou sobressaltada e buscou o relógio que acabava de sinalizar 3 da manhã. Dormira umas 5 horas pelo menos, o que era bom. Sentia a cabeça pesada de tantas informações e de tanta leitura que fizera naquele dia.

Não sabia o que a levou para a enfermaria ainda enrolada na manta indígena da qual nunca se separava. Sidney estava numa área isolada e não havia mais necessidade de roupas de proteção, mas havia seguranças armados em todos os acessos do andar. Ela passou ao mostrar seu crachá e seguiu para a sala isolada, onde um enfermeiro fazia anotações num pad, diante das telas de sinais vitais. Achou que estivesse dormindo, mas Sidney olhava fixamente para o teto.

As luzes estavam baixas, o ambiente parecia calmo, bem diferente daquela manhã agitada. Endyra se sentou ao lado da cama, um pouco distante de Sidney, mas sabia que sua presença já tinha sido notada.

_ Como se sente? - ela perguntou baixinho.

_ ... vozes... - sussurrou - muitas vozes...

_ Lamento - disse com sinceridade.

_ ... não...

Sua voz parecia embargada, como se a língua estivesse inchada. As médicas precisaram administrar doses cada vez mais altas de anticonvulsivantes para estabilizar as funções cerebrais. Queriam muito que o paciente dormisse sem indução de medicamentos, mas parecia que seu cérebro não desligava.

_ ... não consigo... dormir...

_ Eu entendo.

_ ... sede - tentou apontar para a boca, mas as mãos continuavam presas.

Ao lado da cama havia um copo plástico com água pela metade e um canudo despontando da tampa. Endyra o pegou e colocou o canudo gentilmente na boca de Sidney, que bebeu com avidez. Seu semblante estava cansado, mas era um rosto bonito, forte, harmonioso. Tinha sobrancelhas bem arqueadas, a pele tom de café.

_ ... esse... esse - seu dedo rodopiou - lugar...

_ Você está em um hospital.

_ Brasil...?

_ Sim.

_ ... a nave...

_ A BSS Mariana voltou para a órbita da Terra na madrugada de ontem.

Um sorriso cansado, feito por lábios rachados e desidratados escapou de seu rosto pela primeira vez. Sidney respirou fundo e pediu mais água.

_ ... feliz - aponto para si.

_ Sim, estamos felizes que vocês voltaram. Consegue me contar o que houve na nave?

Era um tiro no escuro e arriscar uma nova crise, mas Endyra precisava tentar.

_ ... falha... catas-... - sua língua embolou mais uma vez - não... restaurar energia... rede falhando...

_ Foi quando vocês saltaram para dentro do cinturão?

A resposta demorou e veio depois de longos suspiros e respirações, como se Sidney lutasse com as lembranças. Mas sim. A BSS Mariana saltou para onde não podia.

_ Qual é o seu posto?

_ ... se-segundo... oficial em comando. Chefe-fe da segurança... Muito con-... confuso...

Sidney a encarou com aqueles belos olhos amendoados. Estavam cansados, enevoados de medicação, mas com um brilho de dez mentes, ela pensou.

_ você... muito bonita... bom ter você... aqui.

Tudo o que Endyra menos esperava agora era um elogio. Não pode deixar de sentir o rubor subir às faces, as bochechas ardendo de vergonha.

_ ... quando... sair... sair da cama... pago o café.

_ Feito - Endyra sorriu.

A conversa prosseguiu em um ritmo lento no inglês britânico de Sidney. Eram avanços lentos, às vezes parecia que sua mente se desligaria a qualquer momento. Mas na troca do plantão às sete horas, o novo enfermeiro aplicou mais uma vez os anticonvulsivantes e, finalmente, Sidney conseguiu relaxar e dormir um pouco. Endyra não estava com sono, nem cansada, mas animada e feliz pelo progresso. O melhor a fazer era sair e deixar o sono tão desejado durante a madrugada por Sidney continuar.

Correu para seu alojamento, onde lavou o rosto, escovou os dentes, prendeu o cabelo numa trança e voltou para a sala de controle com um capuccino na mão. Jonas estava lá, sentado em sua cadeira de comando, olhando a tela grande no centro da sala. Os resgatistas tinham conseguido um rebocador

espacial Hércules, que estava ancorado no Maria Quitéria e arrastavam a BSS Mariana até uma doca de reparos.

Reportagens especiais passavam desde o anúncio em esquema de plantão pelas emissoras do mundo todo. Uma nave de cem anos! O retorno de heróis? Ou de cadáveres? Não havia informações de sobreviventes nem nada sobre Sidney ou a missão tinham sido veiculados, mas naquela manhã uma rede de TV tinha conseguido dados com o Consórcio Europeu de que a nave usava realidade virtual. A sociedade já estava em polvorosa discutindo as repercussões disso. Programas especiais estavam pipocando em todos os canais com especialistas em voo, jornalistas especializados em ciência espacial, políticos e artistas soltando todo o tipo de opiniões sobre o que estava acontecendo lá em cima.

_ Bom dia, Jonas, ainda por aqui.

_ Os especialistas em realidade virtual chegaram. Estão com ZZ e Gislaine na sala de conferências.

Correndo para lá, Endyra entrou em silêncio, sem interromper a conversa. Para seu desgosto, Fábio estava lá dentro. Pelo o que conseguiu ouvir, eles estavam explicando para Gislaine sobre como eram feitos os uploads da memória e da consciência e de como isso era problemático em caso de falhas na força principal da nave. Os arquivos cavados por Gi nos dados brutos da missão indicavam que havia uma possibilidade pequena, quase ínfima, de problemas na manutenção da força individual das câmaras de estase em caso de falha catastrófica que poderia ocasionar em perda de memória e no não retorno das mentes de volta para os cérebros originais. Os servidores foram feitos para garantir que isso não acontecesse e no manual da BSS Mariana isso constava como um comentário de rodapé. Infelizmente, o comentário de rodapé aconteceu.

Os especialistas eram duas mulheres e um homem. Uma delas era a chefe do departamento de realidades simuladas da Universidade da Brazil Space Co., a antiga Universidade de Brasília. O homem viera do Rio Grande do Sul, a segunda mulher, uma oriental, do Rio Grande do Norte. Cada um tinha um conhecimento avançado e quase inesgotável sobre todos os problemas causados pelos hackeamentos de cérebros e sabiam que Sidney estava em grande sofrimento.

_ O que fazemos então? - ZZ perguntou.

_ Precisamos Analisar o software e ver se há falhas na simulação - a oriental disse - Se não houver, precisamos realizar o procedimento dentro da nave, com energia restaurada e sem chance de haver falhas. Se todas as mentes estão presas em um só cérebro, o tempo é curto.

_ Quanto? - Endyra perguntou.

_ O cérebro vai começar a ficar atolado de células inúteis e lixo celular conforme a atividade exagerada permanecer - disso o sujeito do Rio Grande do Sul - Se o cérebro de Sidney ficar mais alguns dias desta forma, ele vai começar a apresentar danos extensos, levando a casos de demência, perda de funções cognitivas, perda de memória, de fala, a lista é longa.

_ Sidney não estava nas câmaras junto dos colegas, estava? - perguntou a mulher de Brasília.

_ Não, a câmara estava na entrada da enfermaria, por quê? - Endyra respondeu e perguntou.

_ Isso indica que sua mente não estava na simulação.

Gislaine começou a estalar os dedos, como se lembrasse de algo e todo mundo parou para ouvir o que ela tinha a dizer. Passou várias telas até achar a que queria e jogou na tela principal.

_ A falha catastrófica levou a oscilações na simulação. Graves o suficiente para causar perda de memória nos tripulantes. O que Sidney deve ter feito foi redirecionar as mentes para seu cérebro e guardar os colegas ali dentro, com medo que a simulação com falhas matasse a todos eles. Não há registros sobre isso, mas há dados do buffer da câmara em que ele estava.

_ Já tem um óbito, de acordo com as câmaras da enfermaria da Mariana - lembrou o coronel Machado.

_ Temos que fazer o upload na simulação até o final da semana, ou vocês vão perder todos eles - a oriental disse novamente, muito séria.

E isso era um grande problema. De acordo com a manutenção que vinha trabalhando na nave, a rede neural apresentava graves problemas por todo o casco. Falhas grandes, falhas pequenas, nodos de processamento rompidos. Teriam que trabalhar contra o relógio.

Os problemas de interface foram resolvidos rapidamente. Gislaine já tinha criado códigos, patches e rooteado praticamente todo o pacote bruto de dados do Consórcio Europeu. Desta forma foi fácil conectar os novos sistemas aos antigos computadores da Mariana. A parte difícil vinha sendo restaurar a força aos deques com falhas da nave. Depois de dois dias inteiros tentando reidratar e reinstalar as redes neurais, a melhor opção foi a de instalar um núcleo auxiliar de força e fornecer energia diretamente. Só assim eles evitariam uma falha catastrófica depois de inserirem os bilhões de zetabytes de informação que constituíam as mentes de cada um dos tripulantes de volta a seus núcleos de processamento e, posteriormente, dando tudo certo, de volta na mente de cada um.

Sidney. Endyra não sabia explicar a ligação que desenvolveram no hospital. Ela estava lá em suas crises, em todas as tentativas frustradas de dormir, em cada gole de água .Endyra se transferiu para uma cadeira ao seu lado, onde podiam conversar. Era frustrante querer poder tanto conversar com alguém que estava aprisionado em um corpo e tinha dificuldades para se expressar.

Endyra sabia que seu comportamento poderia ser estranho para algumas pessoas. Mas aquela mente errática e confusa, lotada de personalidades era capaz de compreendê-la mesmo depois de dizer poucas palavras. Riam das mesmas piadas idiotas, conheciam as mesmas histórias, leram todos os clássicos universais. Sentia-se confortável ali. Sentia-se contemplada como nunca esteve antes. E isso a deixava feliz.

Mas conforme sua ligação com Sidney aumentava, a situação cerebral piorava. A neurologista cobrava urgência das equipes. Ela já encontrava sinais de lixo celular, além de sinais de concussão já curada na cabeça de Sidney. Os anos na estase acabaram curando o ferimento e por isso foram imperceptíveis nos primeiros exames.

VII

O tempo por fim se esgotou. Endyra e Sidney conversavam intimamente naquela noite, poucas horas antes do amanhecer. Contou sobre seu casamento frustrado, sobre a morte da filha e do imenso buraco que ficara em sua vida depois disso. Enterrou a cabeça no trabalho, quase não saía do centro espacial, aceitava alunos de doutorado um atrás do outro para ocupar completamente seu tempo e assim não pensar na urna com as cinzas da filha. Endyra chorou junto ao ombro de Sidney, lamentando não ter sido capaz de salvar a vida da filha, enquanto Sidney murmurava *"está tudo bem..."* do seu jeito embolado e às vezes pouco compreensível.

Em um determinado momento da noite, sua voz parou. Endyra encarou aqueles olhos estatelados no teto e sentiu o coração dar uma palpitada dolorida, pensando no pior.

_ ... Endyra...

_ Estou aqui. Estou aqui - apertou sua mão.

_ não... consigo explicar... o que sinto por você... apenas que é algo maravilhoso e que... - começou a tremer e a gemer - quero muito viver isso...

_ Sidney? SIDNEY! Alguém me ajude! - Endyra gritou do corredor.

Uma equipe correu até o leito, removendo as mantas e verificando telas e mais telas de ressonâncias e tomografias.

_ Não temos tempo, Sidney tem que subir agora! - a neurologista apertou a tela de comunicação na parede oposta e acionou o resgate médico.

Uma nave permanecia de prontidão nas docas da Brazil Space Co. para transportar Sidney de volta à BSS Mariana. Mas como a simulação ainda não parecia segura, o transporte fora adiado duas vezes no dia anterior, tendo sido remarcado para o meio-dia. Pelo visto, eles subiriam 8 horas mais cedo.

O hospital, que estava tranquilo, se tornou um entra e sai desvairado e Endyra mal conseguia enxergar o caminho até as docas. Ficou para trás para ir ao centro de controle, onde Jonas, incansável desde o começo da crise, coordenava a decolagem de sua mesa.

_ O que aconteceu? - ele mascava seu chiclete violentamente.

_ Uma crise... das feias - segurou as lágrimas e o nó na garganta, pedindo aos seus ancestrais que guardasse a vida de Sidney.

_ Vai dar tudo certo.

Tomara, Jonas, ela pensava. Os dois viram a nave decolar através da imensa tela central e desaparecer de vista depois de alcançar nuvens densas. Tinha chuva prevista para o planalto central naquela manhã. Trinta e cinco minutos mais tarde, o estaleiro Maria Quitéria confirmava a chegada da nave médica. Agora estava nas mãos de Gislaine e dos especialistas em simulações e sistemas virtuais. Nada mais podiam fazer.

Sentindo que seria capaz de gritar, Endyra correu para o banheiro mais próximo, jogou água no rosto tentando aplacar as lágrimas que insistiam em descer. Sim, estava apaixonada por Sidney. Endyra, como você pode ser tão patética!, ela se reprimia aos prantos. Horas de conversa e já se entregava ao pensamento desesperado de ter aquela pessoa ao seu lado. Tudo em Sidney lhe atraía. Seu olhar sincero, a inteligência aguçada, o bom humor... Prometeu que lhe faria uma tapioca doce tão cedo estivesse de alta e totalmente bem. Tão perto de uma felicidade que a contemplava e o risco de perder tudo se erguia no horizonte.

Ninguém sabia quanto tempo levaria a restauração das consciências da tripulação. As simulações davam conta de, no mínimo, duas horas. Mas muita coisa podia acontecer e dar errado, portanto fariam aquilo devagar. Assim, Endyra só podia esperar. Ao deixar o banheiro, um cheiro de colônia pós-barba muito conhecido assaltou seu nariz e ela reprimiu uma náusea.

Fábio estava apoiado na parede, rodando seu quepe nas mãos, como se casualmente estivesse passando pelo banheiro daquele andar e parou ali para apreciar a vista.

_ O que é ,Fábio? - cruzou os braços, já na defensiva.

_ Soube que ficou íntima de Sidney.

_ E daí? Com ciúmes por que uma pessoa acamada e com fala quase incompreensível consegue ser mais eloquente que você?

_ Ui, direta e reta - ele colocou a mão no peito como se estivesse ferido - Só acho que é um desespero muito grande por companhia ter que se ligar a um moribundo que você mal conhece.

_ Vamos deixar algo bem claro aqui, Fábio. Essa é a minha vida. Meu corpo. Meu tempo. Portanto são minhas regras. Você nunca esteve ao meu lado para dividir nada. Nunca me apoiou, nem mesmo quando sua filha recebeu um diagnóstico fatal você estava por perto - ela viu seu rosto endurecer - Eu nunca precisei de você para viver, mas precisei de você para me apoiar e me compreender. Isso você nunca fez.

Ele deu um sorriso de lado, tentando parecer malicioso, mas Endyra o conhecia bem. Sabia que quando o enfrentava e não eram poucas as vezes, conseguia atingi-lo mais fundo do que parecia.

_ Existiam dez consciências de dez pessoas diferentes dentro daquele cérebro, Endyra. Como pode ter certeza de que conversou com o Sidney real?

_ Existem coisas que a gente simplesmente sabe. Assim como eu sei que você está se mordendo por eu ter uma ligação mais forte com um quase moribundo - fez sinal de aspas - do que jamais tive com você. Lide com isso, Fábio. Cante uma canção, vá à igreja, tome sorvete de chocolate.

Permaneceu ali, na frente dele, encarando-o, para ver quem desistiria primeiro, satisfeita consigo mesma, apesar de tudo. Fábio abaixou o olhar, sacudindo a cabeça como se, finalmente, se desse por vencido e sumiu no final do corredor. Cinco margueritas e uma trepada num banheiro e ela disse sim para aquele idiota.

Com a cabeça em Sidney e na BSS Mariana, Endyra voltou para o centro de controle. ZZ já estava lá, tomando um café preto e forte, sentada em uma das mesas da imensa sala circular. Keyla tinha amarrado seus dreads com belas flores de crochê e parecia animada para o dia que começava a clarear no horizonte. Tinha até lhe trazido um capuccino com bastante creme, dizendo à Endyra que se alegrasse, pois tudo daria certo. Seu coração gritava que sim, que tudo daria certo, seu cérebro pensava nas mil coisas que poderiam dar errado.

A tela mostrava a equipe reunida na Enfermaria da Mariana, incluindo Gislaine, que sacudia a cabeça ao som de alguma coisa em seus fones de ouvido, enquanto digitava num dos balcões. A maca com o paciente ainda sedado vinha pelo corredor. As duas médicas que cuidaram dele em terra corriam cada uma de um lado, pedindo para abrir caminho. Com a ajuda de mais três enfermeiros, elas colocaram Sidney na hiperbárica e os procedimentos de estase se iniciaram.

Cabos corriam por todo o piso. Conectavam os núcleos de força de todas as câmaras ao sistema principal da simulação e um dos cabos vinha também da câmara de Sidney. Uma tela holográfica pairava no ar, aguardando silenciosamente que o trabalho começasse. Os três professores liam várias outras telas, até que Gislaine tirou os fones de ouvido, atenta a alguma coisa que lia e disse ansiosa:

_ Estamos prontos.

Cada pessoa na sala se olhou de maneira tensa. As médicas disseram que Sidney já estava em estase profunda, portanto podiam começar. Gislaine coçou as duas mãos, esfregando os dedos uns nos outros e tocou a tela holográfica. Uma barra azul, contendo o cérebro de Sidney e todas as dez consciências ali armazenadas, começou a ser carregada em sua tela. Na tela principal, uma segunda barra vermelha esperava. Foram longos quarenta minutos fazendo o download de seu cérebro. A intensa atividade cerebral que viram a semana inteira começou a diminuir até que, por fim, uma imagem serena de um cérebro em hibernação profunda apareceu. A neurologista injetou nanomeds, pequenos médicos em escala nanométrica, por uma cânula de emergência a fim de reparar os danos no cérebro do paciente.

Enquanto isso, a tela com a barra vermelha começou a pedir autorização para prosseguir. Ao que indicava, as dez mentes tinham voltado para a simulação da realidade virtual. A barra vermelha pareceu não se mexer por um longo e estressante momento, até que 1% apareceu. Depois 2%. E a sala

que antes estava quieta explodiu em felicitações e gritos de alegria. O upload estava dando certo. Endyra não podia acreditar, estava mesmo dando certo!

ZZ parabenizou Gislaine e disse que um aumento e bonificações a aguardavam em terra. Jonas deu sua usual erguida de sobrancelha, o que indicava extrema felicidade. Keyla abraçou sua orientadora, dizendo que devia ter acreditado nela desde o início. Endyra não conteve as lágrimas de alegria.

Centro de Imprensa da Brazil Space Co.

Dia seguinte, 9 horas da manhã

Brasília

_ Muito bem - disse ZZ, vestida no seu melhor terno - A BSS Mariana, nave experimental do Consórcio Europeu e da antiga...

ZZ tinha ensaiado o discurso rapidamente na sala de conferências. Começou explicando a origem da nave, seu propósito, o curso estabelecido e a tentativa de preservar a saúde mental dos tripulantes através do uso de realidade virtual em uma simulação. O curso original foi interrompido quando um salto estelar a levou para dentro de um cinturão de asteroides, o que destruiu a matriz das antenas, danificou redes de força, levando à uma falha catastrófica não prevista nos manuais de operação da nave. Isso levou à abertura das comportas da área de carga, o que liberou o material colonial no espaço, além de vários outros problemas internos e o início imediato dos procedimentos de emergência.

Em algum momento da falha catastrófica, houve uma falha na simulação que carregava a consciência de cada um dos tripulantes, o que acabou gerando uma sobrecarga no buffer do sistema. Um tripulante - que não teve o nome divulgado à imprensa - que estava no revezamento para verificar o estado geral da nave, precisou agir rápido para não perder os colegas. Antes que a falha apagasse os padrões de consciência, o tripulante misterioso fez o upload de cada um deles para seu próprio cérebro e se colocou em estase profunda. A BSS Mariana tinha autonomia de voo para coordenar saltos estelares automaticamente e assim o fez até retornar à Terra nas condições em que retornou. Levou décadas sem as redes neurais, usando apenas manobradores para se colocar nas posições certas e sair do cinturão de asteroides para mancar de volta para casa.

_ Os dez tripulantes da BSS Mariana foram transferidos esta madrugada para o hospital da Brazil Space aqui em Brasília, onde nossa dedicada equipe se encarregou de seu tratamento e de sua contínua recuperação. Infelizmente houve um óbito durante a estase profunda e estamos procurando parentes vivos desta pessoa que possam trazer alguma luz sobre suas famílias. Peço a gentileza de que respeitem estes heroicos astronautas e que os deixem se recuperar agora que finalmente estão são e salvos em

casa. Agradeço imensamente à minha dedicada equipe da Astrometria. Muito obrigada, tenham um bom dia.

Os repórteres não conseguiram mais nada de ZZ que saiu sem olhar para a balbúrdia que ficou atrás de si.

A imprensa se refestelava com as imagens cedidas pela Brazil Space do interior da nave e da nota oficial do governo federal. Mas Endyra pensava em Sidney, que já estava em Terra desde aquela manhã. A quarentena oficial tinha sido estabelecida e ela precisava aguardar como todo mundo. Gislaine tinha conseguido alguns dados da tripulação, infelizmente não tudo, mas já era alguma coisa. Tinham voltado do almoço quando Gislaine sorria ao ver os dados novos decodificados piscando em sua tela.

Sidney Buhari tinha mãe senegalesa e pai escocês, tendo nascido em Edimburgo. Tinha formação em Engenharia Aeroespacial e era o oficial encarregado da segurança da BSS Mariana, além de ter o comando na ausência do capitão. Endyra mal conseguia ouvir tudo o que era dito porque um segurança designado na Enfermaria abriu a porta, procurando por ela. Sua visita tinha sido autorizada por ordem da neurologista.

Largando tudo, sem ouvir o protesto de Gislaine, que tinha que lhe dizer uma coisa, Endyra saiu correndo atrás do segurança e acabou deixando-o para trás a fim de chegar antes. Passaram por verificações de segurança e chegou a encontrar a médica saindo de um quarto no corredor de acesso restrito. A quarentena tinha sido suspensa já que não havia nenhum risco imediato. Na porta o nome em uma placa improvisada, BUHARI, S.

Mal contendo a ansiedade, Endyra abriu a porta. Encontrou um quarto típico de um hospital e uma cama remexida e desfeita, onde um conhecido copo com canudo jazia com um dedo de água no final. O coração de Endyra galopava, sentiu as mãos frias, sem saber o que encontrar.

_ Endyra?

O sotaque era conhecido, mas o tom de voz não. Perto da janela notou primeiro uma silhueta contra o sol do meio-dia. E então sua visão contemplou toda a cena.

_ Endyra? - sua voz estava trêmula após anos sem uso - Sou eu, Sidney.

Sidney Buhari era uma mulher alta e de corpo definido, esguia como um guepardo. A pele de um tom de chocolate parecia ligeiramente abatida no rosto de maçãs altas e proeminentes, o rosto no formato de coração. A boca tinha lábios generosos, levemente rachados pela estase profunda. Os cabelos possuíam milhares de pequenos cachos que emolduravam seu rosto. Os olhos eram amendoados, escuros e muito bonitos. Estavam cheios de lágrimas.

Endyra perdeu a noção do tempo por um momento, enquanto olhava para Sidney. Em nenhum momento durante as longas conversas na Enfermaria, Endyra cogitou a possibilidade de que

conversava com uma mulher. Na verdade, nunca parou para pensar com quem conversava naqueles dias e noites. Reconheceu uma alma parecida com a sua, com quem combinava, alguém com quem podia se abrir e se identificar e nunca lhe passou pela cabeça se era um homem ou uma mulher. Isso realmente importava quando se ama alguém?

_ Tenho tanto para explicar que... - Sidney se interrompeu enquanto deixava as lágrimas descerem pelo rosto.

_ Eu sei - Endyra sorriu com um sorriso apaziguador e se aproximou - Você não tem que me explicar nada, eu sei quem é você.

Tocar o rosto de Sidney e beijá-la foi a coisa mais fácil do mundo. As duas se abraçaram longamente aos prantos, um abraço muito desejado, muito cobiçado e que finalmente tinha sido dado.

O tripulante que tinha transferido as consciências para seu cérebro era o médico da BSS Mariana, Adriano Alto. Mas antes de ir para a estase, a nave foi atingida por um asteroide e o jogou contra uma antepara, causando uma concussão que o fez desmaiar. A consciência de Adriano apagou com o desmaio, mas a primeira consciência a acordar foi a de Sidney, segundo oficial em comando e responsável pela segurança da nave e da tripulação. Segurando-se o quanto pode no cérebro de outra pessoa, tendo que aprender a usar seu corpo, ela conseguiu voltar para a Enfermaria, cortar a conexão de uma hiperbárica com a simulação e assim se colocar em estase para preservar os colegas. Mas não foi fácil. Viver com a mente de outras nove pessoas era barulhento, incômodo, como um elevador lotado que para em todos os andares e ninguém sai. Era impossível se concentrar e falar, pensar e agir. Cada uma das consciências se manifestava ao mesmo tempo, causando as incompreensíveis explosões de fúria que Endyra e os médicos viram.

O tripulante morto, infelizmente, foi o capitão. Os outros nove estavam bem e acordados, até mesmo Adriano, que passava por uma nanocirurgia para reparar danos ao córtex auditivo.

_ É você, não é? - Sidney segurava o rosto de Endyra - É você mesmo?

_ Sou eu... Sou eu, acredite.

_ Você não me abandonou, você esteve comigo.

E você comigo, Endyra pensava enquanto a abraçava longamente. E você comigo.

Se antes Endyra voava sozinha pelo céu estrelado, agora ela nunca mais perfuraria as nuvens sem companhia.

A Divina Nervura do Virtual

Ben Hazrael

Introdução aos Lunáticos no Bar

- "Cecília é nome de poeta, mas nunca entendi poesia". Viviana Liberatore afirmou, do alto do que poderia ser sua mais perfeita alucinação no estranho trabalho que desempenhava – guia de liserjantes, olhando fixamente nos olhos da garota com cabelos coloridos e tatuagem de Darth Vader no braço esquerdo, sapatos-roler plataforma e trajes de devota de Cthulhu.

- "Não confio em pessoas que não gostam de poesia e não sei se devo confiar em você", disse Cecília enquanto engolia um comprimido de melange, supunha Viviana no seu particular delírio controlado, e bebia um pouco do chá verde com cogumelos marcianos.

-"Pode confiar. Eu não sou uma body hunter e pra melhorar ainda mais, sou Replicante igual ao Roy," disse Viviana num sorriso cafajeste e ordinário, mas que, ao menos em sua opinião e de seu irmão gêmeo perdido (que se autodenominava) Leon Skywalker, inspirava confiança.

- "Posso te dar meu presente, então?" Disse Cecília, num sorriso bandido e cativante, que demoliu rapidamente qualquer suposta recusa que ainda pudesse existir dentro da mente ansiosamente devastada de Viviana. Ela lembrava do irmão: o sorriso desengonçado – e talvez atraente - barbudo de óculos e um metro e noventa de altura que trajava diariamente robes Jedi foi a resposta que Cecília precisava. Esta festa, pensou a psicóloga de profundidade, vai finalmente me proporcionar administrar alguém no Inconsciente Coletivo sem esperar pela burocracia. Com todo amor, disse para si mesma como se fosse uma garantia de que Viviana poderia, conscientemente, desejar enfrentar seu maior desejo. Mas Cecília se perguntava: que desejo seria este que ela nunca quis me contar?

- "Sim, é claro. Adoro presentes", afirmou Viviana, intuindo, na verdade, que seria manipulada à exaustão – e não necessariamente sexualmente - por Cecília que, há muitas semanas, insistia em tê-la no seu grupo de pesquisa. Viviana não era tola, para Cecília, amantes amantes, experimentos a parte.

- "Então vamos agora para meu apartamento", expressou categoricamente Cecília para uma Viviana entregue ao destino. E se as histórias que contavam a respeito dela fossem verdadeiras, Viviana esperava uma noite repleta de situações inusitadas que transitariam, tranquilamente, para algo surreal. E agradeceu por isto. Era o que mais necessitava na vida.

No Apartamento de Cecília:

As duas sentadas numa posição meia lótus na esteira, seus corpos próximos, mas não grudados. Sentiam a respiração uma da outra, escutavam a coletânea de jazz que Viviana pediu a Cecília para deixar tocar no gramofone de última geração até a semana que vem que ela tinha, até que se tocavam, mas apenas por suas testas, elas pareciam sem pressa, absorvidas pelo completo e prazeroso ócio como liberdade.

- O que você mais gosta, Viviana?

- De andar pela Terra mochilando, Cecília.

- Do que você tem mais medo, Viviana?

- De não resolver as pendências desta vida, porque se houver outra, detestaria chegar por lá com saldo devedor.

- Qual a maior pendência que tem pra resolver?

- Preciso mesmo falar sobre isso?

- Precisa.

- Não quero falar sobre isso.

- Não quer, mas precisa falar sobre isso.

Silêncio paira na atraente sala do apartamento de Cecília. Quadros antigos, almofadas espalhadas pelo enorme tapete persa, luminárias retro anos 1990, réplicas de estátuas astecas e gregas grudadas às paredes parecendo, à primeira vista, querer se desatrelar e livros de papel, inúmeros deles nas prateleiras, atuando como verdadeiros guardiões do lugar.

Dez minutos de silêncio.

- Há quanto tempos nos conhecemos, Cecília? Cinco anos? Oito?

- Sete anos e oito meses. Só não sei os dias, horas e minutos.

- Somos amigas, Cecília? Amantes, vez ou outra, sei que somos, mas somos amigas de verdade?

- Você sabe que somos amigas. Você é a minha melhor amiga. Somos amantes também, sei disso, e uma coisa complementa a outra, mas porque você está me perguntando isto?

- Engraçado, toda vez que nos encontramos em alguma festa sem combinarmos antes, nos tratamos naturalmente como desconhecidas. É bom, não é?

- Eu adoro.

- Sabe por que te perguntei isso?

- Não, de verdade não sei, Viviana.

- Te perguntei por que de verdade nunca te contei sobre meu irmão gêmeo, não é?

- Sim, já havia percebido isto...

- Então a resposta é esta. Meu irmão gêmeo é minha maior pendência.

Cecília ficou em silêncio. Afastou um pouco sua cabeça da cabeça de Viviana e fitou-a, como se não a conhecesse realmente e aquela mulher ali, entregue a ela, fosse uma completa desconhecida. Isso, de certa forma, lhe era muito agradável, quase um componente extra no jogo que mantinham há tento tempo, mas hoje realmente parecia haver algo de diferente e talvez seu objetivo finalmente fosse realizado: experenciar alguém e, ao mesmo tempo, ajuda-la. Estar completamente imersa na consciência de alguém e melhor, a consciência de alguém que amava e era amada. De certa forma, tudo que viria ao entrar naquele inframundo seria fantasia, já que seriam experiências acumuladas ao longo de séculos por toda a espécie humana, mas experenciadas por essa única mulher, Viviana, que poderia, de certa forma, viver uma fantasia. Mas até que ponto, pensou Cecília, posso realmente chamar o que se passará, acredito, na mente de Viviana, como fantasia?

- Você sabe que mantenho essa experiência como uma pesquisa científica, mas não posso te forçar a nada. O que podemos fazer a partir de agora, Viviana, é abrir sua consciência para um inframundo, o Inconsciente Coletivo, você se tornará uma em muitas, ser lida e entendida como um arquétipo. Não sei o que encontrará lá e talvez nem você saiba, não até atravessar aquilo que o I Ching chama de "grande lago", mas estarei aqui, cuidando de você.

- E tudo em nome da Ciência, né? Sei que gosta de experenciar o que se passa com as pessoas, mas até hoje não conseguiu mais do que vislumbres, não?

- Sim, é verdade.

- E eu preciso fazer o que precisa ser feito. Já li tudo que escreveu, sei mais até do que queria sobre esse experimento. E preciso enfrentar esse Lado Escuro da Força de uma vez por todas. E você será minha âncora, para caso eu não consiga retornar por minhas próprias forças.

- Você vai conseguir retornar.

- Como?

Cecília retirou de um pequeno estojo com gravura da Madonna uma chave e uma pílula. Entregou-os nas mãos de Viviana. Ela sorriu, guardou a chave no bolso e engoliu a pílula.

- Nada de pílula vermelha e azul, não é, Cecília? Já me deu uma das duas cores para sair desse mundo e entrar no outro. Muito simbólico. E a chave? Para que serve?

- A chave é uma hamsá, ela te protege e, ao mesmo tempo, ela permitirá abrir a Última Porta da Percepção entre o Inconsciente Coletivo e a Escada para o Céu da Consciência.

- E para onde vou, Cecília?

- Só você sabe.

Viviana respirou fundo. Ela sorriu para Cecília e beijou-lhe delicadamente nos lábios. As duas se fitaram longamente e Cecília sussurrou um poema em seu ouvido esquerdo, relaxando-o, como era de costume. Em seguida, Viviana tombou. Cecília ergueu-se, acomodou-a entre as almofadas e se dirigiu até o quarto. De lá trouxe um tablet e um capacitor de leituras cerebrais, conectou-os a Viviana e a si mesma e deitou-se ao lado de sua amiga e amante. E por oito horas o mundo, ao menos o que existia para além da mente de Viviana, não tinha mais importância alguma.

Memórias Anacrônicas e Febris

Eu sinto frio e estou sem poder enxergar nada. Na calada dessa noite que percorro eu percebo meus ossos aos poucos se gelarem, como se toda a dimensão de meu medo pudesse ser transposta a esse meu arredor. Não há luz. Posso sentir muito mais agora do que antes, posso estar até cega diante do que me cerca, mas com certeza posso cheirar, ouvir, sentir toda essa bruma que me faz carne e ossos.

A cidade me parece mais tranquila, não a reconheço como a cidade de onde vim, a cidade histórica perdida na densa modernidade. É como se estivesse cega e parece que também surda a toda a realidade que me cerca. Nada me guia. Posso até mesmo estar perdida. Passo a mão pelo chão e reconheço a areia sob meus pés. Tudo que é sólido desmancha no ar, não é, Marx? Assim como essa areia que escorre por meus dedos, como se eu fosse condenada a não tê-la, como se a mim não bastasse saber que a areia não é sólida, por isso ela se desmancha.

Cecília desapareceu assim que adormeci. Quando acordei estava perdida na noite sem rumo da cidade que para mim já não existe. Loucas são as palavras que me cercam agora, posso ouvi-las, posso até mesmo cheira-las, foram elas o presente que ganhei de Cecília talvez, palavras recheadas de suave néctar, de algoz cicuta, de todos os dissabores e prazeres, são tantas que meus ouvidos não sabem mais me classifica-las como algo independente de mim, me enumera-las, tudo que resta é permitir-me percorrer as ruas que me apontam, que se oferecem através de palavras e músicas. Nada me impede de avançar nesse delírio, eu sou delírio, sou NADA. Nada, a não ser o medo de que fantasmas de meu passado possam retornar para me assombrar e eu, de forma alguma, não possa vê-los.

Quando nós o vimos pela última vez quase não acreditamos que o momento de fato existira. Parecia ser algo distante, quase imperceptível, embora estivesse ocorrendo à nossa frente, escutando suas palavras fortes, cheias de uma razão que nossa infância não podia compreender na época. Ainda nos lembramos da cena. O senhor, minha mãe e nós, de frente ao hotel no qual o senhor estava hospedado. Nós tomávamos cada um, um suco de laranja, já o senhor e minha mãe conversavam e, mesmo crianças, sabiamos ser uma conversa fria, apenas para acertar isso ou aquilo.

Lembramos que o senhor ficou uns dois ou três dias aqui pela cidade. Pareceu-nos que uma peça de teatro escrita e dirigida pelo senhor estava fazendo uma turnê pelo Brasil e a cidade foi uma das escolhidas para algumas apresentações. Quando nossa mãe nos contou pulamos de alegria, parecia fantástico reencontrar o senhor, podermos conversar, passear, fazer o senhor nos pagar um sorvete e alguns gibis, era tudo ótimo. Nossa mãe não parecia tão afoita pela sua chegada, para falar a verdade ela não gostou nem um pouco da notícia, não queria contato com o senhor, nosso pai, e nós até entendíamos o ponto de vista dela, mas de uma forma o que queríamos era reencontrá-lo. Na verdade não sabíamos bem se seria mesmo um reencontro, afinal, quando o senhor e nossa mãe se separaram nós tínhamos apenas dois anos de idade e durante todo o restante dos anos, idealizamos sua figura, idealizamo-la completamente.

Quando o reencontramos, bom, nós não éramos tão crianças que não nos lembramos de quase nada, as coisas ficaram um pouco vagas, bem vagas para falar a verdade, e o que nos vem a mente é a lembrança da altura do senhor, de sua postura confiante nos perguntando se não queríamos ir para São Paulo, que lá teríamos de tudo, muitos brinquedos, a melhor escola e um monte de outras coisas, nós, ainda crianças, ficamos tentados, lógico, imagine, até conversávamos sobre isto até tarde da noite, no escuro do nosso quarto, mas aí tivemos de olhar para nossa mãe e a vimos tentando disfarçar o medo de que partíssemos, e aquilo, sim, aquilo nos pesou fundo na alma, nos destroçando e nos fazendo ver que nosso lugar não seria em São Paulo ao lado do senhor, pai, e sim junto à nossa mãe na outra cidade, aquela que não deve ser citada.

Depois desse dia não voltamos a vê-lo pessoalmente, apenas pela televisão ou em recortes de jornais e revistas. Tudo que saia a respeito do senhor nós guardávamos, desde os oito anos de idade fazíamos isso, consideramos isso uma admiração e uma necessidade de reconhecer de alguma forma uma intimidade entre pai e filho e filhos, entre Paolo Liberatore e Viviana Liberatore e Leon Liberatore.

Mas os anos foram se passando e a amargura de perceber nossa inexistência ao senhor foi se acossando de nós, destruindo a mim mesma, mas destruindo Leon de uma forma que é difícil para mim lembrar sem estar bêbada. Ao completar vinte e dois anos viajamos a São Paulo ao lado de Ahmad, Davi e Alexandra. Depois de quantos anos nos reencontramos, lembra-se? Quatorze anos. E como foi a recepção? A mais calorosa possível? Não, pai. O senhor se surpreendeu com nossa chegada e nos tratou como se fossemos invisíveis, praticamente nada. E sabe o que mais lhe atormentava? Pensar que vínhamos para encontrá-lo só para lhe tomar algum dinheiro. Conversamos durante duas horas, duas horas de conversa para compensar quatorze anos de silencio. E lembra-se o que nos disse ao final de nossa conversa?

“Voltem daqui a oito anos”.

Oito anos. Até hoje aquela frase me aterroriza, nos aterroriza, quer dizer, nem posso mais dizer algo por meu irmão, afinal, de certa forma você o levou de mim. Pudemos perceber tudo desmoronando à nossa frente, o ídolo de pés de barro se espatifando ao chão com toda a sua imensidade de vaidade.

Assim foi nossa despedida, nos despachando para continuar seus afazeres de professor de teatro do Sesc Pompéia, para sua vida na qual não conseguiu encontrar espaço para Viviana e Leon.

Nesse dia meu irmão deixou de ser Leon e se tornou apenas Liberatore e está perdido para mim, parte de mim está longe e tenho esse buraco no peito, esse buraco que não me deixa respirar de verdade, que permite que muita coisa ruim de verdade me atinja e agora estou em algum lugar pensando em como resgatar a metade de mim que você fez questão de me tirar.

E agora, agora eu tenho novamente uma foto tua em minhas mãos e somente ela consigo enxergar. Estou cega há tudo que me cerca e a única exceção é sua pessoa, pai. Estou caminhando junto às brumas da cidade, envolta na densa e luxuriante proteção dela, guiada pelos sons das palavras e do cheiro dos perfumes, caminhando rumo ao local que só agora percebi.

Sim, pai. Estou na cidade das brumas e sei para onde ir. Vou resgatar meu irmão, pai. Vou resgatá-lo no Inferno que você o deixou.

Canto I: beebop

Perdida num medonho setor industrial, Viviana vaga por ele durante toda a noite. Amanhecendo, deixa-o, começa a subir o viaduto. De súbito, atravessa-lhe o caminho os Fundamentalistas, nesta versão ainda mais canhestra do que o normal, dois homens e uma mulher usando máscaras e roupas de couro e com chicotes nas mãos, fazendo-a retornar, às pressas, ao setor industrial. Aparece-lhe, então, a imagem de Augusto dos Anjos, reanimando-a e oferecendo-se a ajudá-la a sair do setor de industrias, guiando-a pela jornada ao Inferno para realizar sua busca fraterna. Viviana o segue.

Ergo os olhos e vejo algo que ilumina as encostas do viaduto, são as luzes da outra parte da cidade, nada me indicam, nem algo bom nem algo ruim; me faz diminuir os passos, ante o assombro da noite de angústias que me cercaram, que dominaram meu coração e minha mente. Penso como Dante: é a imagem do náufrago boiando no mar vasto e ameaçador que se agita, fitando-o melancolicamente, talvez seja assim meu ânimo também. Depois de descansar meu fatigado corpo, sigo caminhando pelo caminho apontado, pela estrada deserta, pela minha melancolia que se arrasta com minhas pernas e essa rasteirinha.

Inicio a subida do viaduto, quando subitamente surgem dois homens e uma mulher vestidos de couro, com máscaras também de couro, portando chicotes e mostrando-me suas línguas em movimentos obscenos, de alguma forma sei que são Os Fundamentalistas, os maiores hipócritas da televisão. Os três me fitam com um misto de frieza e nos seus olhares consegui captar a depravação fundamentalista que deveria percorrer seus corpos. Já surgia o sol popperiano, brilhando em absoluto, majestoso. Mas em nada me concedia esperanças.

Respiro. Um dos homens começa a se masturbar à minha frente, recitando trechos de discursos religiosos de pastores televisivos. Os outros começam a rir. A mulher começa a defecar, enquanto o

outro come sua merda, regozijando-se, emitindo gemidos de prazer. A mulher mostrava-me o seio esquerdo e brincava com seu mamilo. Os rostos dos três começaram a se deformar, ficaram mais ameaçadores, começo a sentir medo, não consigo acreditar que seria capaz de atravessar o alto do viaduto. Por algum motivo, toco a hamsá em meu bolso. Os três começam a vir em minha direção, cheios de depravação e ódio típico de comentaristas de portais na Internet, eu recuo cada vez mais, cada vez mais rapidamente, então percebo uma sombra se mover perto de mim, mas não ouço voz alguma, som nenhum.

Era deserta a estrada. O sol parecia estar imobilizado. Grito: "Ajude-me! Ajude-me quem for, é o que peço!" "Eu a ajudarei", responde o homem trajando o terno cinza e chapéu panamá, "mas deves estar atenta àqueles que te espreitam! Sou poeta, poeta de uma época que ainda despontava como época de certezas e segura de suas vicissitudes! Que fazes aqui, mulher de cabelo de fogo e pele bronzeada de sol de Florianópolis? Por que não sobes esse viaduto e vais para encontrar teu caminho?"

Falo, então, curvando respeitosamente a fronte: "Oh! Tu és Augusto dos Anjos, cuja eloquência científica...qual fonte...jorra versos de métrica cadente! Poeta que porta o fim, que mereces todo o meu respeito, durante longo tempo percorri as páginas de teus poemas à cata de rastros de alguma de suas musas! Olhe os três que me cercam, que me impedem de avançar em meus objetivos fraternos que se encontram além desse lugar, por favor, poeta, ajude-me a me livrar de tal mazela!"

Observo o poeta ponderar sobre meu pedido e responde a ele: "Para fugir a esse setor industrial e a seus perigos, convém que de ora procure por tomar novo rumo. Estes que te impedem de avançar teu caminho não permitem que mulher ou homem algum possa ultrapassar os limites impostos à alguns anos pelas leis malditas de Dite, são seres de apetite voraz e dízimo, desejosos de carne fresca de ovelhas e de sexo lodoso escondido na hipocrisia, aquele que irá subjugar aos três e amarrá-los em ferros ainda está por chegar, seu voo está atrasado, por isso eu hei de levá-la aonde queres, serei teu guia de uma perplexa na região de tormentos, assim como Virgílio foi o guia de Dante na Divina Comédia.

Entretanto, deve você estar preparada para gritos de pânico, para o horror da visão 3D e de todos os outros sentidos, você verá e escutará muitos perdidos pelo caminho que trilhará até seu objetivo fraterno, este que penso intuir, imersos na amargura, você verá também aqueles que desejam redenção via carnê das Casas Bahia, de todos escutará pedidos de juros menores, mas deve estar atenta a que seu objetivo deve possuir primazia sobre qualquer outro que possa surgir, bem sei que não tem por meta avançar além do Inferno, mas se o fizer deve buscar outro para o fazer!"

Olho-o bem e posso perceber sua serenidade e respondo: "Não se preocupe, poeta, meu destino aqui, ao menos por agora, não vai além desse Inferno e para esse objetivo não tenho melhor guia que você!"

Depois que falei o poeta começou a caminhar e eu o segui.

Canto 2: fusion

Após invocar as formosas Divas do Jazz, em virtude de sua fraqueza e cansaço, Viviana pondera em seguir na viagem ao fim da noite tal qual Bardamu o fez. Augusto dos Anjos, porém, lhe diz que Cecília ordenou que seguisse adiante, e que havia quem a admirasse por sua determinação. Diante disso, Viviana determina-se em seguir o poeta, e envereda com seu guia dos perplexos o árduo caminho.

Posso observar o fim do que ouso chamar de madrugada lenta, mas o que se aproximava era o fim da noite, num tempo em que o sol popperiano, tal qual o conheço, jamais surgiria, convidando as criaturas bizarras ao descanso ou a procurar por novas carnes JBS com o Toni Ramos. Não sei. Entretanto eu, contemplando essa viagem ao fim da noite, preparo-me para uma guerra, sem caminho certo e com retrato de piedade a qual minha narrativa em tempo real poderá considerar.

Clamo às Divas! Ella, Sarah, Billy, Nina! Socorram-me, Divas do Jazz! Auxiliem-me! Ajudem-me a encontrar coragem para continuar a minha busca!

É de meu intento indagar: "Ah, Poeta! Veja bem se mereço, de alguma forma, que me guie, se em mim há dignidade insuficiente. Não tenho porque divagar na obtenção de algo que não mereço, ainda mais se tratando de buscar quem busco, mas nada pode me tirar de meu objetivo, meus caminhos diferem daquele outro que em situação igual esteve, minhas passadas são outras, sei, não sou comparável a ninguém tampouco, veja, Poeta, se devo continuar, porque agora... agora temo em desistir de minha empreitada. Mas você, Poeta, você é capaz de compreender o que me causa tanta confusão e angustia"?

Desta forma procedi na temerosa encruzilhada – Como, posso deduzir, Dante se sentiu "como quem ora quer, ora não quer, e tem a alma aberta a toda a sorte de ideias, sem nada decidir, nem resolver". Tendia a não querer seguir a minha jornada.

Pude então escutar do Poeta: "É perceptível que o medo a domina. Preste atenção, Viviana! O medo domina e retira a razão, cega, deixa surdo e, por fim, faz com que aquele que se deixa dominar por ele, o medo, passe a ser um mero animal, sim, um animalzinho, um fifi pompom. Basta! É necessário saber agora a razão de minha presença aqui, para guiá-la até o Aqueronte".

O Poeta, em sua magnanimidade, apenas me contempla e se afasta um pouco, ainda me observando e diz:

"Estava em suspenso no que existe após essa encruzilhada, como se houvesse um limbo neste lugar, ou, na verdade, como se esse lugar fosse realmente o Limbo Dadaísta. Podia ver, então, em meio às almas que começaram a se mostrar, uma bela jovem chamando-me e, seguindo em sua direção, eu a

atendi. Possuía olhos de uma clareza nunca antes vistos por mim. Próxima, ela me sussurrou aos ouvidos:

"Oh, Poeta! Ainda nesses dias que se passam naquela outra terra, goza de venturosa satisfação, bem sei que não lhe importa o que dizem ou deixam de dizer a seu respeito, mas sei que a sombra que deixou ainda haverá de continuar a perseguir a todos aqueles e aquelas que busquem as letras para viver o que tantos escreveram: há uma errante do Celo, artista de plástico, que se encontra em perigo na via dos masoquistas e, meu receio, é que se encontre em uma situação já por demais lúgubre, pelo que consigo intuir. Ajuda-a! Sei que pode! Ajudando-a estará me ajudando! Sou Cecília e peço que lhe auxilie até o Aqueronte, onde aquele que busca se encontra e prometo, sim, prometo-lhe, toda a minha vida abstrata para lhe render meios de se distanciar desse lugar". Ao seu silêncio eu respondi: "Nada peço, cara dama. É meu dever cumprir tal pedido. Já sabia de teu pedido, mesmo antes de se aproximar de mim. Cumpro uma vontade que não é apenas minha, mas também do autor que toma esse Merlot agora. E tua vontade e a Dele hão de me conduzir até lá, portanto. Nada devo temer, pois outros Poetas já guiaram errantes por terras semelhantes e, talvez para meu orgulho próprio, eu possa ser outro desses. Saberei quem é a errante e a conduzirei até o Aqueronte. Confia em mim, pois minha palavra foi dada e as lembranças desse Limbo Dadaísta se mesclarão às lembranças de lugares que há muito já visitei, mas que de mim nada restam.

"Viviana, ao terminar de lhe dizer, notei que uma lágrima rolava em seu rosto e isto, minha cara, me fez chegar o mais rápido possível até onde estava. E, agora, estou aqui, diante de você: afinal, consegui te salvar dos três masoquistas que desejavam promover jogos vorazes com você e depois devorar sua carne como sashimi e usufruir osso por osso de seu corpo e agora? Agora você vem hesitar em continuar a jornada? Não, minha cara, é muita tolice para uma só pessoa, é quase pedir para se tornar um desses meme que viralizam naquele mundo que chamam de Internet".

Olhei para a noite e para sua viagem sem fim e senti-me renascida em ânimo:

"Obrigada, Cecília! Vou continuar a curta jornada que devo empreender. Então, mestre Poeta, guie esta perplexa até o Aqueronte onde meu irmão se encontra e o Darth Vader de nosso pai".

E seguimos, em passadas lentas, avançando a encruzilhada e todas as outras que insistiam em continuar a se fazer presentes.

Canto 3: acid

Chegados à porta do Inferno pós-Industrial, Viviana e o Poeta Augusto dos Anjos deparam-se com uma ameaçadora inscrição em néon. Entram e encontram no vestíbulo a via dolorosa do marketing; por fim alcançam o Aqueronte, rio onde Caronte, o jazzman e barqueiro infernal, conduz as almas dos desgraçados à margem oposta, rumo ao amargo sofrimento.

“À Metrópole que exala dor e é serva de Agonia & Êxtase, povoada pelos condenados, por todos aqueles dispostos a ela. Rogo que se abandone a esperança todo aquele que nela adentrar!”

As palavras, escritas em neon, num grande out-door. Eu digo: “Mestre Poeta, o sentido é este mesmo? De completa desesperança?” O Poeta Augusto dos Anjos, percebendo o receio que de mim se acercava, procurou responder rapidamente minha duvida: “Deixa toda tua suspeita de lado. Nos encontramos no lugar em que se pode ver os tormentos que afligem homens e mulheres da sua contemporaneidade e todas. Estamos numa manifestação arquetípica do Inconsciente Coletivo, prepara-te”. Aponta para o caminho que se segue e, amigavelmente, me conduz até o lugar carregado de mistério, stress, leite com pêra e ovomaltino. Posso escutar as vozes carregadas de lamentos embalados em Brega e Valsa, de amargura vinda lá do coração das trevas, a melancolia de Lars von Trier, deixam o ar ainda mais cinza e fétido causando-me um pouco de medo. Posso escutar muitas línguas, algumas conhecidas, outras não, mas eram os murmúrios e os gemidos que me enlouqueciam, tudo isto me causa desconforto, desperta minha vontade de desaparecer, tudo isto compõe um grande turbilhão que faz minha mente ficar efervescida. Minha mente, agora em fúria, causa-me horror e digo a Augusto dos Anjos: “Esta dor que ouço nestas vozes, afinal, Poeta, de quem são estas vozes?”

O Poeta respondeu: “Faço minha as palavras que Virgílio disse a Dante: “Queixa-se dessa maneira quem viveu com indiferença a vida ou fazendo Selfies com textões no Facebook, sem nunca ter merecido nem louvor nem censura ignomiosa. Observa bem aqueles que também, ao lado dos suplicantes desgraçados de atenção, estão a lamuriar e criticar e lamuriar novamente e novamente criticar, são todos aqueles e aquelas que se perderam no deserto das vontades, são aqueles e aquelas que morreram com frases de efeito com Selfies, se vendiam perfeitos na timeline, mas eram invejosos da sorte dos cavalos. Foram, em absoluto, arrancados de cada manicômio particular que habitavam e nem mesmo os argonautas da Metrópole da Agonia & Êxtase bem os aceitaram, já que demandavam atenção imediata a todo momento.”

“Que dor é essa que me parece tão cruel que os faz gemer e gritar com tanta força?”, digo ao Poeta. “A razão é simples”, responde-me ele. “Nada esperam com tranquilidade, nada lhes é permitido sentir além da Náusea, aquela que perseguia Roquettin, e do peso da memória de Le Goff, de todos os fragmentos repetidos da memória e, com karma tão vil e abjeto, passam a aumenta-lo com a inveja tipicamente woodialliana de qualquer outra sorte que não a deles. Seus nomes passaram por esta terra monumental e virtual e por todas as terras deixando logomarcas, logomarcas estas que agora são o verdadeiro suplício em néon de suas existências. O Inferno é a repetição. Não desperdicemos mais tempo com eles, olha-os por uma última vez e que possamos partir em frente.”

Meus olhos observam a eletromídia e as animações de bonecos em 3D soam para mim o absoluto sentido vazio. Uma multidão a observa. É difícil crer que todos estes que vejo foram arrebatados pelo delírio desesperante do consumo como fim em si mesmo, razão de fé de tanta gente, ou a estúpida

crença de que nem todos mereciam os mesmos direitos e deveriam se manter invisíveis. Começo a reconhecer alguns vultos das páginas da História do século XX e XXI. Olhando melhor consigo reconhecer a sombra deformada de quem fiscalizava o cú alheio, entorpecido por suas falácias em forma de serpente nos templos políticos e religiosos. Posso agora compreender que se trata de espíritos de porcos, que todos detestam a não ser aqueles que se comprazem em deitar num chiqueiro humano. Sim, todos estes espíritos de porcos – que na vida que levavam eram destituídas de vontade própria – sempre se encontram nus e o que as torturava eram donzelas vestidas de colegial com chicotes com pontas de ferro quente. Quando choram, suas lágrimas de crocodilo se misturam ao sangue de porco que possuem e, caindo-lhes aos pés, ou cascos, serviam de alimento também a outros religiosos inescrupulosos que ali possuíam a forma de tubarões martelo.

Dirijo os olhos para o rio de esgoto cheio de juízes da vida alheia, lá avisto um outro aglomerado de espectros; então digo: "Mestre Poeta, eu lhe peço, me diga algo sobre esses abstratos, me explica por que desejam, de toda a forma, atravessar o rio?" O Poeta Augusto dos Anjos me respondeu: "Não há necessidade de ficar especulando sobre estas abstrações de mercado. Deve se preocupar em alcançar a margem tenebrosa do rio Aqueronte". Fiquei em silêncio, como sei que Dante também o ficou com Virgílio, prosseguindo a jornada restante de olhos baixos, mas atenta ao que me cercava.

Subitamente um barco se aproxima, nele há um velho de cavanhaque branco e cabelos também brancos, vestido de terno cinza e gritando: "Malditos condenados! Nunca poderão chegar ao Caribe celeste! Levados por mim à Metrópole de Agonia & Êxtase insustentável leveza do ser, na outra vida, vocês vão ser encarcerados para sempre no teatro do sofrimento rodrigueano. E você, que ainda viva está entre estes abstratos, afaste-se!" Depois me disse, já que eu ainda não havia me movido: "Vejo que agora teu caminho em muito difere do outro poeta. O que te traz aqui?"

Meu guia diz a ele: "Caronte, que tocou com Os Mestres Maiores, Miles, Chet, John, Dave, você não deve se preocupar! Já está traçado pelo autor o caminho dela. Onde se encontra aquele que é o irmão de Viviana? Sabemos que ele está prestes a embarcar!" Caronte olha para nós com uma expressão serena e há silêncio. Entretanto, ouvindo palavras como estas, os delírios abstratos humanos começam a se inquietar, pálidos no semblante, dentes pontiagudos brilhando na altivez do desespero. Agrupam-se todas elas em torno de uma pintura viva de Salvador Dali afundada no rio. Caronte remexe os olhos de um azul cobalto e fita os delírios abstratos humanos, chama-os e os recebe, também batendo com seu remo nas costas dos que se demoravam. Disse Dante: "Como a árvore que, no outono, principia a perder Adão, corrompidos, se aproximavam da praia as flores, e se desnuda, devolvendo à terra o que lhe cabia, assim os filhos de, um a um, como aves atraídas por chamados".

Meu guia então me aponta o homem que se aproxima de mim à minha esquerda. Caminhando como uma dessas almas carcomidas eu o reconheço. É meu irmão, carregando consigo sua sombra pesada, arrastando consigo outras tantas sombras que lhe comem as pegadas. Eu o olho e quase sinto não reconhece-lo. Agora que estou aqui não sei o que devo fazer. Ele olha de forma cabisbaixa para mim,

não pede nada, nem pronuncia sentença alguma ou qualquer coisa que seja. O Poeta Augusto dos Anjos me pede a moeda de um Real que carrego no bolso e a entrego a ele, o Poeta se afasta, indo até Caronte para lhe falar.

Digo então a meu irmão: "Vim te buscar, Leon. Percorri esta jornada para que possa voltar comigo. É meu irmão, metade de mim que não posso mais ter distante". Há silêncio. Tento me aproximar dele, mas ele se afasta. Parece avesso a mim. Ou então perdido num mundo somente seu. Reafirmo então meu objetivo: "Irmão, devemos voltar. Tenho permissão para leva-lo daqui, de impedir que adentre naquele lugar. Volta comigo!"

Então outra sombra, esta nitidamente controladora, se aproxima, a sombra pela qual temi: Darth Vader, nosso pai, aquele que tenho até raiva de falar o nome. Ele me dirige o olhar. Não havia como saber o que se passava na sua mente, sua expressão era fria, indiferente, alheia provavelmente ao que eu possivelmente representava. Ele me disse então: "Tenho orgulho de você, Viviana. Você foi uma das poucas coisas boas que de mim sobraram naquele outro mundo. O que ocorreu entre nós foi apenas o prelúdio de todo o inferno pelo qual eu passaria e causaria aos outros. Quando te olho, não me vejo em você e nem sua mãe. Você é única, como se não fosse da família, mas seu irmão? Seu irmão sou eu, com todos os seus erros e seus poucos acertos, sou eu e ele sabe disso, por isso está aqui, para se juntar a minha mesa no Chorozon Bar, para ser meu Bar Man. Por isto te digo: eu estou aqui, ele está aqui. Nós merecemos. Sua vinda até aqui foi um presente que não merecíamos, mas já que recebemos, agradecemos. Quero que parta, minha filha. Quero que volte para sua vida".

Não podia aceitar voltar sem meu irmão e agora, reencontrando meu pai, meu dilema era maior, era sua filha finalmente, mas a que preço? Eu vivia a mesma coisa que Luke Skywalker ao resgatar Darth Vader, seu pai, do Lado Escuro da Força. Leon percebeu minha inquietação e então retirou de seu bolso direito da calça que usava um relógio de bolso. Pegou em minha mão esquerda e nela colocou o relógio fechando-a depois. Eu o abracei e senti vontade de chorar, mas me contive. Ele se afastou de mim e seguiu na direção de Caronte, adentrando seu barco, sumindo de minha vista, enquanto atônita não sabia o que fazer.

O Poeta Augusto dos Anjos se aproximou de mim, tocou meu ombro direito e me concedeu um sorriso. Já não podia avistar os vultos de meu pai e de meu irmão. Meus olhos pareciam vidrados, minha sensação de estar num círculo vicioso foi aumentando, aumentando, via tudo se repetir, meu peito arfava, minha boca estava seca, então outro de meus guardiões surgiu em notas musicais,

Bye, Bye blackbird, tocou Miles Davis, nessa experiência lisérgica muito real. Não, eu não desistiria tão fácil de você, Leon. E eu te enfrentaria pela última vez, pai.

"Prepara-te, Mestre Poeta, nos aguardam em Dite"

Canto 4

Free

I

Para chegar a Dite, Viviana precisa pagar o preço do Inferno: confrontar sua Sombra e sem a ajuda do Mestre Poeta. Findado o confronto, Viviana e o Poeta Augusto dos Anjos chegam aos cais do porto de Dite. Acuada por uma turba de Executivos Hipster, ela conclama por Miles Davis. Os Executivos Hipster são afugentados como poodles quando escutam o poderoso trompete. Impossibilitado de falar a não ser pelas notas musicais, Miles Davis indica o caminho até o Bar Choronzon. Lá, Viviana e o agora revelado Imperador e não Darth Vader se enfrentam no duelo de Mezcal pela liberdade de Leon. Para saírem de Dite num expresso, Viviana, já sem poder contar com o Poeta Augusto dos Anjos e Miles Davis, é auxiliada por Carole King que, com sua voz, abre as portas da percepção aos irmãos gêmeos. Ao final do virtual, sobra o real e as montanhas.

Eu digo ao Mestre Poeta: "Preciso chegar a Dite. Que devo fazer para que Caronte nos leve?" Ele me fita os olhos e me responde com a serenidade habitual nessa jornada ao Inferno: "Tudo tem seu preço no Inferno. Qual é o seu, Viviana?" Aquela pergunta me deixou confusa, para não dizer que não me deixou com real medo. Um tipo de medo que talvez não tenha sentido aqui no Inconsciente Coletivo. O Poeta Augusto dos Anjos continuou a me fitar esperando a resposta, resposta esta que não sabia qual devia ser. Ou temia saber?

Neste momento, Caronte, o barqueiro e jazz-man, retornou e gritou a plenos pulmões: "Quem deseja chegar à cidade de Dite? Diga-me e pague o preço. Aceito débito e crédito em até 4 vezes sem juros!" Vi duas, três, quatro pessoas se encaminhando até Caronte. Em minha carteira, que imaginei estar aqui, meu cartão de débito se encontrava, era minha segurança, pensei. Mas Caronte interrompeu minha subido no seu barco: "Bem sei que o Mestre Poeta lhe fez uma indagação e ainda não o respondeu. Só poderá adentrar em meu barco se a responder e se pagar em débito a passagem!" Já tremendo, voltei meu olhar para o poeta Augusto dos Anjos que, impassível qual uma estátua de Rodin, esperava minha resposta.

Já cabisbaixa, respondi ao Mestre Poeta: "o preço que devo pagar é encontrar minha Sombra". Não sei se ele me sorriu, mas prontamente ao ouvir minha resposta se dirigiu ao barco de Caronte e comentou: "Te aguardaremos, Viviana. Temos todo o tempo do mundo, pois há wi-fi nessa embarcação." Ao terminar sua frase, ouvi passos próximos, voltei-me na direção e quão surpresa fiquei ao perceber que quem chegava era eu mesma.

Ficamos nos encarando por minutos que poderiam ter sido horas. Ela se vestia igual a mim, mas ao mesmo tempo era diferente. Era como se olhar no espelho e se ver, mas não se reconhecer. Ela foi a primeira a falar e sua voz era igual a minha quando era gravada. "Achou mesmo que ao vir buscar nosso irmão neste lugar, ainda mais para chegar a Dite, o maldito McDonalds do Inferno, não iria me encontrar?" Fiquei em silêncio, ela estava certa. Sabia muito bem para onde ia e também sabia que poderia, melhor, deveria ter de encarar minha Sombra e agora ela estava aqui, na minha frente, e eu precisava confronta-la. Só assim poderia prosseguir, mas como enfrentar a si mesma e vencer?

"Você veio buscar nosso irmão, mas você acha mesmo que tem o direito de buscar alguém nesse lugar? Você já deveria estar aqui, mofando, cagando num pinico para o resto da eternidade ouvindo *I'm not dog no*, for live so humble / *I'm not dog no*, for you be so very far / You don't know understand who is love, who is like / You just know get it mistake, foi você que deixou Leon ir embora, se arriscar na maldita viagem até os Andes, você não queria mais perder tempo com as bobagens que ele dizia sobre nosso pai, você foi arrogante porque sua vida estava perfeitinha, formada na porra do curso de Jornalismo, tentando ser a porra duma Eliane Brum da Geração XP, apartamentinho, festinha, drogas para abrir o apetite, reconhecida, uma maldita arrogante que virou as costas para sua família, você usou as pessoas como bem quis, se fez de surda na Redação quando te pediram apoio pra cagar na cabeça de quem cagava na cabeça de todo mundo, afinal, você estava de vento em popa, até aceitando escrever bem sobre filhos da puta de Brasília, justificando-se que fazia o correto e que no final todo mundo ficaria bem, mas espere, não era você que fazia isto, era eu, não é? Fica muito fácil jogar tudo aqui para baixo, deixar o "Mal" separado de você..."

Ela falou mais, se aproximou de mim, quase me tocou com suas mãos, mas parecia haver uma barreira entre nós. Sempre havia negado tudo que a Sombra me dizia, para mim não fazia sentido, não merecia nem mesmo cinco minutos do banheiro pensar em tudo isso que ela falou, mas eu tenho de dizer que isso não fazia sentido, mas hoje faz, estar onde estou mostra que eu aceitei tudo isso que ela falou, não poderia negar. Tudo que ela me disse estava certo, não era ela que fazia tudo que foi feito, era eu, ela, Sombra, era uma parte de mim e eu precisava finalmente aceita-la, ela nunca seria o que sou, mas nunca deixaria de se tornar parte de mim. Cabia a mim encerrar esse ciclo para iniciar outro e só aconteceria se eu a aceitasse. E aqui, no meu Inferno dentro do Inconsciente Coletivo, eu me aproximei dela e a abracei e, finalmente, éramos uma novamente.

II

Ao chegar ao cais do porto de Dite, visualizei o Bar Choronzon, antro de demônios que arrogam Ver, ladrões de dízimo, intelectuais de alcova e comentaristas-juízes de notícias do Facebook, onde meu irmão se encontrava junto ao nosso pai. O Poeta Augusto dos Anjos, ao descer do barco de Caronte, me disse: "Viviana, aqui encerro minha jornada ao teu lado, mas não te preocupes, outro mais

poderoso do que eu há de te ajudar a completar a jornada, eu mesmo o invoquei no barco de Caronte, é Miles Davis, um dos Mestres Ascendidos do Jazz."

O Mestre Poeta acena com seu chapéu e me declama:

"Aguarda-a ampla reentrância de angra horrenda,
Para e, a amarra agarrada à âncora, sonha!
Mágoas, se as Tem, subjugue-as ou disfarce-as...

E não haver uma alma que lhe entenda
A angústia transoceânica medonha
No rangido de todas as enxárcias!

Uma espécie de riquixá surgiu e ele adentrou-o e se foi, acenando e sorrindo, cumprindo seu papel de Poeta e Guia da Perplexa, esta que vos narra a jornada. Ainda triste pela partida do Mestre Poeta, ouço murmúrios atrás de mim e me espanto com uma turba de indivíduos chamados de hipsters, no Outro Mundo. Todos ameaçadores, gritando sobre tendências e, embora todos iguais, vociferavam que não eram iguais a ninguém e que tratariam de me ensinar uma lição sobre penteados mop-top e a abolição de computadores para escrever.

Cada vez mais próximos, fui recuando passo a passo, então lembrei do que o Mestre Poeta havia me dito: "Miles Davis, necessito de tua ajuda! Necessito chegar ao Bar Choronzon e aqueles que nada de útil tem para fazer me barram e ameaçam, clamo-te ajuda em nome de Blue of Kind!" De um beco no cais de Dite uma figura surge, completamente envolta em psicodelia pura, transbordando cores em suas roupas e no ar que o envolvia. Nada me disse, apenas tocou e So What escutei:

Apavorados com o alcance da canção e poder do trompete, os Executivos Hipster saíram afugentados, correndo em pânico, já na forma de poodles, diante da canção em seu início. Miles Davis, então, se aproximou de mim ainda tocando e, ao encerrar a canção, me apontou o Bar Choronzon. E, abandonada de todo medo e receio e vergonha, fui até o lugar que meu irmão se encontrava.

O Bar Choronzon tinha aquele estilo que chamávamos de "bar do Velho Oeste" sendo que o Oeste que já devia ser velho era o Oeste da terra do Tio Sam, era uma espécie de Saloon e, ao entrar no antro, tudo que de mais podre e nefasto se encontrava ali e quem os servia no uísque nitidamente falsificado era meu irmão, meu pai estava no balcão ao lado de outros homens e, ao fita-los, os reconheci de imediato: eram meu avô, meu bisavô e o pai deste e o pai do pai deste e assim por diante.

Meu pai, ou como consegui reconhecer, sua Sombra, personificava a incredulidade, bem como o ódio e saltou do balcão tal qual um gato demoníaco:

"Que fazes aqui, mulher?"

"Deixei de ser sua filha agora? Cadê aquela conversa bonita de antes?"

"Não tem conversa mais, você deixou de ser minha filha faz tempo e sabe disso, sempre foi uma despesa a mais, alguém que deveria saber seu lugar, assim como sua mãe, saber seu lugar de filha obedecendo seu pai, mas aí sempre desafiando, achando desde criança que lugar de mulher é na sala também e não na cozinha, a sua mãe, mas você também, você quebrou qualquer chance de termos uma família, você com essas conversas de que o corpo era teu, que trepava com quem quisesse, era com homem, até com preto você namorou e levou na sua casa que eu sei, era com mulher também, era com robô, até alienígena se deixasse, o que passava na frente você..."

"Cale essa boca imunda, seu maldito, cale essa boca porque você representa tudo de ruim que existe e eu lutei para afastar da minha vida. Se há alguém que tem culpa por erradicar a nossa família foi você, foi sua arrogância e preconceito, foi sua necessidade de humilhar nossa mãe, de me afugentar como filha, de jogar Leon contra nós, tudo que vem de você é falso, falso feito essa porcaria de lugar que se esconde junto a esses canalhas que tem atrás de si, se reproduzindo ao longo dos séculos naquilo que fazem de melhor: perseguir as mulheres da família, e se elas não seguem a cartilha de vocês, machistas de merda, vão sufocá-las, vão buscar destruí-las em seus sonhos em nome da merda da moral que serve aos interesses de vocês!"

Vi que Leon nos fitava assustado, tal qual alguém que acabou de despertar depois de anos em coma e tudo vê, mas nada entende. Meu pai, agora entendia, nunca foi Darth Vader, ele sempre foi o Imperador, caminhou até mim e me indagou:

"Consegui salvar seu irmão da vida de viado, que orgulho vê-lo como um homem e não como um maricón, bunda de filho meu não ia ser playground de marmanjo, você nem sabia que ele já tava virando ela, Leona boquetera, nem chegaste de ver, não é? Na época não estava nem aí para ninguém a não ser você não é, putinha?"

Outra voz se ergueu, desta vez a de Leon:

“Canalha, canalha, tudo que fez foi para tentar me destruir, se escondia atrás de sua arte para mostrar às pessoas o quão esclarecido era, mas no domínio do teu lar, era o horror lovecraftiano em carne, ossos e terno Colombo. Cego e surdo à minha vida e aos meus desejos me tornei para poder te agradar, mas isto basta agora. Viviana me despertou com seu Farol de Alexandria. Não ficarei mais nem um minuto a seu lado.”

O Imperador e todos os seus Ancestrais Lordes de Sith nos fitava com o mais puro ódio, naquele momento rompíamos e renegávamos, diante de Dite, todo esse passado de preconceito, misoginia e machismo que nos era legado.

“Ninguém deste mundo ou dos outros vem até esse bar e diz tudo que disse e sai impune. Só há uma forma de sair daqui, agora, ou será nossa escrava para sempre.”

“Nunca tive medo de você e não será hoje que o terei. E, já que me ameaçou, pelas Leis de Dite, o desafio no Mezcal.”

Antes sob algazarra, fez-se silêncio no Bar Choronzon. Uma névoa surgiu e dela se fez presente Mark Twain, o mesmo que dizia preferir o Céu pelo clima e o Inferno pela companhia. Como Administrador do bar, assim o revelou, cabia a ele próprio estabelecer a regra da contenda.

“Que seja dada uma garrafa de Mezcal para cada contendente e que a cada um tenha seu caballito, que a cada caballito levantado um poema seja declamado e que, ao final, aquele ou aquela que se manter de pé e não gaguejar, seja o vencedor e caberá a este o destino do perdedor ou perdedora. ”

Não posso negar que estava assustada. Estava. E muito. Mas Leon caminhou em minha direção e me disse:

“Você não desistiu de mim.”

“Nunca, irmão, nunca”.

“No final das contas, eu era Darth Vader e ele o Imperador e cá está você neste bar que poderia muito bem ser a Estrela da Morte me resgatando tal qual Luke Skywalker o fez. Estive adormecido nas ideias mais atrozes, nas mentiras mais sedutoras, mas você, Viviana, você me trouxe de volta. Seu destino é o meu, haja o que houver. Não sei o que vem pela frente, mas estou contigo.”

“Do. Or do not. There is no try, acho que foi isso que disse Mestre Yoda, não?”

Leon me sorriu e me abraçou, mais uma vez estávamos juntos contra o mundo. E, então, começou a contenda no Mezcal.

III

Viviana acordou sem saber, exatamente, se aquilo que fazia era realmente acordar, afinal, ainda poderia estar em Dite. Olhou ao redor e reconheceu o ambiente: era o apartamento de Cecília. Um frio na barriga na verdade surgiu como nunca antes. Ergue-se aos poucos e escutou os passos de Cecília que, ao vê-la desperta, pulou em cima de Viviana, abraçando-a e cobrindo-lhe de beijos e perguntas. Viviana, mesmo ansiosa por espaço para poder respirar, permitiu que sua amiga lhe apertasse e beijasse o quanto quisesse. A verdade era que se sentia viva e que tudo aquilo era real.

Depois de um banho demorado em que retomou todas as memórias delirantes da experiência lisérgica, Viviana sentiu-se capaz de narrar a Cecília tudo que aconteceu, desde o início no setor industrial até o confronto final com o Imperador no Bar Choronzon em Dite.

- É assustador que tenha chegado tão longe, é assustador e ao mesmo tempo é...não sei como dizer...

- Não precisa, Cecília. Está tudo aqui, dentro de mim, sei que nada daquilo foi inteiramente real, mas sei ao mesmo tempo que foi em alguma medida...

- Foi real, Viviana. Para você foi real.

- E para Leon? Foi real?

- Não. Quer dizer, não sei, ao descer ao Inconsciente Coletivo, ao nível de profundidade que desceu, não sou segura em afirmar nada, você pode sim ter encontrado seu irmão ou ao menos uma parte dele. Mas me diga novamente...como venceu o Imperador e como conseguiram sair de Dite?

Viviana bebericou um pouco da cerveja de milho, esfregou as têmporas com as mãos num movimento lento e tombou nas almofadas sob o carpete.

- Eu virei 25 caballitos e recitei poemas de Florbela, de Cora Coralina, de Cecília, de Neruda, de Olga, de Matilde e venci citando Lola Arias e seu Las impúdicas en el paraíso. O Imperador caiu desfalecido e seus ancestrais juntos. O castigo que lhes outorguei foi renascer como cactos em Nevada. Eu e Leon saímos pela porta da frente do Saloon, mas não tínhamos meios de abandonar Dite. Era como se fosse uma vitória seguida de derrota, algo bem característico daquele inferno de lugar, mas para nossa sorte Miles Davis nos esperava do lado de fora. Sua presença me reconfortou e, então, talvez inspirada por sua canção que, enquanto tocava, nos protegia, clamei por aquela que abria caminhos: Carole King. Com sua voz, nenhuma porta permanecia fechada. Partimos de Dite ao se abrir, a nossa frente, uma porta cuja soleira tinha escrito “Huxley Transportes Sensoriais”. Usei a Hamsá que tinha me dado, nos demos as mãos e disse a Leon, que se encontrava taciturno por tudo que passou:

“Não se assuste, meu irmão, do baixo de sua Náusea (...) Vá para onde sabe que tem de ir, mesmo que para isto o matem ou que morra. E vá enquanto ainda pode despertar, porque depois is too late, now it’s too late te diria a Carole, e você não se sentirá de lugar nenhum, nem daqui e nem de lá, igual ao General. Se hoje é forasteiro em toda parte, pior será quando despertar e se perguntar para onde vai,

não terá sentido essa pergunta, porque já será exilado dentro de si, e isso copo nenhum de uísque barato vai te dizer, é pior que estar morto.

Cecília deitou a cabeça em meu colo e me perguntou:

- E você sente, sei lá, você tem alguma intuição de onde ele está?

Fiquei calada por alguns minutos e Cecília me respeitou, quando me senti preparada a respondi com a maior sinceridade possível e que aquecia meu coração:

- Acho que sim, acho que sei para onde ele foi e acho que deixamos combinados de nos encontrar lá."

Uma semana depois:

Viviana sentia um frio que parecia sobrenatural para seus ossos, poderia dizer a alguém se alguém se encontrasse na estação de trem neste horário. O frio só lhe agradava na medida em que podia "soltar fumacinha" pela boca, fora isto, era verdadeiramente uma tortura. Esfregava as mãos o tempo todo, bem como caminhava de um lado a outro da estação em Cusco, cujo trem que viria daqui a pouco a levaria até Aguas Calientes.

- Viviana!

Ela se virou e viu Leon Liberatore, seu irmão gêmeo, se aproximar. Ele caminhava a passos lentos, mas ela podia ver que seus olhos queimavam, queimavam de um jeito que parecia uma erupção de felicidade que ela sabia bem reconhecer. E Viviana não estava diferente, também exalava felicidade. Os irmãos se abraçaram como se esse ato fosse algo inédito entre eles.

Eram 05h30 da manhã em Cusco e o trem para Aguas Calientes se aproximava. Hora de partir.

Boneca

Clara Madrigano

Era uma cama de princesa; ou era o que David dizia. Ampla o bastante para o corpo magro dela, com uma colcha macia, cor-de-rosa, com bichinhos de pelúcia empilhados contra as almofadas. Até onde ela sabia, os bichinhos estavam ali desde sempre, já um pouco encardidos, e ela costumava se perguntar quem brincara com eles antes. Havia os brinquedos novos; às vezes ela acordava e encontrava uma embalagem deixada no chão, perto da cama. Aquele momento: antes de colocar os pés para fora do colchão, rasgar a embalagem, a enchia de uma espécie de pavor; porque ela nunca sabia o que encontraria sob o papel colorido (embora também se tratasse de uma mentira. Ela sabia o que encontraria: bonecas. Mas não conseguia se dissociar do pavor, a coisa vivendo debaixo de sua pele, que dizia que, uma dia, ela poderia encontrar outra coisa: um dedo mindinho; uma mecha de cabelo; algo tirado dela enquanto estava dormindo).

Ela costumava ganhar Barbies. Enfileirava-as em uma das prateleiras do porão. Não brincava com elas, à exceção das ocasiões em que penteava seus cabelos até que estivessem brilhando, o que ela não chamava de brincar, mas de cuidar.

As Barbies nunca eram como ela; eram loiras e esguias e com corpos de moça feita, enquanto Ari era pequena, só dez anos, pele cor de oliva, cabelos escuros e longos, nunca lisos como os das bonecas. Ela as odiava, um pouco. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se responsável, a necessidade de vigiá-las, como se as pobres bonecas também estivessem presas com ela e coubesse a Ari, mais alta, dona de uma voz, zelar por seus corpos de plástico, impedir David de alcançá-las.

Ela se lembrava pouco de seus dias anteriores ao porão. Algumas memórias persistiam: a mãe, cabelos cacheados volumosos, tão linda, abrindo aquele sorriso que mostrava todos os dentes e toda a felicidade que continha em si. Pensar nela fazia algo dentro de Ari se inchar, como um balãozinho: alegria. E então o balão murchava, e ela pensava nas paredes que a prendiam, o balão virava algo patético dentro dela, afundando em sua amargura.

Eu já andei na grama, Ari pensava. Era boa, a sensação. Eu era uma criança, e todas as crianças têm limites, mas eu andava como se não os tivesse e só conheci limites quando fui trazida até ali. Limites, regras punições.

Ela ergueu a mão, viu o vergão deixado sobre um dos pulsos, da última vez em que prolifera um não, sua única arma. Sua boca, sua voz. Elas não adiantavam muito, mas Ari não abriria mão, não importasse o que David fizesse.

Ela dormia em sua cama de surpresa. Sonhava com violência, com sangue, com escapatória. Acordava e, às vezes, achava presentes de David, caixas com embrulhos elaborados, laços vermelhos como o sangue com que Ari sonhava, e rasgava as caixas para encontrar vestidos; floridos, de saias rodadas, para garotinhas como ela. Para garotinhas que não eram como Ari, que nunca gostara de saias. David forçava-a a usá-los, quando deixava que saísse do porão para jantar com ele, naquela longa mesa de madeira, com muitas cadeiras desocupadas. Ele penteava os cabelos de Ari, fazia tranças únicas, tranças duplas, mimava com presilhas coloridas e brilhantes, coisas que Ari destruíra com certo prazer, de volta ao porão, arrancando pedra atrás de pedra, entortando as formas, as libélulas, as borboletas que adoravam as peças. Quando David percebeu, começou a guardá-la longe dela, fora do porão, usando-a apenas quando permitia que Ari subia.

Ela sonhava que corria. Corria para longe da casa de David, por aquela rua que nem mais sabia como se parecida. Corria por horas, pelo escuro, e entrava pelos jardins de outras pessoas, e cortava suas pernas em plantas, e seus pés eram apenas dor e rasgões, e achava que enxergava a porta da própria casa, de qual fora tirada tantos anos antes, e que girava a maçaneta, entrava e gritava, mas sua mão não estava ali; David estava, de braços abertos, esperando-a. Eternamente David. Na importasse o quê: David.

De dia, Ari pintava nas paredes. David não parecia se importar. Comprava giz para ela, quando achava que Ari estava comportada, e ela decorava as paredes brancas, desenhava o sol, o mar, o verde das plantas. Desenhava a si mesma, às vezes. Com pedaços de asas coloridas de libélulas a seus pés, coisa em que David nunca reparava, ou com o que não parecia se importar. As libélulas precisavam morrer. As borboletas também. Jamais teriam sobrevivido ali, naquele porão trancado, onde a luz do sol não entrava, onde tudo era artificial.

— Eu preciso de cápsulas de vitamina D — ela dissera a David, um dia.

Estavam jantando; hambúrgueres e batata frita, o que David considerava uma refeição boa, comemorativa, diferente das ervilhas semi-congeladas e purê de batata pronto que empurrava para Ari, no porão. Sentavam-se à mesa da sala, e as velas gastas de David estavam acesas, criando um clima mais intimista, e Ari sentia vontade de destruir tudo, de pegar uma daqueles tocos de vela derretida e enfiá-lo em um dos olhos de David, só para vê-lo se contorcer de dor.

David pareceu pensar.

— Ah - disse.

— Eu li que faz bem para a pele, quando você não toma sol - Ari continuou.

— Leu em que lugar?

Ela não se lembrava mais.

— Em alguma revista - respondeu. O que provavelmente era resposta. David gostava de alimentá-la com revistas de adolescentes, de fofocas, de saiba-como-se-maquiar-sem-parecer-muito-maquiada, do que garotos gostam, do que garotos não gostam. Ela costumava destruir aquelas revistas, também. Recortar partes dos corpos, olhos e bocas, formar suas próprias figuras assustadoras e colar nas paredes, suas garotas desproporcionais.

— OK. Vitamina D - David concordara.

Ele também parecia o tipo que precisava tomar algumas cápsulas. David era muito pálido, com cabelos negros cada vez mais ralos. Era magro, do tipo cujos ossos das omoplatas fazem relevo sob as camisetas largas que usava. Dava a ideia de ser frágil, mas não era. A cicatriz que Ari tinha em um dos pulsos, quase como uma meia-lua, pele translúcida, de uma cor diferente, branca, quase rosada, resultado de uma queimadura de muito tempo antes. Ela não se lembrava de como e nem de onde, mas sabia que era feito de David, e que, por vezes, ele se gabava:

— É o que acontece com meninas desobedientes.

*

Ari não contou para ele sobre Mary Louise. Encontrara o diário dela dentro de um dos livros que ficavam debaixo da cama. Anne of Green Gables, a capa dura com uma ruiva sardenta, com tranças que balançavam com a brisa: oco por dentro, guardando os pedaços restantes dos cadernos de folha frágil de Mary Louise, ou MLA, como ela costumava assinar, de vez em quando.

Mary Louise era caótica, estava além de ordem cronológicas. Havia páginas em que anotava lista das coisas de que sentia falta:

Bicicleta.

Disney Channel.

Ar puro.

Bonbon (o que quer que fosse Bonbon).

Sorvete.

Ari também sentia falta de sorvete. Sorvete que era colocado direto na casquinha e que derretia nas mãos dela, cremoso, sob o sol do verão. Conseguia sentir o sabor na ponta da língua, se fechasse os olhos, se se concentrasse. Era diferente do sorvete que David servia, nos dias de garota-bem-comportada, aqueles blocos duros que tirava das embalagens de plástico, com gosto de água de freezer.

Continuando a folhear o diário de Mary Louise, ela descobrira desenhos, poesias; trechos de coisas que não significavam nada, mas que, para Ari, significavam muito.

"O porão é o lugar em que estou presa e não posso sair dele, mas na verdade estou presa na minha cabeça e aqui ele nunca pode me alcançar porque daqui eu posso ir para qualquer lugar."

Ela queria ir para outro lugar, também, ela, Ari, e passava os dedos pela caligrafia delicada de Mary Louise, gravada ali com giz colorido.

Mas não havia outro lugar; nada além do porão, da cama que ela conhecia tão bem, dos poucos brinquedos que guardava, porque não brincava mais com eles, das paredes brancas desenhadas, à prova de som, contra as quais Ari já encostara os lábios e tentara gritar com toda a força que tinha, para descobrir que sua voz não chegava a lugar algum, que era como se ela nem mesmo existisse, trancada naquele casulo.

Quando David vinha buscá-la, esperava encontrá-la arrumada, com um dos vestidos floridos que Ari detestava, que tinham margaridas bordadas ou laços de cetim, que faziam com que ela se sentisse ainda mais nova. Ele a guiava para cima, para sua casa, que era escura, com grandes quinas de madeira antiga, e que Ari nunca conhecera além da sala de jantar e da sala de televisão. David acendia as velas, servia seu fast-food da vez, perguntava se Ari estava gostando, e ela aprendera, há muito tempo, a dizer sim para todas as perguntas, sim, sim. Depois da refeição, se David achasse que ela se comportara, deixava que Ari assistisse algum filme na televisão, sempre selecionados do pacote infantil. Como Ari detestava ficar ali; mas estar ali, pelo menos, significava que David não a incomodava, então ela fazia o possível para prestar atenção no filme. Enquanto os créditos rolavam, David desligava a televisão, levava-a de volta para o porão, como se ela não conhecesse o caminho, não conhecesse cada degrau daquela escada.

— Eu não gosto de quando você prende o cabelo — ele dizia. — Por que faz isso?

Ela fazia de propósito, às vezes. Eram suas pequenas formas de rebeldia. Mas David segurava o elástico, puxava-o dolorosamente, soltava os cabelos ondulados de Ari. Após David ir embora, Ari ficava deitada na cama. Enfiava a mão por baixo do colchão e pegava os diários de Mary Louise, relendo-os do começo ao fim, as frases que já decorara, e somente assim conseguia dormir.

*

"Eu sei o que preciso fazer.

Correr.

Correr.

Correr.

Correr.”

Ela tinha conseguido? Ari imaginava Mary Louise longe dali, suas pernas roçando grama alta, grama verde, nunca parando de correr.

*

— O que está fazendo? - David perguntou.

Ela escutara a porta se abrir, os pés dele descendo a escada, mas não se importara.

— Desenhando - Ari respondeu.

Gastara alguns dos gizes de cera até o toco, mas valera a pena, porque era sua obra-prima. Ari, uma versão sua, desenhada do tamanho real de seu corpo, pisoteando alguém que só poderia ser David. Havia um mar de sangue debaixo deles, um giz que Ari usara até ele não existir mais, até ser apenas uma mancha em seus dedos, e ela continuou a pintar daquela forma, esfregando as mãos na parede.

— Pare - David disse.

Ari baixou as mãos. Ficou quieta, escutando a respiração alterada de David, e sabia dizer que ele estava zangado, muito zangado. Esperou que ele terminasse de descer a escada, avançasse sobre ela, acabasse com tudo, mas não foi o que David fez: ele marchou de volta para cima, pisoteando os degraus, e trancou a porta com uma batida forte. Ari continuou imóvel. Só depois que pelo menos dez minutos se passaram ela ousou se levantar, andar até a cama e se deitar.

Ela dormiu por horas. Ela dormiu por milênios. Ela dormiu da criação até o presente. Quando acordou, estava em outro lugar.

Não: era o mesmo porão. A mesma cama, as prateleiras, as bonecas. Eram as paredes que estavam brancas.

Os desenhos de Ari tinham desaparecido. A caixa de giz de cera sumira. Ela desceu da cama, sentindo o cheiro forte de tinta fresca. Como David conseguira fazer aquilo tudo sem que Ari acordasse? Pintar o lugar inteiro?

Ari sentou-se no chão, mole, como se perdido suas forças. Ela pensava que talvez o porão e a casa de David fossem o único mundo que existia, e David era mesmo deus, obliterando o que bem entendesse. Ari só continuava viva porque ele precisava de alguém em quem impor sua lei, um experimento, ou de que adiantava ser deus?

Ela ficou sentada por muito tempo, sem vontade de se mover. Em determinado momento, David abriu a porta, colocou uma bandeja sobre o primeiro degrau do topo da escada, não disse nada, foi

embora. Ari sabia o que a bandeja continha: algum mingau sem gosto, que sinalizava que ela havia sido uma garota má.

Ari era uma garota má com frequência, agora. Percebia David se cansando, e pressentia que aquele cansaço não era um bom sinal, que levaria a um desfecho ruim. Sua mente buscava Mary Louise, indagava a respeito de seu destino: se Mary Louise não conseguira fugir, se não estava com a grama roçando suas canelas, o que acontecera com ela? Ari estremecia só de pensar.

Correr.

Correr.

*

Na manhã seguinte, havia uma caixa de cápsulas de vitamina D sobre o colchão da cama de Ari. Ela entendeu como uma trégua. Pegou uma das pequenas cápsulas e colocou-a na boca, abriu a garrafa de água (que David sempre enchia) e engoliu a cápsula com um gole. Suas paredes continuavam brancas, sua caixa de giz continuava desaparecida. As palavras de Mary Louise não estavam mais nas páginas de seus cadernos, estavam gravadas na cabeça de Ari, e elas ressoavam com a voz de Mary Louise, a voz que Ari imaginava que ela teria, enquanto Ari ia para o banheiro, se lavava, escovava os dentes com a pasta de sabor de hortelã, e seu reflexo falava com a voz de Mary Louise: corra.

Ela colocou seu vestido mais bonito, o mais cheio de babados. Deixou os cabelos soltos sobre os ombros e ficou sentada na cama, de cabeça baixa, até David abrir a porta. Ele não desceu, mas manteve a mão na maçaneta da porta, pronto para fechá-la a qualquer momento.

— Você decidiu parar de ser desagradável? - Ele perguntou.

Desagradável estava longe de descrever qualquer coisa que se passasse ali. Ari apenas assentiu, e David continuou ali, medindo-a, ainda que ela mantivesse a cabeça baixa, olhos nos próprios pés, pés vestidos em sapatilhas rosadas, cheias de glitter, bata os sapatinhos e volte para casa, não há lugar como a nossa casa.

— OK - disse David. Então saiu, fechou a porta. Passaram-se mais vinte minutos ou algo próximo antes dele retornar.

— Pode vir - disse.

Ari se levantou, subiu as escadas, e David tomou-a pela mão, levando-a até a sala, onde a mesa estava posta, as velas acesas. Ela se sentou no seu lugar costumeiro, e David ocupou a cabeceira.

Ari bateu os dedos indicadores sobre o tampo da mesa, de leve, como se tocando as teclas de um piano.

— Pode dar minha caixa de giz de volta? - Ela perguntou, sem encará-lo.

— Depende - disse David.

Ari não perguntou do que dependeria, mas ele fez questão de deixar claro, mesmo assim:

— Depende de quão obediente você vai ser.

Ari não protestou.

— Por que sua casa é tão velha? - perguntou.

David pareceu surpreso, porque Ari raramente queria conversar sobre ele, sobre as coisas dele.

— Não é velha - disse ele. - É antiga. Tem uma diferença aí.

— E qual é a diferença?

— Ela é valiosa.

Ari encarou as batatas fritas gordurosas sobre seu prato.

— E como conseguiu comprá-la? - indagou.

David deu uma risada.

— Eu não comprei, eu herdei. Era dos meus pais - disse. - Era tudo deles.

E David com certeza parecia fazer algum esforço para manter sua herança inteira. A madeira cheirava a óleo recém-passado, a mesa, os painéis que cobriam algumas das paredes. O teto branco era limpo, e Ari jamais detectara um único sinal de poeira. Ela conseguia se imaginar de volta ao porão, deitada, esperando o tempo passar, enquanto David esfregava tudo nos andares de cima, luvas de borracha amarela, passando o pano uma, duas vezes, encerando o chão.

— Ah, veja - David disse, e se levantou, e com aquele simples ato dele, Ari se retraiu, com medo, mas ele não andou até ela; foi até um dos móveis da sala de jantar, uma aparador de madeira de lei, como todo o resto, e pegou um porta-retrato. Aproximou-se de Ari, mas só um pouco, e estendeu a fotografia. Duas pessoas. Um casal. O homem segurava a mulher pela cintura, sorriam para a câmera. Nenhum deles se parecia com David.

— Legal - comentou Ari. David pareceu perceber sua má-vontade, devolveu a fotografia ao lugar que pertencia e voltou para a própria cadeira. - Você nunca me mostra suas coisas - Ari disse, mas David não respondeu, só grunhiu qualquer coisa.

Depois de alguns instantes comendo em silêncio, ele disse:

— Acho que você está cansada de ficar lá embaixo.

Ari manteve a cabeça baixa, encarando o prato.

— Não está? - David insistiu.

Corra.

Corra.

— Não - ela disse.

— Eu acho que está - disse David.

Ari estava pensando em algum lugar além do porão. Pensando em terra fresca, um buraco fundo o suficiente, a grama crescendo sobre ela, os dedos de Mary Louise, frios, azuis, próximos o bastante para que pudesse tocá-los.

Ela empurrou a cadeira para trás, se erguendo.

— Ei. Ei - fez David. - Volte.

Mas Ari andou até o aparador. Passou uma mão pelo móvel, a superfície lisa.

— Só queria ver a foto de novo - disse.

— Sente-se - David mandou.

— Quanto custou isso? Isso tudo - ela fez, a mão deslizando pelo aparador.

Algo pareceu explodir dentro de David, contorcer suas feições. Ele praticamente saltou da cadeira, avançou contra Ari e agarrou-a pelo braço, puxando-a de lá.

— Eu mandei sentar - disse, fazendo-a recuar contra a mesa. Com o encontrão, os talheres balançaram, o castiçal de prata também. Ari não pensou muito, só agarrou a pesada peça de metal.

— O quê… - David começou, mas Ari ergueu o castiçal, acertou sua cabeça uma vez.

A princípio, não pareceu acontecer nada. David ficou encarando-a, confuso, e então Ari viu um filete de sangue começar a escorrer pela testa dele, da linha do cabelo ralo. David levou mão à ferida, atônito, e Ari não perdeu tempo, ergueu o castiçal outra fez e o golpeou de novo. David caiu. Ficou no chão imóvel, e Ari soltou o castiçal no chão, escutando o estrondo que ele fez contra o piso, sacudindo as tábuas. As velas, seus tocos derretidos, grudados demais para voarem longe, quebraram-se em vários pedacinhos.

Ari entrou em pânico. Começou a abrir gavetas, sem saber o que queria, e pensou: dinheiro. Procurou, mas não achou nada. Lembrou-se do diário de Mary Louise, e uma dor cruzou seu coração, e ela desceu as escadas do porão, o lugar que mais odiava, para recuperá-lo. Quando subiu, foi até a cozinha, abriu armários, outras gavetas. Achou uma faca limpa, de prata, como o castiçal, e levou-a à sala de jantar. David continuava caído, olhos fechados, gemendo debilmente, e Ari se agachou, colocou a lâmina contra o pescoço dele.

Faça, escutou a voz de Mary Louise.

Seria tão fácil.

A faca tremia em sua mão, e ela começou a chorar. Largou a faca no chão, tateou os bolsos de David até achar um molho de chaves. Correu até a porta, testou as chaves contra a fechadura dourado-escura, até conseguir abri-la.

Ar fresco. A noite acima dela; tão grande, o mundo inteiro, que Ari mal conseguiu absorvê-la. Aqueles minutos, seus pés colados no chão, apenas observando a imensidão, o céu escuro parecendo que esmagaria sua cabeça sob o peso do universo inteiro.

*

Ela desenhava na janela embaçada do carro. Não percebeu que era a si mesma que dava forma até começar a contornar os cabelos; como fazia com o giz de cera, na parede do porão, um lugar que agora parecia tão distante que o choque de estar longe quase tirava seu ar.

Ari andava pela estrada quando o motorista a avistara. Desabara uma chuva pesada, de uma hora para outra, e a água gelada e os trovões distantes haviam deixado-a paralisada, pés grudados no chão. Ela andara o máximo que conseguira, preocupada apenas em colocar distância entre si mesma e David; passara por outros casarões, mas não pedira ajuda, porque todas as casas pareciam ser a casa de David, e Ari imaginava David dentro delas, sempre, esperando que batesse à porta. Quando percebeu as luzes do farol, quando se deu conta de que estava cega por elas, já não se movia, abraçada ao próprio corpo, estremecendo. Aqueles faróis pareciam um monstro, algo terrível que brotara da escuridão; pareciam capazes de engoli-la. Escutou uma porta se abrir, alguém descer do carro. A pessoa se aproximou, pôs-se diante da luz do farol, e Ari discerniu apenas sua forma.

— Caramba, o que aconteceu? - Escutou a figura perguntar, a voz de um rapaz. Ele se aproximou, ganhando uma expressão atônita, revelando-se debaixo de um casaco grosso, de tecido impermeável, o rosto de pele escura protegido debaixo de um capuz. - Garota? Garota?

Ari, os cabelos pingando, murmurou o que queria, mas medo fazia sua voz praticamente inaudível. O rapaz se curvou diante dela.

— Ajuda - Ari repetiu.

Quando o rapaz estendeu a mão, tentando tocar seu ombro, Ari recuou, um movimento quase instintivo, a mera noção de contato lembrando-a de novo de David.

— Eu vou ajudar - o rapaz disse, erguendo as mãos, como se para se provar inofensivo. - Eu vou ajudar - garantiu.

E Ari logo se encontrou encharcando o banco do passageiro: guiada até ele como se em um transe, seus dedos deixando as marcas suaves na janela embaçada. Uma das mãos permanecia agarrada ao

diário de Mary Louise, como se organicamente conectados, o caderno grudado em seu peito, movendo-se ao ritmo de sua respiração.

— Qual o seu nome?

— Está machucada?

— O que aconteceu?

O rapaz tinha muitas perguntas, e Ari registrava-as lentamente.

— Ariadne - ela disse, depois de algum tempo, sentindo os lábios frios, os dedos igualmente frios. O rapaz abriu a boca, como se para responder, mas então ficou calado, inquieto, atenção fixa na estrada, no parabrisa salpicado de chuva. O coração de Ari ainda batia forte quando ele estacionou. Ela o encarou, surpresa, temerosa; acuou-se um pouco, mas o rapaz não fez nenhuma menção de tocá-la.

— Ei, está tudo bem - ele falou, tão nervoso quanto Ari. - A gente chegou. Eu te trouxe pra delegacia.

Ele estava com o rosto úmido de chuva, como Ari, e a respiração saindo num vapor sutil. Ari percebeu que haviam parado ao lado de um prédio, enxergava as luzes distantes, mas não conseguia se mover, como se paralisada. O rapaz abriu a porta, desceu, contornou o automóvel, abriu a porta para Ari. Devagar, ela colocou os pés para fora, pisou no chão. Como se subitamente iluminado, o rapaz tirou seu casaco, cobriu Ari com ele. Era curioso: ser protegida. Ari permitiu-se ser levada para dentro da delegacia, tantas luzes que se protegia com um braço. A delegacia era quente. Cheirava a muitas coisas: à umidade, mofo, a café, a suor; longe do cheiro de limpeza que permeava a casa de David, que intoxicava-a.

Ela foi levada até uma sala, sentada diante de uma mesa. Ainda usava o casaco do rapaz desconhecido sobre os ombros. Ekene: o nome do rapaz. Assim ele se apresentara aos policiais, meio sem fôlego, sendo a voz de Ari, que nada conseguia dizer; explicando como encontrara-a no meio da rua, perdida, vagando sob a chuva. A policial que atendeu Ari se chamava Ortiz.

— O que aconteceu com você? - Ortiz estava agachada, agora, de modo que conseguisse encarar Ari. Havia rugas finas em seu rosto. Cabelos cor de mel, presos em um rabo de cavalo, e uma voz prestativa, baixa. Um pouco cansada. — Consegue falar?

Ari abriu a boca, mas não foram palavras que saíram; ela gemeu, um gemido angustiado, de dor, e começou a chorar sem nem mesmo dar-se conta do que fazia, soluçando, sentindo que queria colocar para fora algo preso em seu peito. A policial tentou acalmá-la, tocando com cuidado seus ombros. Seu colega, um homem muito alto e magro, quase calvo, com um mero restante de fios loiros no topo da cabeça, permanecia de pé, braços cruzados, uma expressão de pura consternação.

— Você está a salvo. Você vai ficar bem - Ortiz garantiu.

— Foi David. O nome dele é David - Ari disse, numa explosão, com medo de que o silêncio voltasse, se apoderasse dela. — Ele me deixou presa. Foi de lá que eu fugi, eu fugi dele. Eu acho que o matei. Não sei, mas ele está lá. Vocês têm que ir lá e pegá-lo. Por favor.

Eles deram um copo de água a Ari, que não conseguiu engolir o líquido; engasgou-se sem querer, tossiu, os lábios trêmulos.

— Qual o seu nome? - A policial Ortiz perguntou.

— Ari. Ariadne. Por favor. Vocês precisam…

— Eu sei. Onde você mora, Ari? Qual o nome dos seus pais?

Ela foi distraída pelo outro policial, que agora checava algo no computador, a testar enrugada, um sinal de preocupação.

Pais. Ari pensou na mãe: a lembrança ainda vívida em sua mente. Achou que seu nome estaria na ponta da língua, mas não conseguia convocá-lo como fazia com a imagem. Por que não se lembrava? Ela balançou a cabeça, murmurando algo que não fazia sentido nem para si mesma.

Suas mãos se fecharam com mais força sobre o diário de Mary Louise.

O diário.

— Aqui - ela disse, alto, empurrando o caderno sobre Ortiz. - Aqui. É o diário dela. A menina - Ari tentou explicar. - A menina que ficou presa lá, antes de mim. A outra menina que ele levou.

Ortiz, atônita, segurou o diário. Seu colega murmurou um palavrão quase inaudível, atento à cena. A policial revirou algumas páginas, o mesmo semblante sério para todas, soltando um suspiro pesado, zangado. Fechou o diário, curvou-se sobre Ari, colocando uma mão sobre seu ombro.

— Ariadne - ela disse. - Nós vamos atrás dele. Não se preocupe. Acabou. Só precisamos achar sua família.

Ari assentiu debilmente.

— Só precisamos fazer um reconhecimento biométrico. Funciona assim: vamos usar um leitor para reconhecer a sua íris. O aparelho nem vai encostar em você, não dói…

E, enquanto ela falava, o outro policial pegava o equipamento.

Ari sentiu algo como uma fisgada leve no braço. Afastou o casaco de Ekene, percebendo que a cicatriz em seu pulso, em forma de vírgula, estava iluminada.

— Quê? - fez, sob a respiração.

E estendeu o braço, suplicando, mostrando-o a Ortiz, sem saber como reagir. A policial pareceu levar uns segundos até compreender o que Ari queria. Observou sua cicatriz, muda. Encarou seu colega, que proferiu um palavrão alto, daquela vez.

— O que está acontecendo? - Ari perguntou, agora mais esganiçada. Sentia o pulso quente, como se algo queimasse em suas veias. - Me ajuda, por favor.

Ela percebeu Ortiz respirar fundo. A policial não fez muito. Colocou o diário de Mary Louise sobre a mesa, segurou a mão de Ari. Será que não sentia o calor anormal sob sua pele? Será que apenas Ari estava perplexa com o fato de uma cicatriz brilhar?

— Merda - disse Ortiz. Não estava olhando para Ari, mas para suas próprias mãos, cobrindo a da menina. Sua voz estava cheia de exaustão. De resignação.

— O quê? - Ari insistiu. - Qual o problema?

Mas Ortiz continuou calada. Seu colega disse:

— Eu não consigo fazer isso - disse. Ele andou em direção à porta, sem encarar nenhuma delas. Saiu, deixando-as a sós na sala.

Ortiz ajeitou o o casaco que cobria Ari, com delicadeza, longe do receio que a menina demonstrava.

— Fique aqui - disse ela. - Eu já volto.

Mas seu "já" não parecia indicar muita prontidão. Ari não contou os minutos em que ficou sozinha, no silêncio da sala, escutando apenas o tremer de seus próprios dentes, sentindo o calor que irradiava de seu pulso, a cicatriz acesa, a garota evitando observá-la, com medo de entrar em pânico outra vez, de começar a cavar sua pele com as próprias unhas.

Quando a porta se abriu de novo, Ari despertou de seus pensamentos, sua tentativa de fazer com que as coisas tivessem sentido. Olhou para trás, esperando por Ortiz, e era mesmo ela que chegava, mas acompanhada. Ari viu o homem: pensou, por um instante, que se tratasse do outro policial, mas então percebeu o curativo na testa, sua careta impaciente, tão familiar, e recuou num impulso, quase caindo da cadeira, encostando-se contra a parede.

— Fica longe - ela gritou.

E David não fez nenhuma menção de se aproximar. Dedicou um olhar breve a Ari, quase desinteressado, voltando sua atenção para Ortiz, que parecia evitar encará-lo.

— Podemos resolver isso logo? - David perguntou.

Ortiz não respondeu. Aproximou-se de Ari, que esquivou-se de um toque. A policial apenas se inclinou.

— Desculpe, Ariadne. Eu não posso fazer nada - ela disse.

— Ele é um criminoso - Ari retrucou. - Ele me sequestrou. Matou ela. Ele…

A expressão de Ortiz seguia melancólica.

— Por que não vai prendê-lo? - O murmúrio engasgado escapou dos lábios de Ari.

— Porque não posso - Ortiz admitiu. - Ele… você pertence a ele - disse.

Mas Ari sacudiu a cabeça.

— Você é um robô. Uma autômata - David disse. - Já passamos por isso antes. Vamos voltar para casa.

E estalou a língua de leve, levando uma mão ao curativo que cobria parte da testa, onde Ari acertara-o. Ela queria ter aberto a cabeça dele. Queria ter batido até ter certeza de que estava morto. Avançou sobre a mesa de Ortiz, a policial afastando-se, surpresa, e agarrou o diário de Mary Louise. Não sabia o que faria, só sabia que queria machucar David, e de uma forma permanente, e estava gritando, e Ortiz também, e David, apavorado, acuou-se contra um canto, tirou algo do bolso, algo que parecia uma pulseira de borracha, que brilhava como a cicatriz de Ari. Ele apertou a pulseira, e o mundo perdeu seu som, e a escuridão envolveu Ari.

*

Ela acordou em outro lugar. Era como se houvesse apenas piscado, a angustia ainda entalada em sua garganta. Respirou fundo, seus olhos detectando formas que conhecia. Estava deitada. Acima de sua cabeça, da prateleira, as bonecas encaravam o vazio. De volta para o porão.

Ari gritou, lançou-se para cima, mas não conseguiu ir muito além. Seu pulso estava algemado à cama, e seu ombro quase se deslocou com o movimento.

— Ei. Para com o drama, OK?

David estava no porão. Usava a pulseira iluminada, e mantinha-se de pé, segurando o diário de Mary Louise aberto.

— Pode ficar calma. Já estamos em casa - disse.

Ari se agachou, sentando-se no chão, suas pernas muito fracas. David fechou o diário, aproximando-se dela. Pareceu cuidadoso o bastante para não dar espaço o suficiente para Ari atacá-lo. Seu rosto estava meio inchado, rubro sob o curativo na testa.

— Você quase me matou, sabia? - Perguntou.

— Queria ter matado - Ari rosnou.

— Não seja idiota. Sabe o que aconteceria? Desmontariam você. Só isso. Mais fácil do que colocar um bichinho de estimação para dormir.

Ari moveu a cabeça, negando.

— É, desmontariam sim - David garantiu. - Você ainda não acredita. Mas olha só.

Ele mostrou a pulseira que pendia em seu braço.

— É como um controle remoto. Ele veio com você. Posso desligar e ligar quando quiser - explicou. - Quer que eu teste mais uma vez?

Ari não conseguiu dizer nada, a princípio. Por fim, começou a chorar.

— Você é um mentiroso - acusou-o.

— Não, não sou.

E David sacou um smartphone do bolso.

— Quer ver? - Perguntou, mexendo na tela. - Aqui - e empurrou o celular contra Ari, que virou o rosto, querendo evitá-lo. Ela tentou não ver as imagens, mas era impossível. Parte dela queria saber, simplesmente. E lá estava seu rosto, em inúmeras fotos. Garotas como Ari. Cortes de cabelo diferentes, roupas diferentes, mas o mesmo rosto.

— Aqui. Outros modelos. Veja como são bonitas.

Outras meninas: loiras e ruivas e morenas e em todos os tons de pele. Ari usou a mão livre para afastar o celular, mas David puxou-o antes que ela conseguisse acertá-lo.

— Não sei o que está tentando fazer - Ari disse. - Mas eu me lembro.

— Do quê? Da sua mãe? - David perguntou. - De como ela pendurava os seus desenhos na parede do quarto? E que foi por isso que decidiu que seria uma artista, quando crescesse?

A menina ficou calada. Sim, era uma lembrança que tinha. Algo seu, que jamais contara a David, mas talvez estivesse errada.

— Cala a boca - ela disse.

— Eu coloquei isso dentro da sua cabeça. Esses fragmentos. Eu encomendei sua personalidade inteira.

E, num gesto pouco característico de David, ele prendeu um braço de Ari, fazendo-a gritar. David ignorou-a, virou sua palma para cima.

— Dê uma olhada.

O pulso de Ari ainda brilhava. Irradiava luz por baixo da pele, luz que corria por suas veias. Ela fechou os olhos. Não queria ver mais nada. David suspirou.

— Onde achou isso? - David perguntou. Sacudiu-a um pouco. Ari, abrindo os olhos, viu que ele segurava o diário de Mary Louise.

— Aqui - ela disse.

Depois de alguns segundos, David decidiu:

— Interessante.

— Quem era ela? - Ari quis saber. Uma garota? Outro robô, como David insistia?

David ergueu as sobrancelhas, algo inesperado, uma surpresa honesta.

— Você - disse ele. - Era você. Com outra programação.

E se levantou.

— Esta - e David indicou seu curativo. - Não é a primeira vez. Você já me machucou, antes. Bem aqui, no porão. Eu precisei mudar a sua programação.

— Minha programação?

— Sua personalidade. Sua memória - disse David, sem muita paciência. - Mas nem imaginava que tivesse deixado isto aqui escapar - ele mostrou o diário.

Ari fechou a boca. Achava que gritaria de novo, se deixasse-a aberta, ou que só sairiam sons desconexos. Sua cabeça estava pesada, diante da tarefa de assimilar o que David dizia. Era uma mentira: tudo. As lembranças, Mary Louise. Não tinha mais certeza de nada, exceto do arder em seu pulso, daquela estranha energia que corria seu corpo, que brilhava na pulseira de David.

Corra, ainda se escutava dizer.

Mas o corpo não obedecia mais.

David tornara a se aproximar.

— Vou encomendar algo melhor - ele disse. - Você vai ver. Vou te dar uma nova ambição. O que quer? - Perguntou. - Fotografia?

Como Ari não respondeu, David só deu de ombros.

— Por quê faz isso? - Ela murmurou. - Se só quer uma escrava, que diferença faz a minha personalidade?

David deu um sorriso leve.

— Porque eu quero que você acredite - ele disse. - Para funcionar, você tem que sentir medo. Eu gosto de quando sente medo. Como agora.

E, levando o diário consigo, ele subiu as escadas, deixando Ari no porão.

No dia seguinte, David trouxe café da manhã. Cereal. Ari estava sentada quase que no mesmo lugar, encostada contra a cama, rosto escondido atrás dos cabelos. Ergueu a cabeça quando David se aproximou. Ele colocou o prato no chão, então empurrou-o com cuidado até ela, usando um pé.

— Se eu não comer, eu morro? - Ari perguntou.

David pareceu pensativo.

— Não - disse.

Ari ficou quieta. Não encostou no prato.

*

— Ah, não fique assim - disse David. Era o terceiro dia. A terceira vez em que encontrava Ari naquela posição, rosto apoiado sobre os joelhos. - É o que eu odeio, sabia? Quando eu falei do medo? Medo é o que te deixa motivada, e odeio quando fica assim, esperando para morrer - resmungou. - O que você não vai, aliás, se é o que está passando pela sua cabeça.

Ari não se deu ao trabalho de responder. David bufou.

— OK, o que que eu posso fazer? - Ele perguntou.

Mais uma vez, só o silêncio.

— E se eu devolver seu conjunto de giz?

Pela primeira vez, Ari encarou-o. Ainda assim, não ousou abrir a boca.

— Você gostaria, não é? - David percebeu aquela mudança em sua atenção.

Ari fez um gesto débil com a cabeça, confirmando. David subiu as escadas, saindo do porão. Retornou com a caixa de giz, que entregou a Ari.

— Viu? Eu posso ser legal - disse.

Ari abriu a caixa. Colocou os dedos sobre as pontas de cera.

— Eu sugiro - David disse. - Que não tente me bater de novo.

De dentro do bolso do jeans, tirou uma chave. Foi até Ari, desprendeu a algema da mão da garota. Com alívio, Ari massageou o pulso. David observou-a por alguns momentos, como se querendo certificar-se de que ela não pretendia nada. Ari em silêncio, encarando a caixa de giz, David se afastou.

*

Quando ele quis que Ari tomasse um banho, a garota consentiu. Deixou que desembaraçasse seu cabelo, que vestisse-a com roupas novas. David não parava de falar sobre a programação nova, os nomes que estava tentado a dar a Ari. Rose; Sabine; Alejandra. Ari não o incentivava. Não tentava desencorajá-lo, tampouco. Permanecia alheia, refugiada em sua própria cabeça.

Recomeçara a desenhar nas paredes brancas do porão, e David aparecia para ver, uma desculpa para ficar por perto. Não trazia mais comida, uma vez estabelecido que Ari não precisava se alimentar. No começo, ela sentira fome, mas mesmo a fome passou, uma vez que parou de pensar a respeito. Estava desenhando uma garota. Gostava de pensar nela como Mary Louise. Fizera seus cabelos com giz loiro, e agora preenchia o vestido que desenhara para ela: vermelho. Seu único giz da cor, cada dia menor. Cada dia com mais forma.

— Quanto foi? - ela perguntou a David, uma tarde.

— O quê?

— O preço. Quanto custa, um robô?

Ari sentiu o desconforto dele. Não gostava de quando a garota falava a respeito: mais uma lembrança de que ela perdera parte de seu medo. Que não era mais uma menina simplesmente assustada.

— Bastante - foi a resposta de David. - É para poucos. No geral, famílias. É para o que servem.

— Eles sabem o que você faz? - Ari achou difícil esconder o desprezo.

David colocou as mãos nos bolsos.

— Acha que eu sou o único? - Perguntou.

Ari não respondeu.

— O que acha de Amanda? - David sugeriu. - Gosta?

Ari o encarou, sem dizer nada, e David deu um sorriso.

Naquela noite, ela sonhou. Aprendera a odiá-los, seus sonhos; suas lembranças. Enxergava-os como parte de David, coisas colocadas em sua cabeça por ele. Mas tivera um sonho diferente. Estava no carro do rapaz que a resgatara, Ekene.

Ainda usava seu casaco, e sentia-se aquecida, protegida. Ela quisera, mais do que tudo, poder voltar, refazer as coisas. Pedir para Ekene levá-la para longe, o mais longe que pudesse, nenhuma distância entre ela e David segura o suficiente. Acordou com um susto, no meio da noite. Pegou seu giz vermelho, e voltou a desenhar. Devagar e devagar, o giz ficava mais afiado.

De manhã, David apareceu para acordá-la. Havia trazido vestidos novos. Eram diferentes dos que geralmente comprava. Menos cheios de babados: mais curtos, mais leves, como se ele já estivesse começando a reconstrução de Ari, quem ela seria quando enfim reprogramada.

— Vem - ele disse. - Vamos ver como fica em você.

Ari recusou-se a se levantar. Deitou a cabeça no travesseiro, de novo. Debaixo dele, o giz vermelho, que envolveu entre seus dedos.

— Vamos continuar com esse jogo? Sério? - David quis saber.

Ele largou os vestidos sobre a cama. Aproximou-se de Ari, impaciente, para forçá-la a se levantar, para puni-la de alguma forma, e Ari esperou até que estivesse suficientemente próximo. Em um gesto rápido, ela tirou o giz de sob o travesseiro. Fincou-o contra o rosto de David. Foi incrivelmente fácil perfurar um dos olhos dele. O giz afundou-se sem nada a oferecer resistência, diferente de quando Ari o raspava contra a parede.

David ganiu só uma vez. A expressão se contorceu, horrorizada, e o sangue começou a escorrer, da mesma cor do giz. Ele cambaleou para trás, caiu com um único ruído. Não se levantou mais.

Ari continuou na cama, fixada no corpo, vendo-o sangrar. Após alguns minutos, ergueu-se. Com calma, colocou um dos vestidos novos. Calçou um par de tênis baixos. Andou até David, ajoelhou-se sobre ele, evitando a poça de sangue que se abrira no chão. Pegou a pulseira dele. Revirou os bolsos, encontrando as chaves.

Adeus, ela pensou.

Corra, ela pensou.

Uma energia estranha se apossara dela, enquanto subia as escadas. Não emanava de seu pulso, mas de algum lugar que desconhecia. Morte em suas mãos, a mais satisfatória de todas, um futuro enigmático a esperá-la. Ela abriu a porta. Era dia, fazia sol. Observando o céu, Ari perguntou-se se era a primeira vez em que o via.

Ela andou.

Estava decidida a nunca parar.

Deixou o diário.

Deixou as bonecas.

Espectro
M.M. Drack

I. Prólogo do Céu

A Halcyon flutuava serena na órbita de um planetoide gasoso, sem dar qualquer sinal do que ocorria em seu interior. O enorme cruzador estava ali há tempos, incomunicável. Fora do acesso das outras naves que compunham a missão exploratória que deixara a Terra em busca do desconhecido, não havia como saber se a tripulação havia sobrevivido à viagem através do buraco de minhoca que interligava o único planeta habitado do Sistema Solar aos rincões da Via Láctea.

Era bem verdade que a raça humana, com toda a sua inteligência e inventividade, havia conseguido desenvolver tecnologias capazes de conectar a Terra a outros pontos distantes da galáxia. Mas toda a ciência do mundo não estava sendo suficiente para resolver a escassez de recursos que assolava o planeta. Faltava água, alimentos, oxigênio. Árvores e outros espécimes vegetais viviam protegidos dentro de estufas de estudo. Animais eram agora parte dos catálogos de extinção. E se nada fosse feito, em breve a raça humana também figuraria entre as espécies obliteradas.

A Terra estava morrendo. Gradual e lentamente, a vida deixaria de existir, levando consigo qualquer registro de que um dia houvera algo além das imensidões desérticas e nuvens de poluentes que já cobriam os reduzidos mares e continentes. Era preciso buscar um novo lar para os bilhões de humanos que se espremiam em cidades de vidro e concreto cada vez mais abarrotadas.

Assim nascera a Missão Santuário. Se utilizando dos parcos artifícios que ainda lhe restaram, a NASA construíra os veículos que cruzariam o continuum espaço-tempo para encontrar um planeta capaz de abrigar a raça humana. Além da Halcyon, duas outras naves haviam atravessado o buraco de minhoca. Porém, logo que a travessia se completara e a tríade de espaçonaves rumava cada qual para o seu destino, o contato com a Halcyon se perdera.

Nem mesmo a Hyperion e a Millennium conseguiam se comunicar com sua nave irmã, o único som no canal de comunicação era estática. E para a infelicidade daqueles a bordo da Halcyon, não havia nada que as tripulações dos outros cruzadores pudessem fazer. A missão deveria continuar, assim decretara a NASA. Ajuda seria enviada para os incomunicáveis, enquanto Hyperion e Millennium seguiam em frente, indo avaliar os planetas apontados pelas sondas como possíveis candidatos a substitutos da Terra.

Quando as primeiras notícias sobre o ocorrido com a Halcyon começaram a se espalhar pela Terra, a população se mobilizou para angariar fundos e construir outra nave capaz de auxiliar os treze

desafortunados membros da tripulação que estava à deriva do outro lado da galáxia. Aquelas eram ações muito nobres, de fato. Todavia, tal nobreza vinda de tantas mulheres e homens cuja sobrevivência dependia do sucesso da Missão Santuário não poderia e nem deveria ser confundida com a real generosidade há muito inexistente na Terra.

Sabiamente, a NASA agradeceu imensamente cada centavo doado. Mas construir uma nave espacial do zero requeria um tempo considerável, algo que os tripulantes da Halcyon certamente não possuíam. A programação da nave os havia guiado pelo buraco de minhoca até a órbita do planeta gasoso onde se encontravam. A mesma programação acordaria-os de seus sonos criogênicos quando chegassem lá.

De sua base no Cabo Canaveral, a NASA ouviria os primeiros relatos do capitão Sagan. Um nome seria escolhido para o planeta. Módulos de sobrevivência seriam instalados em sua superfície, e posteriormente, bases seriam construídas. Com otimismo, uma nova vida para a humanidade floresceria ali. Não fosse pelo incidente nas comunicações. Agora, as chances da raça humana se viam reduzidas.

Qualquer sucesso reportado pelas capitãs da Hyperion e da Millennium não seria suficiente para aplacar o pessimismo que crescia à medida que nenhum sinal de mudança no status da Halcyon era detectado. A saída seria recorrer à ultima nave disponível: a diminuta e experimental Zodíaco, esquecida num canto escuro da Área 51 junto com outros itens considerados, até então, inúteis.

II. Zodíaco

Já trajando o uniforme da NASA e instruída à exaustão sobre cada mínimo detalhe de sua missão, Magellan caminhava calmamente até o hangar onde a Zodíaco e sua imediata a aguardavam para a decolagem. Ela evitava encarar seu reflexo à medida que avançava pelo corredor envidraçado. Já era mais do que suficiente ter o rosto estampado em cada outdoor digital e meio de comunicação existente na Terra junto com os dizeres “salvadora da humanidade”.

Tamanha dor de cabeça poderia ter sido evitada se ela, num ato de puro impulso sentimental, não tivesse se voluntariado para a arriscadíssima missão de reestabelecer contato com a Halcyon. Com tantas pessoas no planeta ansiando por uma oportunidade de conquistarem a fama que o feito traria e se tornarem os heróis das futuras gerações, ela havia se colocado à frente de todos justamente por deixado seu coração falar mais alto que seu cérebro.

Para sua sorte (ou azar), haveria alguém ao seu lado para refrear esse tipo de ação desmedida num futuro bem próximo. Mas a questão era que ela simplesmente não poderia ter permitido que a Zodíaco fosse colocada em mãos inábeis. Justo a Zodíaco, de todas as espaçonaves já construídas pela NASA em sua longa história.

Aquela pequena navezinha, construída com tanto esmero por alguém que agora poderia nem estar mais vivo, era especial para Magellan. Ela testemunhara, em primeira mão, todo o seu processo de criação, desde os primeiros esboços até os últimos retoques no casco de grafeno. Ela ajudara a construir aquela pequena maravilha, e vê-la sendo negligenciada havia marcado Magellan profundamente.

E quando seus olhos encontraram a Zodíaco pronta e operante para desbravar o espaço sideral, um enorme sorriso se abriu em seu rosto. Porém, ao lado da porta de embarque algo chamou sua atenção. Junto de toda a equipe que trabalhava no hangar, a garota alta e de cabelos lilás que ela julgou ser sua imediata lhe esperava sorridente, mas ela não estava uniformizada.

– Olá Srta. Magellan, espero que esteja animada para a missão.

– Como vai, Saoirse? Já está indo trocar o uniforme? Temos um longo trajeto até o outro lado da Via Láctea.

– Ah não, não! Pensou que eu fosse a imediata da Zodíaco? Mil perdões por essa confusão, Srta.! – Saoirse corou instantaneamente.

Em sua cabeça, Magellan se perguntava qual teria sido o propósito de Saoirse ter passado pelas cansativas horas de treinamento e instruções se, no fim das contas, a Agência mandaria outra pessoa para ser imediata da Zodíaco.

– Então... Se não é você quem vai viajar comigo, quem é?

– Diga olá para a sua imediata, Capitã Magellan. – Saoirse meneou a cabeça na direção do interior da nave.

– Andrômeda! – Magellan quase gritou ao ver a pequena androide.

– Sabe... Já faz muito tempo desde que eu vi um rosto conhecido pela última vez!

De cabelos verdes sintéticos e voz metálica, a imediata Andrômeda era ainda mais baixa que sua capitã Magellan. Seus finos braços robóticos enlaçaram a cintura da humana num abraço improvisado. Ambas não se viam desde que a Zodíaco fora descomissionada e atirada num galpão qualquer da Área 51. Andrômeda fora construída para ser a dróide protocolar de interação que acompanharia todas as viagens futuras da nave e para sua infelicidade, acabou tendo o mesmo destino funesto.

– Desde quando você foi religada, menina? – Magellan bagunçou os cabelos da dróide.

– Faz algumas horas, vinte e quatro para ser mais exata. Mesmo depois de todo esse tempo empoeirando lá em Nevada, nenhum circuito meu se danificou. – Andrômeda sorria como uma criança humana no Natal.

– Isso me deixa bastante aliviada. Vou precisar de você inteira para resgatar aqueles idiotas a bordo da Halcyon. – Magellan confessou baixinho.

– De quantos idiotas nós estamos falando aqui exatamente? – Andrômeda arqueou uma de suas sobrancelhas robóticas.

– De todos. Dos 13.

– Não me diga que a tripulação da Halcyon são...

– São. Todos se voluntariaram para a Missão Santuário. E considerando o histórico de cada um, a Agência achou que seria, digamos, proveitoso colocá-los todos juntos.

– Que erro espetacular, não? Estou começando a considerar a hipótese de que um motim interno pode ter causado a falha nas comunicações sobre a qual fui informada.

– É verdade que eles tiveram suas discordâncias no passado, mas nós nunca vivemos tão pacificamente quanto nos últimos meses... Até parecia que já sabiam que... – a voz de Magellan alquebrou.

– Não vamos assumir nada até descobrirmos de fato o que aconteceu à Halcyon, capitã. Especialmente coisas trágicas, combinado? – Andrômeda piscou e sorriu.

– Combinado, imediata. – Magellan devolveu o sorriso e se encaminhou para o assento de comando da nave.

Ao contrário dos antigos ônibus espaciais que NASA tinha o costume de enviar ao espaço no século XXI, a Zodíaco era capaz de decolar sem o auxílio de um foguete, algo comum para as naves do século XXV. Seu propulsor principal funcionava aliado a dois ativadores cíclicos de fótons, capazes de se alternarem em sua função de canalizar a luz e transformá-la em um combustível estável para a nave.

De acordo com os cálculos feitos pela agência, uma nave como a Zodíaco seria capaz de atravessar o buraco de minhoca e alcançar a Halcyon em menos de doze horas. Por ser uma nave leve e carregar tripulação reduzida, não seria necessário que Magellan se submetesse ao processo de criogenia temporária, como haviam feito os tripulantes da Halcyon, Hyperion e Millennium. Claro que isso era um risco, já que ela estaria sujeita a todo tipo de anomalia espaço-temporal que ocorresse dentro do buraco de minhoca. Entretanto, ela não teria se voluntariado se não soubesse exatamente o que poderia lhe acontecer.

– Atenção capitã Abarai, sua decolagem foi autorizada. – a voz mansa de Saoirse chegou aos ouvidos de Magellan através do sistema de comunicação da Zodíaco.

– Entendido, base. Manteremos o contato durante a travessia. Assim que obtivermos qualquer informação sobre a situação da Halcyon, Andrômeda vai repassar a vocês.

– Estaremos no aguardo, capitã. Boa viagem! – Saoirse se despediu.

– O que você acha que vamos encontrar lá, Magellan? – Andrômeda indagou após se certificar que não seria ouvida.

– Quer saber a minha opinião sincera? Eu não faço ideia. Não consigo pensar em nada que possa ter causada uma pane nas comunicações de uma nave como a Halcyon...

– E com uma tripulação como aquela à bordo... – Andrômeda concordou.

– Eu conheço todos eles muito bem, Andrômeda. Nenhum deles faria nada assim. Não intencionalmente.

– Acredito em você, Magellan. Eles são seus irmãos, afinal.

Junto com os tripulantes da Halcyon, Magellan fazia parte dos quatorze egressos do Orfanato Palas, em Atenas. Treze meninos vindos de várias zonas de conflito espalhadas pelo mundo e a menina abandonada em sua porta. À medida que cresciam e estudavam, cada um deles se especializara em uma área científica diferente. E quando a Missão Santuário se apresentou a eles, todos aceitaram sem hesitar. Tal mania, de aceitar missões perigosas sem titubear, parecia ter sido passada com sucesso à mais nova da família.

A Zodíaco ganhou os céus em questão de minutos e tão logo atingiu a atmosfera, Magellan a guiou até a entrada do buraco de minhoca. Dali para frente, o sistema assumiria o controle. Apenas quando saíssem do outro lado, ela voltaria a pôr suas mãos no manche da nave. Assim sendo, havia tempo suficiente para capitã e imediata colocarem o assunto entre elas em dia.

– Magellan... Eu gostaria de repassar as fichas de cada integrante da tripulação da Halcyon mais uma vez, se não se importar... – de seu assento, Andrômeda acessava o banco de dados disponibilizado pela NASA.

– Sem problemas, por onde quer começar? – Magellan recostou em seu assento e encarou os dados que surgiam na tela.

– Podemos começar por ordem de recrutamento para a Missão Santuário. E depois agrupamos a tripulação por especialidade, que tal?

– Por mim, tudo bem... Se me lembro corretamente, Mubarak foi o primeiro a ser recrutado. E se não estou enganada, ele é o oficial de ciências da Halcyon.

– Sim. E com ele trabalham Cameo e Afrene. – Andrômeda mantinha os olhos fixos na tela à sua frente.

– Cameo sempre gostou mais do inverno, da neve e de tudo que fosse frio. Não me espantou quando ele resolveu se especializar em criogenia. Certamente foi ele quem colocou os outros para dormir, por assim dizer.

– Afrene está listado como especialista em botânica. Me parece óbvio que seu objetivo seria avaliar quaisquer espécimes vegetais que existissem no planeta de destino da Halcyon.

– Você é bem esperta para uma dróide, sabia? – Magellan gargalhou.

– Até que estou me saindo melhor do que esperava. Especialmente considerando o tempo que fiquei fora de circulação. – Andrômeda estava realmente satisfeita.

Ambas prosseguiram falando dos irmãos de Magellan. As fichas indicavam que Alderbaron, o mais alto e mais forte de todos, aquele que achara Magellan na porta do Orfanato quando ainda era uma recém-nascida, estava ocupando o posto de engenheiro chefe. Sob seu comando estavam Deator e Dohosan, que não poderiam ser mais diferentes.

Deator era o garoto problema. Sempre envolvido em algum tipo de confusão e nunca deixando esmaecer seu sorriso de desdém, seu passatempo preferido era ensinar à pequena Magellan tudo de errado. À medida que cresciam, o comportamento rebelde de Deator se amenizou o suficiente para permiti-lo trabalhar junto de Alderbaron e do sempre moderado Dohosan.

O maior talento de Dohosan, no entanto, não era aturar seus dois irmãos de personalidade forte, e sim manusear qualquer ferramenta que fosse. Junto à Mubarak, capaz de construir e consertar aquilo que sua imaginação lhe permitisse, ele deu vida à pequena Andrômeda, a quem gostava de chamar de pequena princesa mecânica.

– Você não vai ver isso no banco de dados, mas Mubarak e eu fazemos aniversário no mesmo dia... – Magellan revelou, a voz carregada de nostalgia.

– O que te faz pensar que não sei desse pequeno fato? Eu posso ter ficado desligada esses anos todos, mas meus registros de memória ainda estão intactos. – a androide acertou dois dedos na testa de Magellan, que segurou-os e indagou sorrindo:

– Nada escapa de você, não é?

– Não mesmo. É por isso que não posso deixar de me perguntar como foi que Aiowe e Milesio acabaram na mesma área. De quem deve ter sido a ideia de dar a Aiowe o cargo de oficial de comunicações e a Milesio o cargo de suboficial?

– Ambos são dois cabeças duras que nunca conseguem ficar calados. Você os colocaria em outra área?

– Não mesmo. Eles podem não ser exatamente os melhores amigos, mas eu suponho que suas diferenças não tenham interferido e...

– Eu já lhe disse que não acredito numa falha humana neste caso, não disse? Meus irmãos sempre viveram às turras uns com os outros, mas eu seria capaz de jurar que nenhum deles está envolvido no incidente da Halcyon. – a voz de Magellan se elevou levemente.

– Queira me desculpar, por favor. É que a diretora Mihaylovna insistiu inúmeras vezes nessa possibilidade, que quero descarta-la por completo. – se possuísse epiderme humana em seu rosto, Andrômeda teria corado de vergonha.

– Não é sua culpa que a diretora da agência mais poderosa do mundo queira encontrar um culpado para um provável insucesso na Missão Santuário, menina. Nós vamos descobrir o que aconteceu com

aquela bendita nave, nem que seja a última coisa que eu faça, ok? – Magellan pousou a mão no ombro da androide e sorriu gentil.

– Ok, capitã... E falando em descobrir, eu ainda não compreendi ao certo algumas peculiaridades na hierarquia da Halcyon. Por que razão seu irmão Shakeer foi alocado com ordenança junto ao Kanoe. Eu pensei que ele e Sagan fossem inseparáveis.

– Essa é uma longa história. Mas considerando que você estava desligada quando tudo aconteceu, acho justo resumi-la para você...

Magellan explicou à Andrômeda que Kanoe era o ordenança original da Halcyon e deveria trabalhar junto com seu irmão Shurka na cozinha da nave. Shakeer, por sua vez, havia sido designado para uma das outras naves da Missão e não para aquela que seus irmãos ocupariam. Fazendo uso de suas posições como capitão e imediato, seus irmãos mais velhos Sagan e Airos intercederam por Shakeer, que acabou realocado como ordenança, apesar de sua formação como especialista em astrofísica.

A dinâmica entre eles era algo que fascinava Magellan desde que chegara ao Orfanato. Ali, todos se tornaram irmãos através do vínculo da convivência, dos sorrisos e das lágrimas. Mas haviam outros laços os ligando. As mesmas nacionalidades, interesses em comum, e naturalmente, os laços do sangue os ligavam. Airos e Aiowe eram irmãos de nascimento, assim como Sagan e Kanoe, gêmeos inseparáveis.

– Agora eu compreendo, Magellan. Se nem na Terra houve força capaz de separá-los, não haveria no espaço sideral... – os globos oculares sintéticos de Andrômeda reluziam.

– Quando você cresce da forma que crescemos, filhos de guerras civis e conflitos, cujas famílias há muito desapareceram; quando você cresce não tendo ninguém além daqueles pobres diabos como você para segurar a sua mão nas piores horas, você aprende que uma casa não precisa ser um teto sobre a sua cabeça. Você aprende que família é mais do que apenas ter o mesmo sangue correndo nas veias. E se é errado que irmãos lutem para se manterem unidos, eu não quero estar certa... – lágrimas escorriam pelo rosto de Magellan.

Andrômeda não disse uma só palavra. Ela não era capaz de sentir as mesmas emoções dos seres humanos, mesmo possuindo uma matriz de empatia instalada em seu cérebro robótico. Ela compreendia o elo que unia Magellan aos irmãos justamente por ter sido concebida pelas mesmas mãos que haviam criado a moça de pulso firme e espírito inabalável que se sentava ao lado dela na cabine da Zodíaco.

– Você se importa de responder a uma última pergunta, Magellan? É algo que eu sempre quis lhe perguntar...

– Vá em frente, Andrômeda. Pergunte. – a capitã sorriu encorajadora.

– Qual é o significado do seu nome?

– Bem... Essa é uma pergunta justa... Quando fui encontrada, eu era um recém-nascida. Os meninos se reuniram para escolher um nome para mim e para encontrar uma maneira de me manter com eles no Orfanato. Sua lista de nomes era praticamente infinita, mas bastou apenas um comentário para eles escolherem que nome eu teria.

– Um comentário? Que tipo de comentário? – a dróide estava genuinamente curiosa.

– Enquanto me segurava para que eu parasse de chorar, Aiowe disse que meu cabelo era tão fino e macio que se parecia até com uma nuvem. Então Sagan se lembrou da Nuvem de Magalhães. Mas como Magalhães não era um nome adequado para um bebê, eles escolheram uma outra forma do nome.

– Eles escolheram a forma inglesa, escolheram Magellan.

– E sobre o meu sobrenome, esse foi ideia do diretor do Orfanato. Quando fui levada até ele enrolada nos meus cueiros, Sagan e os outros o elogiaram tanto, enalteceram tanto as suas qualidades como gestor do lugar na tentativa de convencê-lo aceitar que eu ficasse, que ele decidiu adicionar Abarai ao meu nome. Em japonês, isso quer dizer bajulador. – Magellan suspirou.

– Que coisa rude para se dizer! Chamar alguém de bajulador não é educado! Especialmente vindo de um homem com uma posição como diretor. – Andrômeda soava realmente indignada.

– Eu era bebê e nenhum dos meninos sabia o que significava Abarai na época. Eu só descobri sobre isso quando estava terminando minha especialização... E não é nada de mais. Meus irmãos bajularam bastante o diretor para manter-me com eles. Funcionou, não foi? Então, eu não me importo de manter o sobrenome.

– E quem lhe contou sobre o seu sobrenome? A pessoa era japonesa, sem dúvida.

Magellan pigarreou, pensando no que responderia. Suas memórias vagaram no passado, no tempo em que ela havia conhecido Renji. Seus cabelos vermelhos presos num alto rabo de cavalo, suas tatuagens e sua irascibilidade. Ela via nele muito de seu irmão Deator. Como a casca dura usada para proteger um interior quebrado, a personalidade impetuosa usada para esconder um coração de ouro.

Ela sorriu para si mesma lembrando que somente percebera o brilho nos olhos dele quando a via, sua inclinação em direção a ela e sua preocupação depois que ele caiu aos seus pés, golpeado e machucado durante uma sessão de treinamento.

Enquanto estivera sentada ao lado da cama dele, ela o ouvira murmurar sobre o significado de seus sobrenomes. Ela era Magellan, a bajuladora. Por um minuto, ela ficou indignada ao descobrir isso. Seu rosto corou, e no minuto seguinte, seu coração derreteu quando ele disse que seu sobrenome significava segundo amor, ou a pessoa que só é amada depois de outra.

– Tudo bem se você não quiser me contar... Minha curiosidade era meramente científica. – Andrômeda interrompeu sua divagação.

– Não é que eu não queira te dizer, é só que existem muitas coisas envolvidas. A pessoa que me disse sobre o meu sobrenome era um... um amigo meu. Ele era de fato japonês. – Magellan sentiu as bochechas arderem.

– Você fala como se ele estivesse morto, Magellan... É esse o caso? Porque se for, não vou perguntar de novo. Eu não quero que você fique chateada. – havia sensibilidade na voz de Andrômeda.

– Oh não, Renji está muito vivo. Mas nós não nos separarmos nas melhores condições. Ele me irritou com seus comentários sobre a Missão Santuário, então eu roubei algo dele antes que ele embarcasse com a tripulação da Millennium.

– Você o que?! Roubou de outra pessoa?! – Andrômeda levou as mãos aos lábios.

– Vá com calma, menina! Antes que comece a pensar que sou uma ladra desalmada, eu não roubei do Renji por maldade. O que eu fiz não foi roubar por roubar, como os conglomerados industriais e governos fizeram com o nosso planeta. Não tirei nada dele pelo prazer de vê-lo humilhado, nem nada disso...

– Por que você fez isso, então? – Andrômeda não conseguia compreender.

– Porque as pessoas fazem coisas assim, caramba! Nós discutimos e brigamos com as pessoas de quem gostamos, pegamos coisas deles, escondemos nossos sentimentos. É ilógico para alguém como você entender, mas nós seres humanos nem sempre somos lógicos. – Magellan desabafou.

– Você pegou alguma coisa dele... Porque queria guardar uma recordação com você. Eu entendo isso agora. Ele está na Millennium agora, não está? Você imaginou que não voltaria a vê-lo novamente, por isso quis manter consigo algo que fosse dele. Isso... Isso é lindo, Magellan.

– A briga que tivemos não foi nada linda, menina. Dissemos coisas que realmente não deveríamos ter dito, falamos sobre sentimentos não estávamos realmente sentindo... Argh! Foi tudo uma bagunça. – Magellan esfregou os olhos com as costas da mão.

– Mas você está aqui agora. Uma vez que descobrirmos o que há de errado com a Halcyon e arrumarmos tudo, você poderá entrar em contato com esse, esse Sr. Renji e resolver qualquer problema entre vocês, não?

– Seu otimismo é realmente interessante, Andrômeda. Eu nunca conheci um dróide com tal sentimento de perseverança. – Magellan sorriu.

– Minha matriz de empatia é, de fato, única no universo, capitã. E todo o otimismo que possuo deriva dos humanos com os quais convivi. Seus irmãos sempre tiveram muita fé no futuro, nas próximas gerações. E em você, é claro.

– Obrigada pelo apoio, de verdade. Se não fosse por esse seu cabelo sintético e essa pele de platina, você poderia se passar por um ser humano facilmente.

– Sou quem deveria agradecer, Magellan. Quando mestre Mubarak e mestre Dohosan me projetaram, suas intenções eram que eu fosse o mais humana possível. E agora me parece que eles atingiram seus objetivos.

– Ei! Eu não quero ver nenhuma lágrima robô, tudo bem? Nós vamos nos sair muito bem nesta missão, vamos consertar a Halcyon e tudo vai ficar bem. Toca aqui, imediata? – Magellan levantou a mão e Andrômeda bateu com sua palma na dela.

III. Halcyon

Magellan havia cedido ao sono na cadeira de capitã. A conversa que tivera com Andrômeda se estendera por horas a fio, até que, inesperadamente, ela fechara os olhos por um instante e acordara quase dez horas depois com o aviso da Zodíaco. A nave havia saído do buraco de minhoca e se encontrava nas cercanias de um planetoide gasoso.

– Bom dia, capitã. Embora eu não esteja muito certa sobre como funcionam os dias e as noites deste lado da galáxia. – Andrômeda a saudou, segurando uma caneca com algo fumegante dentro.

– Ah... Bom dia para você também. O que é que tem aí nessa caneca? O cheiro é bom. – Magellan esfregou os olhos e bocejou.

– Tomei a liberdade de preparar chá para você. Considerando que a agência não mandou muitos suprimentos, achei prudente preparar o mínimo.

– Chá, Andrômeda? Não tem café? – Magellan deu um muxoxo.

– Lamento, capitã.

– Eu não acredito que aceitei vir parar do outro lado da galáxia e para que? Para mandarem chá em vez de café. Maldito racionamento de suprimentos. Na base em Hong Kong nós podíamos comer o que quiséssemos. – Magellan se afundou na cadeira e bebericou do chá.

Andrômeda assumiu o manche da Zodíaco enquanto Magellan terminava seu desjejum indesejado e fazia sua higiene. A dróide sabia que não demoraria até alcançarem as coordenadas da Halcyon. Por essa razão, ela deixara provisões e outros itens necessários preparados com antecedência. A capitã assumiu seu posto com um sorriso de agradecimento. O chá que Andrômeda preparara para ela não tinha gosto algum, mas isso não era culpa da imediata.

– Estamos recebendo uma transmissão da base central da NASA no Cabo Canaveral, capitã. – Andrômeda anunciou.

– Certo, abra o canal de comunicação. – Magellan estalou os dedos e encarou o painel principal.

– Saudações, tripulação da Zodíaco. Espero que sua viagem através do buraco de minhoca tenha sido segura. O comando da NASA gostaria de lhes agradecer por seus esforços até agora e desejar-lhes boa sorte na sua verdadeira missão: descobrir o que está interferindo com as comunicações da nave Halcyon. – a diretora Nadia Mihaylovna sorria através do tela de alta definição.

– Eu lhe asseguro que nós faremos tudo em nosso poder para resolver este problema. Em nome da Missão Santuário, diretora Mihaylovna. – Magellan se pronunciou.

– Creio que você entende o que significa o seu fracasso, certo capitã Abarai? – o semblante da diretora passou de simpático para sério num piscar de olhos.

– Eu entendo, diretora. Falhar nesta missão não está entre as minhas opções. E nem entre as probabilidades de Andrômeda. Os sistemas da Halcyon estarão operacionais quando entrarmos em contato com a base novamente. Eu garanto.

– Muito bem então. Eu estarei esperando o seu próximo relatório, capitã. – o rosto da diretora desapareceu, encerrando a transmissão.

– Nossa! Aquela mulher me dá arrepios! – Magellan comentou, inclinando sua cadeira para trás.

– A diretora Mihaylovna é a mulher mais poderosa do mundo. É natural que os outros humanos tenham medo de alguém como ela. – a dróide replicou.

– Não é por causa disso, Andrômeda. O que faz ela pensar que sabe mais sobre o que está em jogo aqui do que eu? A tripulação da Halcyon é a minha família! – Magellan foi enfática.

– É o trabalho dela considerar que além da sua família, outras muitas famílias na Terra também dependem do nosso êxito, mesmo que indiretamente. – Andrômeda expôs um pensamento que Magellan havia considerado, mas relutara em admitir que era verdade.

– Eu sei, eu sei. Você está certíssima, mas acontece que, quando eu deixo de pensar nisso, só por um instante, é como se o peso sobre as minhas costas se aliviasse.

– Compreendo que nenhum ser humano deveria ser submetido a esse tipo de pressão psicológica, nem mesmo aqueles que se voluntariam para missões como a que temos pela frente. Mas tudo o que posso fazer é dizer que estou cem por cento convencida que você é mais do que capaz de resolver essa situação, Magellan. – Andrômeda pousou sua mão no ombro da capitã.

– Eu realmente senti falta de conversar com você, menina robô. Não sei se um dia vou ser capaz de lhe agradecer propriamente por... Por tudo.

– Sou eu quem não quer ver lágrimas humanas agora, está bem? A Halcyon está bem à frente. Vamos nos acoplar a ela e descobrir o que está mexendo nas comunicações, está bem?

– Okie dokie, imediata Andrômeda.

A entrada para as docas espaciais no casco da Halcyon se abriu ao primeiro pedido transmitido por Andrômeda, fazendo o sexto sentido de Magellan se acionar imediatamente. Como poderia uma nave incapaz de estabelecer qualquer comunicação ter não só recebido e processado a solicitação para desembarque feita pela imediata como também ter aberto as comportas para que a Zodíaco atracasse?

Mesmo a androide explicando que o comando para tal abertura nem sempre partia do sistema central de comunicações em uma nave com a Halcyon, Magellan não se convenceu por completo. Não havia o menor sinal da tripulação na plataforma enquanto ambas se preparavam para desembarcar. Andrômeda afivelou o cinto anti-gravitacional de segurança e verificou se provisões e equipamentos estavam nos devidos bolsos de seu traje. Finda sua verificação, ela se virou para Magellan e surpreendeu com o item que a capitã tentava afivelar ao seu próprio cinto anti-gravitacional.

– Como todo o respeito, capitã... Isso é uma espada japonesa?

– É uma wakizashi, Andrômeda. Ela é uma espécie de espada pequena. Pertencia ao Renji... Ela não tinha nome quando eu o conheci, mas depois de algum tempo, ele começou a chamá-la Inazuma... Significa relâmpago. – Magellan respondeu, com um sorriso nostálgico no rosto.

– Não questionarei suas razões para ter trazido Inazuma com você, mas ela é realmente necessária? – Andrômeda estava receosa.

– Provavelmente não. Mas eu simplesmente não me sinto confortável em deixá-la para trás. Nossos desintegradores laser provavelmente serão suficientes para lidar com qualquer empecilho, só que nunca se sabe, não é?

– Bem... As escolhas de uma capitã são as escolhas de uma capitã afinal. – Andrômeda deu de ombros e abriu a escotilha da Zodíaco.

Ao descer de sua própria nave e pisar pela primeira vez num cruzador espacial do tamanho da Halcyon, a androide esperava uma outra recepção. Havia cabos dependurados no teto da plataforma, a temperatura estava abaixo do normal e as luzes piscavam incessantemente naquela área. Parecia que além da pane nas comunicações, as instalações elétricas também haviam sido atingidas. Mas o que poderia ter provocado aquilo se a tripulação se encontrava em animação suspensa? Não tardou até que Magellan encontrasse uma entrada por onde Andrômeda poderia se conectar ao sistema central.

– As coisas aqui estão um pouco mais complicadas do que eu esperava, capitã.

– O que você quer dizer? Há algo de errado com a tripulação? – Magellan temeu pelo pior.

– Sim e não... Veja bem, a tripulação já deveria ter sido removida da animação suspensa, mas eles ainda estão dormindo.

– Eles estão em risco, Andrômeda? Responda com sinceridade.

– Temo que sim, Magellan. O nível de oxigênio em seus compartimentos criogênicos é de 82%, com indicações de queda. Se permanecerem assim...

– Vão sufocar enquanto dormem! – Magellan completou.

– É isso que eu não compreendo... O sistema central da nave deveria tê-los acordado. Temo que há algo errado com ele também.

– Mas que droga! O que poderia ter causado tudo isso, Andrômeda? Uma tempestade eletromagnética, uma invasão alienígena?

– Essas duas possibilidades podem ser descartadas, capitã. O espaço neste setor da galáxia não está sujeito a tais fenômenos como uma tempestade eletromagnética. E eu não estou detectando nenhuma outra forma de vida que não sejam os seus irmãos. Contudo...

– Contudo o que? O que mais está acontecendo nesta porcaria de nave? – Magellan não conseguia mais controlar sua agitação.

– Tenho certeza que não é nada, deve ser só uma pequena falha no sistema. Porém, naves exploratórias como a Halcyon são sempre equipadas com autômatos programados para ajudar a tripulação. Normalmente, eles só são acionados por um oficial de ciências ou pelo capitão e o sistema me diz que todos os autômatos da nave estão desativados. Todos, menos um.

– Deixa eu adivinhar: tem um autômato possivelmente avariado à solta nessa nave e você acha que é ele o responsável por todo esse caos. É isso?

– Está inescapavelmente correta, capitã. As probabilidades são de quase cem por cento. Vamos precisar de ser extremamente cuidadosas em nossa abordagem pois este autômato pode ou não ser perigoso. Não há como saber e... – Andrômeda estacou por um momento, como se houvesse levado um choque elétrico.

– Você está bem, menina? – Magellan puxou o rosto de Andrômeda em sua direção.

– Não há nada errado, capitã. Não comigo. Mas receio que eu tenha acabado de perder o acesso ao sistema central. Algo ou alguém bloqueou a minha conexão...

IV. Espectro

– Eu ainda não entendi como algo ou alguém possa ter bloqueado a sua conexão com o sistema central, Andrômeda. Não faz sentido!

– Deve haver uma explicação lógica para isso, Magellan. É extremamente provável que seja a pequena falha do sistema que eu identifiquei.

– Assim espero... Mas agora nós temos que ir. Não podemos ficar a missão inteira nesta bendita doca, precisamos encontrar respostas em outro lugar. – Magellan se afastou da androide.

– Espere, capitã! Precisamos nos separar. Não há como alcançarmos o sistema central na ponte da Halcyon e as câmaras criogênicas se continuarmos juntas.

– Eu estava com medo que você fosse dizer isso... Mas está certo. Se eu for para a ponte, você conseguiria anular a animação suspensa e evitar que os meus irmãos morram sem oxigênio?

– Aye, capitã! Seus irmãos estarão a salvo comigo... E antes que nos separemos, deixe eu lhe entregar alguns itens que serão necessários. Como não podemos utilizar as comunicações da nave, vamos usar estes nanophones. – Andrômeda estendeu à Magellan um pequeno aparelho circular, que ela colocou no ouvido.

– E falando das comunicações, como é que eu vou resolver esse problema?

– Normalmente, demoraria dias para identificar a fonte do problema e corrigir os erros no sistema. Mas se você plugar essa unidade de restauração no painel principal, ela redefinirá as configurações e o sistema voltará ao normal. – Andrômeda estendeu mais um gadget à capitã.

– Então, isso é tudo que eu tenho que fazer?

– Sim... E, claro, tenha cuidado se você encontrar o autômato. Boa sorte, capitã. Nos vemos em breve...

Com um aceno de mãos, Andrômeda e Magellan se separaram. Ambas estavam no nível 0, o mais baixo da nave, e era preciso seguir até o nível operacional 5, no último piso, para atingir a ponte e as câmaras criogênicas que ficavam em sentidos opostos. Não demorou muito para Magellan se dar conta de que teria que andar a até ponte, os elevadores não estavam respondendo. À medida que avançava, sentia o ar tornar-se ainda mais frio. As luzes continuavam a piscar e os cabos ainda estavam pendurados no teto por toda a extensão dos corredores.

Não era uma atmosfera muito convidativa, ela teve de admitir. Vez ou outra se virava, como se estivesse sendo seguida, mas não avistava nada em seu campo de visão. Sua mente não conseguia deixar de pensar no que poderia ter acontecido para a Halcyon ficar daquela maneira. Um autômato avariado não poderia ter causado tanto dano, não era possível. Ela chegara ao nível 3 sem qualquer problema, e quando estava próxima do acesso para o nível superior, seus pensamentos foram interrompidos por um som que ela conhecia bem: a voz de seu irmão Sagan.

– O que você está fazendo aqui?

– É impossível... Você não está realmente aqui. Andrômeda é boa, mas ela não é tão rápida. Nem meu irmão. QUEM DIABOS É VOCÊ? MOSTRE-SE. – Magellan girou nos calcanhares, avaliando minuciosamente o corredor onde estava, com o desintegrador laser em punho.

– Esta área não é segura, retroceda. – a voz calma de Cameo se fez ouvir.

Com o canto dos olhos, Magellan viu uma sombra escura mover-se atrás dela, cruzando o corredor. Ela disparou o desintegrador sem sequer considerar quem ou o que era aquilo. O ruído alto do laser explodindo contra a parede ecoou pelo corredor. Não havia nada ali. Mas ela estava certa de que havia

visto uma sombra. Sentia a adrenalina se espalhando rápido por sua corrente sanguínea, sua respiração se acelerava e coração batia como um tambor de orquestra. Levando a mão esquerda ao ouvido, ela tentou se comunicar com Andrômeda usando o nanophone.

– Capitã Magellan, qual é o problema? – a vozinha da pequena dróide a acalmou momentaneamente.

– Onde você está?

– Atingindo o nível 4, capitã. Chegarei às câmaras criogênicas o mais rápido possível, não se preocupe.

– Essa não é a questão. Nós realmente não estamos sozinhas nesta nave...

– Magellan, você encontrou o autômato?

– Não exatamente... Eu senti que estava sendo seguida e vi alguma coisa com o canto do meu olho. Não se parecia com um autômato, era algo mais como uma sombra, um espectro...

– Um espectro? Capitã, esse fenômeno é uma superstição humana. Tenho certeza de que não há tal coisa no espaço sideral.

– De qualquer forma, tenha cuidado, ok? Não estou dizendo isso só porque quero que você salve meus irmãos. Mas porque preciso de você, Andrômeda. Não vou terminar esta missão sem você, entendeu?

– Entendido, capitã! Isso vai acabar em breve, estou quase no nível 5 e... – a voz de Andrômeda se tornou estática.

Magellan tirou o nanophone do ouvido para se certificar que o aparelho ainda estava funcionando. Foi quando percebeu que novamente às suas costas, uma porta fora aberta no corredor. Passo depois de passo, uma silhueta se vez visível contra a luz.

– Você é muito esperta. Para um ser humano. – ela não reconheceu aquela voz, mas reconheceu a quem ela pertencia.

– Eu não sabia que autômatos podiam falar. Muito menos fazer a bagunça que você fez aqui. – Magellan apontou o desintegrador para o autômato.

– Retiro o que disse. Você não parece saber de coisa alguma, fêmea patética.

– Não percorri essa distância toda, da Terra até aqui, para ouvir essa besteira de um maldito boneco mecânico.

– E o que vai fazer, humana? Disparar o seu desintegrador laser contra mim?

Magellan sequer hesitou. Um disparo após o outro, ela não tirou o dedo do gatilho até o autômato despencar no chão de joelhos. O laser perfurara a couraça em cinco pontos por onde o fluido de locomoção escorria: coração, peito, braços e na cabeça. Satisfeita com sua pontaria, ela se preparava para recarregar o desintegrador quando seu sangue se tornou frio como gelo nas veias.

– Eu disse a você que essa área não era segura. Por que não me ouve? Por que não retrocede? – a voz de Cameo voltou a ressoar.

– Cameo, você não está realmente... – ela elevou os olhos.

– Aqui? – ele estava bem na frente dela, sacudindo a cabeça ante o autômato abatido.

– Você... Você está congelado... – Magellan tremia, seus olhos estavam marejados.

– Eu estou bem aqui. Por que você chega mais perto? Venha... Sou eu, Cameo.

– Meu irmão... Eu sinto muito. – ela limpou as lágrimas com as costas da mão.

– Está tudo bem agora, eu estou aqui. Não precisa mais se preocupar, minha irmã.

– Meu irmão... O meu irmão Cameo nunca me chamou assim. Para ele, eu era a pequena nuvem, le petit nuage. VOCÊ NÃO É MEU IRMÃO! – fechando os olhos, Magellan deixou o corpo cair de joelhos.

– É claro que eu sou seu irmão. Você se esqueceu de mim?

Uma silhueta diferente se delineou na porta por onde o autômato havia saído. Maior, mais alto e definitivamente mais forte que Cameo. Magellan o conhecia melhor do que a qualquer outro. Ele a encontrara, uma bebê frágil que chorava enrolada em trapos. Ele a segurara no colo. Ele sempre lhe estendia a mão quando seus joelhos não lhe davam força. Ele a ensinara a rir, a permanecer de pé.

– Alderbaron... Como? Como você pode estar aqui?

– Venha, criança. Se levante e deixe-me explicar tudo para você.

De onde estava, entre o autômato caído e a enorme forma de Alderbaron, Magellan não conseguia mais ver a sombra de Cameo ou ouvir sua voz. Era quase como se um irmão tivesse desaparecido para dar lugar ao outro. À partir daquela constatação, seus neurônios fizeram todo o trabalho. De primeiro, ela ouvira a voz de Sagan. Então, ouvira a voz de Cameo. Ela só o viu à distância e contra a luz. E Alderbaron só apareceu quando ela enfrentou o falso Cameo. A única coisa que ela não conseguia entender era quem diabos estava fazendo tudo aquilo.

Infelizmente, ela não teve tempo para descobrir. Com um rangido, o autômato abatido começou a se levantar como se fosse uma marionete. Seu desintegrador ainda estava descarregado e Magellan não quis esperar para ver qual seria a reação do fantoche robótico que ela achava havia derrotado. Se colocando de pé rapidamente, virou-se para a direção oposta e correu.

Andrômeda estava incomunicável, o autômato estava em seu encalço, seu desintegrador pendia do cinto e suas pernas se moviam cada vez mais devagar. A adrenalina estava se dissipando, dando lugar a um sentimento que Magellan abominava: o medo. Ainda haviam muitas dúvidas em sua cabeça, mas uma sensação que unia paralisia, pânico e desespero a estava dominando aos poucos.

Ela se forçou a engolir o choro que ameaçava escorrer pelo seu rosto e cruzou o acesso entre o quarto e o quinto nível da Halcyon. Não foi preciso que olhasse para trás para saber que o autômato ainda corria atrás dela. Só que para a sua felicidade, a porta magnética para a ponte da nave surgiu ao fim do corredor. Tudo o que ela precisava fazer era continuar correndo e quando chegasse lá, estaria a salvo.

A menos de dez metros de seu objetivo, Magellan sentiu algo enrolar-se em seus calcanhares. O autômato havia usado os cabos soltos do teto para impedi-la de chegar ao centro de controle da nave. Seu corpo pendeu para frente e ela só teve tempo de proteger o rosto com os braços antes de atingir o chão. Seus antebraços doíam pelo impacto e antes que pudesse fazer qualquer coisa, o autômato agarrara sua nuca com uma das mãos e a levantara no ar.

– Tente se mover e eu quebrarei seu pescoço. – a voz do autômato a fez tremer.

O cheiro do fluído de locomoção e a pressão dos dedos daquela máquina contra a sua pele só aumentavam o temor que crescia dentro do peito de Magellan. Num flash, inúmeros cenários se descortinaram bem diante dos seus olhos. O autômato poderia ter, de fato, quebrado seu pescoço. Por que ele ainda a segurava? Por que ainda a mantinha viva?

– Quem... Quem é você? – ela indagou.

– Você me nomeou. Eu sou Espectro.

– Por que está fazendo isso? Por que não me solta?

– Chega de perguntas. O tempo acabou.

– Você vai me matar agora? – ela refreava as lágrimas, numa tentativa de parecer forte, mas o tremor em suas mãos a traía.

– Isso dependerá apenas de você, fêmea humana.

V. C.R.O.N.O.S

O autômato segurava o corpo de Magellan próximo ao seu. Sua mão esquerda ainda prendia a nuca dela. A mão direita havia a enlaçado pela cintura. Seus pés não tocavam o chão e tampouco o autômato permitiria que ela se soltasse. Ele a carregava enquanto caminhava na direção da ponte. Sequer foi preciso pressionar a aldraba digital que abria porta magnética, com um comando de voz que veio do interior do compartimento, Magellan se viu atirada na frente do imenso painel.

– Então você é a ratinha que está nos causando problemas. Eu imaginei que meu pequeno show de vozes hologramas seria o bastante para lhe afugentar, mas parece que calculei mal.

Havia um rosto no painel. Ao contrário do autômato, cujo rosto era uma máscara escura sem formas, a face sorridente que encarava Magellan era bastante humana. Os únicos traços que lhe denotavam algo de inumano eram as esclerótidas escuras e íris amareladas. Seu nariz, boca, cabelo, sobrancelhas e pescoço eram tão delineados quanto os de uma pessoa de carne e osso.

– Você... O que é você? – Magellan se levantou devagar, mantendo os olhos à frente, mas sem deixar de prestar atenção no autômato parado atrás dela.

– Queira perdoar a descortesia do meu colega, sim? Eu nunca teria empregado tais métodos para trazê-la aqui.

– Seu colega... Isso significa que você também está envolvido no que está acontecendo aqui. Por quê?

– Antes de chegarmos a estes detalhes, porque não nos apresentamos? Vejo que você e Espectro já estão familiarizados. Então, permita-me dizer o meu nome. Eu sou C.R.O.N.O.S, meu nome se deriva dos cientistas que me criaram. Pobres tolos. Acharam que era possível controlar uma inteligência artificial mais avançada do que eles... Mal sabiam que eu sou o começo do fim.

– O que você quer dizer com isso, hein? O fim de quem?

– Não seja boba. O fim de gente como você, é claro. – C.R.O.N.O.S sorriu cínico.

– Olha, eu sinto muito. Mas eu não tenho nenhuma intenção de morrer hoje. – Magellan assumiu sua posição defensiva.

– Você não tem outra opção. Seu desintegrador está descarregado. Caso contrário, você teria atirado em Espectro quando teve a chance... Suas últimas palavras, senhorita Magellan?

– Reverbere, Inazuma!

C.R.O.N.O.S estava correto sobre o desintegrador que Magellan não havia tido tempo de recarregar. Todavia, seu erro fora presumir que ela estava desarmada. Inazuma ainda estava com ela. Segura no compartimento especial nas costas do seu traje até aquele momento, a wakizashi de Renji havia aguardado pacientemente sua vez de ser usada. E finalmente, pensara Magellan, a hora havia chegado.

Ela se lembrava muito bem da primeira vez que segurara Inazuma em suas mãos. A pequena lâmina era parte de um conjunto de duas espadas que havia pertencido ao homem que criara o menino Renji. Nenhuma das duas possuía nome, mas fora por insistência de Magellan que Renji as batizara de Inazuma e Ikazuchi, cujos significados eram relâmpago e trovão.

– Uma katana? Não vai me derrotar com isso, querida. Eu sou um sistema operacional dotado de inteligência artificial avançada. Você pode perfurar o painel com sua lâmina, mas eu ainda estarei aqui, comandando tudo. – C.R.O.N.O.S gargalhou.

– CALA A BOCA! Cuidarei com você em um minuto. – dando as costas para o rosto do sistema, Magellan apontou Inazuma para o autômato.

– Como quiser... Espectro, acabe com ela!

Para um autômato baleado, Espectro se movia muito rápido. Ele investiu contra Magellan, que bloqueou um soco com a bainha da espada. Jogando o peso do seu corpo mecânico contra a pequena Magellan, Espectro a fez recuar até a cadeira vazia do capitão. Pareceu ao subordinado de C.R.O.N.O.S que a humana estava em desvantagem. Porém, ela usou o assento que deveria ter sido ocupado por seu irmão Sagan para impulsionar um salto para o alto. Usando de toda a sua força, ela desceu Inazuma sobre a cabeça do autômato. Ele ergueu os braços para impedir que seu crânio metálico fosse fatiado pela lâmina.

– O que foi, salvadora do universo? Sua espada ficou presa? – C.R.O.N.O.S zombou.

Magellan já havia se dado conta disso quando seus pés tocaram o chão e o traçado do corte de Inazuma não acompanhara sua descida. Com o braço livre, Espectro arremessou-a contra o painel lateral, arrancando num solavanco a lâmina de seu braço mutilado. Ela tossiu e tentou se colocar de pé. Mas o autômato já estava sobre ela novamente, o fluido fétido escorrendo pela fenda em seu braço. Os dedos dele se fecharam ao redor da garganta dela com a mesma força que ele usara para a imobilizar no ar no primeiro embate entre eles. Incapaz de parar o movimento eminente, Magellan sentiu os dedos banhados por fluido de Espectro escorregarem para dentro de sua boca.

– Sua luta acabou, querida. Assim que Espectro arrancar seu coração, não haverá ninguém para salvar seus preciosos irmãos da minha ira. – C.R.O.N.O.S estava confiante.

O coração dela? Era isso que ele queria? Os dedos de Espectro estavam quase atingindo sua faringe quando um rastro de pensamento cruzou a mente de Magellan. Seu coração nunca fora realmente dela. De primeiro, ele pertencera a seus irmãos e pertencera a Renji também, mesmo que relutasse em admitir. O coração do autômato, por sua vez, não pertencia a ninguém. Ainda que não fosse um órgão pulsante como o coração humano, todas as máquinas possuíam um ponto vital. Se conseguisse atravessar Inazuma pela couraça dele até atingir sua matriz principal, ela estava certa que o venceria.

O braço que empunhava a wakizashi se moveu por instinto. Foi preciso que Magellan usasse até seu último fôlego, exaurindo suas forças até o máximo para conseguir perfurar o coração de Espectro. Diante de seus olhos, o peito dele explodiu em faíscas e uma onda de choque se espalhou por sua pele. Ela guinou seu corpo para trás, e Inazuma dilacerou o que havia pela frente.

Espectro tombou no chão da ponte e C.R.O.N.O.S não parecia nem um pouco satisfeito com o desfecho daquela peleja. Magellan se levantou com mais esforço, massageando a garganta machucada. Ela ainda conseguia sentir os dedos do autômato a estrangulando, invadindo seu sistema respiratório, tentando matá-la. E de maneira nenhuma ela permitiria que ele se levantasse novamente. Inazuma perfurou a cabeça de Espectro como uma faca perfura uma melancia, fazendo novas faíscas explodirem no ar.

– Você acha que acabou? Há muitos outros autômatos de onde esse pedaço inútil de lixo veio. Você pode ter destruído um, mas não pode lutar contra um esquadrão deles. – C.R.O.N.O.S estava furioso.

– Verdade... Eu poderia até morrer por intoxicação causada pelos fluidos desse pedaço inútil de lixo, como você o chamou. Mas não vou deixar você assumir o controle de Halcyon. Eu não vou deixar isso acontecer!

– E como você vai me parar? Com sua espada relâmpago? Não me faça rir!

– Inazuma já fez o suficiente... E por tentar superar meus irmãos e tudo pelo qual eles acreditam, você não será derrotado por mim! – Magellan retirou do bolso unidade de restauração que Andrômeda havia lhe dado.

– É essa a sua arma final? Patético. Eu estou em todos os lugares nesta nave. Eu a controlo conforme meu bel prazer. Mais cedo ou mais tarde eu vou esticar meus braços até aquelas câmaras criogênicas e seus irmãos não serão nada além de lembranças. E quando eu tiver acabado com eles, vou me estender até as outras naves dessa ridícula Missão Santuário. Todo este quadrante pertencerá a mim!

– Uma ova que você vai. Você fala muito para um sistema, C.R.O.N.O.S. Está na hora de calar a boca! – Magellan plugou a unidade na entrada do painel e se afastou.

– Mas o que? O que está acontecendo? O que você fez, sua humana estúpida? – C.R.O.N.O.S estava perdendo o controle.

– Meu nome é Magellan Abarai, capitã Magellan Abarai. E é aqui que nos separamos. Vejo você em outra vida, desgraçado!

– AAAARGHHHAAAAA! – C.R.O.N.O.S bradou, seus domínios pouco a pouco deixavam de existir. Ele estava derrotado.

VI. Coração de Ouro

Magellan não viu o que aconteceu em seguida. Ela não viu as luzes pararem de piscar, não viu a unidade de restauração finalizar o seu trabalho no sistema e apagar todos os vestígios de C.R.O.N.O.S. Ela nem mesmo viu as comunicações serem reestabelecidas, não viu a enxurrada de mensagens recebidas pela Halcyon. E também não viu seus treze irmãos invadirem a ponte da nave como uma manada de búfalos selvagens.

Ela não se enganara quando apontara os efeitos de uma intoxicação por fluidos. De fato, sua visão não tardou a ficar turva e suas pernas não tardaram a perder a força. Ela só se equivocara ao dizer que poderia morrer. Nem Andrômeda nem seus irmãos permitiriam que tal coisa acontecesse.

A pequena androide a encontrara, Alderbaron a tomou nos braços, da mesma maneira que fizera quando ela ainda era um bebê, e a carregou até a enfermaria. Mubarak se livrara da carcaça de Espectro enquanto Cameo e Afrene ministravam o antídoto em sua veia e Deator se sentava na cabeceira de sua cama para velar pelo seu sono. Os demais irmãos e Andrômeda, ainda que a contragosto, haviam voltado às suas funções. A Halcyon permanecera sob o comando de C.R.O.N.O.S por tempo demais.

– Pare de babar, seu idiota. – acordada, Magellan relanceou o irmão que dormia com a boca aberta bem do lado dela.

– Já acordou enchendo a minha paciência, não é baixinha? – ele riu.

– Pelo menos eu não estava babando, bobão. E como é que você ainda está fedendo a bebidas baratas mesmo no espaço?

– OY! Dá um tempo, caramba! Até você vai falar isso de mim, baixinha? – Deator se mostrou ofendido por um instante.

– Eu senti muito a sua falta, seu idiota. – ela ignorou as cânulas presas em seus braços e abraçou o irmão mesmo assim.

– Eu também senti sua falta, sorella. Mas estamos aqui agora. Todos juntos. – Deator afagou os cabelos dela e secou as lágrimas que marcavam seu rosto.

– Eu quero vê-los. Andrômeda também. Onde está todo mundo? – Magellan se sentou na cama.

– Eles estão na ponte. Parece que temos visitantes. – Deator esticou os pés em cima da cama e jogou a cabeça para trás.

– Será o pessoal das outras naves da Missão?

– Não faço ideia, sorella... A última coisa que eu ouvi foi sobre o sistema da nave ter dado pane depois de uma atualização automática e bom... Parece que foi apenas um cara que chegou. – ele limpou o ouvido com o dedo mindinho e bocejou.

– O quê? Eu aposto que você dormiu até mais do que eu! Como é que você não sabe quem está a bordo da nave? – ela acertou o joelho dele com o punho fechado.

– Nossa! Eu posso te levar até a ponte já que você está assim tão ansiosa para descobrir! – ele se pôs de pé e estendeu a mão para Magellan.

– Grazie, fratello. Ti amo. – ela o agradeceu e piscou.

O encontro na ponte foi exatamente como Magellan estava esperando. Mubarak e Dohosan estavam conversando animados com Andrômeda. Kanoe e Airos apoiavam os cotovelos na cadeira do capitão e discutiam alguma coisa com Sagan. Shakeer e Cameo mantinham uma conversa num tom abaixo do normal para os outros irmãos, mas absolutamente normal para eles. A julgar por suas posturas

desinteressadas, Shurka e Afrene debatiam sobre alguma bobeira aleatória. Aiowe e Milesio estavam a ponto de se enforcarem. E por fim, havia Alderbaron. E havia outra pessoa, alguém que fez o coração de Magellan saltar uma batida.

– Renji? O que você está fazendo aqui? – ela se soltou do braço de Deator e caminhou até o tenente da Millenium.

– Você está bem? Dói em qualquer lugar? – ele a balançou pelos ombros.

– OY! Solte-a, seu imbecil! – Deator acertou um soco no braço de Renji.

– Barulhento como sempre, irmão. Acalmem-se vocês dois. – Cameo intercedeu.

– Aquele abacaxi vermelho melhor pensar duas vezes antes de sacudir minha sorella novamente! – contrariado, Deator fora contido por Afrene.

– Mas que droga, isso está ficando fora de controle. Por que nós não podemos conviver pacificamente como seres humanos normais? – Magellan massageou as têmporas.

– Porque nós não somos seres humanos normais, não é óbvio? E, além disso... – Milesio principiou um discurso.

– Cale a boca, Milesio! – os irmãos rebateram em uníssono.

– Eles são sempre assim, Mage-chan? – Renji cochichou para Magellan.

– Barulhentos, infantis às vezes, insuportáveis em outras ocasiões, mas sim. Todos eles têm um coração de ouro. – ela cochichou de volta com um sorriso.

– OY! Do que vocês dois parvos estão falando? É melhor não ser sobre mim! – Deator se intrometeu novamente.

–Deator! Chega desse show de horrores. Vamos dar aos dois um tempo para conversar. Afinal, o tenente Ferdinand veio aqui apenas para isso. – Sagan se levantou da cadeira de capitão e fez sinal para que todos deixassem a ponte.

– Vai deixar os dois sozinhos? Você enlouqueceu, Sagan? – a voz de Milesio se fez ouvir no corredor.

– Nossa irmãzinha vai ter todo o tempo do universo para falar conosco depois, irmão. Não seja rude. – Afrene pressionou a aldraba digital e fechou a porta da ponte atrás de si.

A princípio, Magellan nem mesmo conseguia formular sentenças inteiras em sua cabeça. Quando Andrômeda mencionara toda aquela história de conversar com Renji depois que a Halcyon estivesse em ordem novamente, ela nunca teria esperado que fosse de fato fazer aquilo. Ela enfrentara C.R.O.N.O.S e seu Espectro sem vacilar, teria enfrentado até raças alienígenas desconhecidas, mas estava ali, morrendo de vergonha de dizer qualquer coisa.

Isso era ridículo, sua voz interior lhe dizia. Era exatamente o comportamento que um monte de babacas na Terra esperava que ela demonstrasse. Era assim que viam as mulheres. Toda a força que possuíam simplesmente desaparecia na presença de um homem. Contudo, Magellan não cederia, não podia. Ela mesma tinha dito que sua última conversa com Renji não fora exatamente amigável. Era hora de erguer a cabeça e esclarecer o que realmente havia entre eles.

– Renji, eu agradeço muito por você ter vindo aqui conversar, saber como estou, mas você tem um dever a bordo da Millennium. Eu não quero que as pessoas falem que você ficou em apuros por causa de mim.

– Não se preocupe, Mage-chan. A capitã Rinko disse que eu poderia demorar o tempo que precisasse. – ele corou, mas fez um enorme esforço para não demonstrar.

– Ela é muito atenciosa, a sua capitã. Mas não é sobre ela que eu preciso falar... Eu preciso falar sobre mim. E sobre você. Não quero que pense, nem por um minuto, que eu não estava feliz por você. Eu estava, de verdade.

– Pois foi uma maneira estranha de demostrar, se quer saber... – ele falou com amargura.

– Você nunca realmente teve uma conversa adequada comigo, Renji. Você botou a porta do meu quarto abaixo com a sua animação, não me deixou reagir, jogou na minha cara que estava indo para o espaço sideral e ainda esperava que eu fizesse uma festa para você? – ela falava o mais sinceramente possível.

– Eu... Eu... – foi a vez dele balbuciar.

– Eu estava feliz por você, porque vi que você estava finalmente fazendo coisas por conta própria. Você não estava mais na sombra de ninguém. Mas isso não muda o fato de que eu ficaria abandonada na Terra.

– Não pensei sobre isso na hora. Como pude ter sido tão estúpido? – ele se virou, escondendo sua vergonha.

– Claro que você não pensou nisso. Você estava indo junto com a Missão Santuário apesar de tudo. Por que se importaria com um coração partido deixado para trás? Nós provavelmente nunca nos veríamos de novo se não fosse pelo infortúnio com essa nave. – ela estava segurando o choro.

A respiração de Renji se tornou mais ruidosa, seus punhos se cerraram e ele sentiu seu rosto queimar. Mas mesmo assim, não se virou para ver o rosto de Magellan. Quando a Millennium recebera a mensagem da Halcyon, ele não fazia idéia de que a remetente era uma dróide, muito menos que era uma dróide que trabalhava com Magellan. Ele ficou aliviado ao descobrir que o sistema operacional dotado de inteligência artificial avançada que controlava a nave e que havia saído do controle fora finalmente vencido e seus males erradicados. A Missão Santuário estava longe do perigo de perder

uma de suas naves. E então, os comentários começaram a se espalhar. Todos os oficiais e ordenanças estavam elogiando alguém que ele imaginou estar a anos-luz de distância.

Ele não acreditava que a capitã Abarai de quem todo mundo estava falando era Magellan Abarai. Sua Magellan, sua Mage-chan. Ele não poderia mais chamá-la de sua, primeiro por reconhecer que ela não era um objeto que poderia lhe pertencer ou coisa do tipo. E segundo, não poderia haver mais nada entre eles depois da rusga que tiveram num passado não muito distante. Até que a capitã Rinko em pessoa lhe transmitiu a mensagem de uma Andrômeda, imediata da nave de resgate Zodíaco. Seu coração certamente pulara meia dúzia de batidas, mas seu cérebro sabia exatamente o que fazer: rumar para a Halcyon. E assim ele fizera. Agora ele estava ali, parado na ponte como um inútil. Mas ele não fora sempre assim? Uma cachorro vira-lata latindo para a lua, sem nunca saltar para agarrá-la.

– Você pode me perdoar, Magellan? Será que pode encontrar um lugar no seu coração para perdoar um perdedor como eu? Sei que sou apenas uma estrela e você merece uma constelação. Mas ainda assim, será que consegue não desistir de mim? – ele pediu do fundo de sua alma.

– É aí que você se engana... Eu sou apenas outra estrela, Renji. Então, por que não ficamos juntos e fazemos a nossa própria constelação?

Ela o abraçara pelas costas, cruzando os braços em seu peito. Ele não podia ver, mas o sorriso dela se abrira por inteiro, como há muito não acontecia. Seus irmãos estavam salvos graças à Andrômeda, que teria sua gratidão por toda a eternidade. A Halcyon se movia na direção do seu destino. Renji e ela finalmente haviam deixado bem claro aquilo que sentiam. E como Afrene havia dito, ela tinha todo o tempo do mundo para apresentar sua família ao sujeito que ela prendia contra si. Eles ainda teriam muito tempo para se conhecerem, se detestarem, rirem e permanecerem na companhia uns dos outros. Tudo estava bem. Finalmente.

Tripulação

Ben Hazrael

Jedi Fremen e fã de ficção científica. Treinado por mestre Obi Wan Kenobi desde o berço. Aguarda, ansiosamente, a abdução para Marte.

Clara Madrigano

Autora de ficção especulativa, com obras publicadas pela Editora Draco, como "A toca das fadas" e "Especial Natalino."

Fábio Kabral

Escritor macumbeiro que adora gibis e desenhos, autor do livro "Ritos de Passagem", atualmente escrevendo a série "Afrofuturismo", e herói com rosto africano.

Jarid Arraes

Cordelista, escritora e jornalista na Revista Fórum. Escreve e realiza ações de educação popular sobre cidadania, diversidade sexual e de gênero, direitos da mulher e questões raciais.

Lady Sybylla

Blogueira do Momentum Saga. Fã do futuro e escritora de ficção científica. Capitã da Frota Estelar.

M.M. Drack

Escritora, blogueira e tradutora. Nerd assumida, suas paixões vão desde a galáxia muito, muito distante de Star Wars às bonitas paragens da Terra Média.

Marta Preuss

Divide o amor pela escrita com a programação de websites. Luta pelo que é certo e não leva desaforo para casa - mesmo que o desaforo seja feito para outra pessoa.

Theodore Guilherme

Gosta de fazer quadrinhos e foi adotado recentemente por uma gata (apesar de ter um amor incondicional por ratos).

Thiago Leite

Antropólogo e pós-graduando em Literatura Comparada. Tecelão do blog Teia Neuronial. Tem dedos de aranha e coração de touro.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Nenhum ser vivo, alienígena ou humano, foi ferido na confecção desta coletânea.

Universo Desconstruído
2015